



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA**

NATALIA SUSIN CECHINATO

**O IMAGINÁRIO DE CAXIAS DO SUL NAS CRÔNICAS PUBLICADAS EM
JORNAIS LOCAIS, ENTRE 1900 E 1930**

**CAXIAS DO SUL
2019**



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA**

NATALIA SUSIN CECHINATO

**O IMAGINÁRIO DE CAXIAS DO SUL NAS CRÔNICAS PUBLICADAS EM
JORNAIS LOCAIS, ENTRE 1900 E 1930**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Ceccagno.
Coorientadora: Prof. Dr. Natalia Borges
Polesso

**CAXIAS DO SUL
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C387i Cechinato, Natália Susin

O imaginário de Caxias do Sul nas crônicas publicadas em jornais locais, entre 1900 e 1930 / Natália Susin Cechinato. – 2019.

133 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2019.

Orientação: Douglas Ceccagno.

Coorientação: Natalia Borges Polesso.

1. Crônicas - Crítica e interpretação. 2. Jornais - Caxias do Sul (RS). 3. Memória coletiva na literatura. I. Ceccagno, Douglas, orient. II. Polesso, Natalia Borges, coorient. III. Título.

CDU 2. ed.: 82-94.09

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

O imaginário urbano de Caxias do Sul, nas crônicas publicadas em jornais locais, entre 1900 e 1930

Natalia Susin Cechinato

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 20 de agosto de 2019.

Banca Examinadora:

Dra. Alessandra Paula Rech
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Douglas Ceccagno
Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Natalia Borges Polesso
Coorientadora
Universidade de Caxias do Sul

Participação via videoconferência

Dra. Regina Kohlrausch
Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Dr. Douglas Ceccagno, que acolheu este trabalho em pleno desenvolvimento e que, com tranquilidade e precisão, mostrou-me qual caminho seguir.

Agradeço à minha coorientadora Dra. Natalia Borges Polesso que, é claro, indicou muitas possibilidades desta pesquisa, mas que, para além disso, ensina-me a cada conversa como tornar-me alguém melhor no mundo.

Aos professores Dra. Alessandra Rech e Dr. Marcell Bocchese, que foram os primeiros incentivadores desta pesquisa.

Agradeço à minha mãe, Maria Inês Susin, minha eterna companheira de vida, por apoiar cada um dos meus sonhos. Este trabalho é também seu.

Aos meus primos irmãos, Alecs Susin e Maurício Frizzo que, mesmo de longe, ouviram os intermináveis discursos de um só assunto. E que abriram as portas das suas casas, para que eu pudesse ver as coisas de outro ângulo.

Aos meus amigos: Pedro Guerra e Luísa de Lucena, que não estão, apenas são. Grata eu sou por dividir com vocês as fatias da nossa vida nos últimos anos.

Aos que chegaram até minha história com o mestrado: professores, colegas e amigos que fiz ao longo do caminho. À escrituária Daniela Pioner, por todo o apoio e compreensão ao longo desse período. Aos colegas Roberto Menegotto e Carina Monteiro Dias, pelo incentivo, apoio e conselhos intermináveis sobre o curso.

RESUMO

Esta dissertação investiga a representação do imaginário urbano nas crônicas publicadas em jornais de Caxias do Sul, entre 1900 e 1930. Por meio da coleta e seleção de crônicas inéditas em pesquisa, que estão disponíveis no acervo digital da Câmara Municipal de Vereadores, observam-se aspectos relacionados ao desenvolvimento urbano e cultural da cidade. Para tanto, o conjunto de crônicas será analisado a partir de quatro eixos: 1. O trem; 2. A praça; 3. A rua; e 4. O cinema. A pesquisa toma como suporte teórico e crítico as discussões de Berman (2007) e Sarlo (2010) sobre a modernidade, Castoriadis (2000) e Pesavento (1999) sobre o imaginário da cidade.

Palavras-chave: Crônica. Imaginário. Modernidade. Caxias do Sul.

ABSTRACT

This dissertation investigates the representation of the urban imaginary in the chronicles published in newspapers of Caxias do Sul, between 1900-1930. Through the gathering and selection of unpublished chronicles on research, which are available in the digital collection of the Câmara Municipal de Vereadores, we observe aspects related to the urban and cultural development of the city. For this, the set of chronicles will be analyzed from four axes of analysis: 1. The train; 2. The square; 3. The street; and 4. The cinema. The research takes as theoretical and critical support the discussions of Marshall Berman (2007) and Beatriz Sarlo (2010) on modernity, Castoriadis (2000) and Pesavento (1999), about the imaginary of the city.

Key words: Chronicle. Imaginary. Modernity. Caxias do Sul.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. MODERNIDADE, IMAGINÁRIO E CRÔNICA	15
2.1 IMAGINÁRIO E CIDADE	27
2.2 CRÔNICA BRASILEIRA.....	38
3. O DESENVOLVIMENTO DE CAXIAS DO SUL E A IMPRENSA LOCAL.....	49
3.1 A FORMAÇÃO DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL	53
3.2 A IMPRENSA CAXIENSE	57
4. CAXIAS DO SUL, A CRÔNICA E O IMAGINÁRIO	67
4.1 O TREM	68
4.2 A RUA.....	77
4.3 A PRAÇA.....	86
4.4 O CINEMA	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	119

1 INTRODUÇÃO

A crônica é o gênero que está no limiar entre o jornalismo e a literatura. Nos dois últimos séculos, passou por mudanças, tanto na sua linguagem, como na forma de veiculação, e adquiriu um caráter menos informativo e mais literário. Para o estudioso da crônica Jorge de Sá (2001, p. 7), este tipo de texto “conservou a marca de registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata um fato e não mais a um só receptor privilegiado”. Na atualidade, a crônica pode manter o caráter de registro e também atinge um público mais amplo, isso pode se dar em função da publicação em diversos meios de comunicação, como é o exemplo dos textos desse gênero que migram para a televisão e para a *Internet*.

No campo da escrita jornalística, o pesquisador José Marques de Melo (1994) chama a atenção para o processo de registro de uma notícia e para o motivo que justifica a sua publicação. A partir desta afirmativa, pode-se traçar um paralelo entre o que é crônica e o que é notícia, uma vez que ambos os gêneros tratam do factual, como gérmen do texto:

Tais processos, que envolvem de um lado as instituições jornalísticas e de outro as coletividades em que atuam, articulando-se necessariamente com o organismo social de que se nutrem e se transformam, podem ser imediatamente observáveis através do relato do real que constitui o seu traço marcante. Em outras palavras, do seu discurso manifesto. (MARQUES DE MELO, 1994, p. 36-37)

O excerto destaca aspectos do meio em que o gênero jornalístico literário emergiu¹. O questionamento que surge a partir da afirmativa de Melo sobre as estruturas jornalísticas é se o cronista deve servir ou não a esses modelos comunicacionais, mesmo que sua percepção de realidade seja oposta à empresa que ele representa. Para o autor, a crônica é parte do jornalismo opinativo e, por isso, acredita que o cronista coloca em seus textos os valores sobre um fato, e não somente o fato por si mesmo - algo que é facilmente notado nas crônicas que relatam algum acontecimento de alto impacto na comunidade que a lê.

É válido ressaltar que a crônica costuma ser vista como parte do jornalismo que transita para o campo literário, porque os cronistas lançam mão de recursos estilísticos próprios da literatura para a construção de seus textos. Alguns exemplos são: o uso da ironia para abordar assuntos polêmicos; as figuras de linguagem e a escrita fluida (próxima da oralidade).

¹ A crônica está presente nos jornais brasileiros desde o século XIX, porém, tanto a estrutura, como o conteúdo eram completamente diferentes das que conhecemos hoje. Nessa época, os textos apareciam organizados por capítulos e alguns romances foram inteiramente publicados nesse formato: o folhetim. Ao longo do tempo, o gênero passou a ocupar um espaço de interpretação dos acontecimentos e, atualmente, dos assuntos cotidianos. (COUTINHO, 1989)

A respeito do papel social da crônica, algo que justifica a presente pesquisa, Candido (1980, p. 6) aponta para a sua “função de mediadora entre a ótica da comunidade ou dos grupos sociais a que a instituição jornalística se dirige”. A crônica não existiria, se não fossem os fatos e, mesmo que os textos desse gênero tenham por princípio a efemeridade, eles se aproximam da notícia, à medida que também são passageiros. Ambas, além de prazo de validade pré-estabelecido conforme sua relevância na sociedade, deveriam ser lidas como relato pessoal sobre a experiência do próprio jornalista e do cronista, à revelia de concordarem ou não com a linha editorial do jornal.

A crônica exerce, portanto, um papel social e se constitui tanto como texto literário, quanto como documento histórico. Candido (1980, p. 8) assevera que “o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca da oralidade na escrita, isto é, na quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo”. Em outros termos, pode-se afirmar que a crônica possibilita o estudo de diferentes aspectos sociais, econômicos, políticos etc. de uma determinada época e lugar, inclusive a partir do emprego da linguagem. O autor ainda lembra que a crônica e os cronistas são transitórios, funcionando como um espelho do que é o próprio jornal:

Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ficar, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão.(CANDIDO, 1980, p. 6)

Infere-se da afirmação de Candido (1980), que a crônica é parte de uma história, às vezes, esquecida pelos pesquisadores e, no caso desta pesquisa, da relevância para a própria história da cidade, com a qual ela se relaciona intimamente. A linguagem, a técnica empregada pelos cronistas e as experiências dos autores formam um conjunto de representações e visões do mundo que possibilitam, para o pesquisador, construir um novo olhar sobre a cidade e, no caso em tela, sobre a Caxias do Sul da primeira metade do século XX.

Portanto, a pesquisa em fontes primárias, como são os jornais locais, mostra-se fundamental para a escrita da história da literatura e jornalismo caxienses. Outros periódicos, como por exemplo as revistas, são um tipo de mídia tradicionalmente segmentada e de menor periodicidade. Já o jornal, aparece no cenário urbano local como um meio mais acessível, em razão do valor reduzido, fato que aumenta a abrangência do público consumidor deste produto.

A partir de uma pesquisa no acervo digital do Centro de Memória da Câmara Municipal de Vereadores, foram identificadas crônicas já nos primeiros jornais publicados em Caxias do Sul, quando os periódicos tinham em torno de quatro páginas e eram publicados quinzenal ou

mensalmente. Para além do conteúdo das publicações, chama à atenção que a diagramação se desenvolveu ao longo do século XX, criando espaços que garantiram o aumento da visibilidade para esse gênero jornalístico-literário.

As temáticas apresentadas nas crônicas, de modo geral, apontam para a crítica aos costumes e infraestrutura da cidade. Como nessa época o sistema literário da Serra Gaúcha era incipiente, a produção cronística também era embrionária. A produção literária existia, porém não era planejada no sentido de reconhecer os escritores, divulgar as produções, nem fomentar a leitura. Muitas crônicas desse período (início do século XX), por exemplo, não apresentavam autoria ou eram assinadas com pseudônimos, de forma que é impossível identificar se os autores eram de Caxias do Sul, ou se as crônicas eram extraídas de outros periódicos para serem inseridas na publicação local, assim como se fazia com trechos de romances, publicados em formato folhetim, de autores como Machado de Assis e Émile Zola.

A partir das representações, veremos na análise, que as crônicas, apesar do lirismo e da subjetividade, apresentam uma carga de historicidade que pode ser analisada à luz dos objetivos aqui propostos. A pesquisadora Sandra Jatahy Pesavento (1999) chama de “níveis de aproximação com o real” o fato de os historiadores serem sujeitos de um tempo e olharem para o passado tentando interpretá-lo. Para autora, no entanto:

[...] esta reconstrução organizada de uma temporalidade envolve questões delicadas: trata-se de ambiências, socialidades, formas de pensar, valores, racionalidades e sensibilidades outras, que o filtro do passado coloca em suspenso e dificulta a apreensão. Em suma, este é o grande desafio do historiador, viajante no tempo: como recuperar para os leitores de hoje - e para si próprios, em primeiro lugar - as motivações e os imaginários que guiavam as ações dos homens de uma outra época. (PESAVENTO, 1999, p. 821)

Mas, se o historiador tem como maior desafio o filtro do passado em que não viveu, os cronistas não bebem da mesma fonte, pois as crônicas geralmente são impressões de um tempo presente. A história que subjaz aos seus textos é vista do tempo atual - e o que é mais relevante: os cronistas partem de suas próprias experiências de cidade para escrever sobre ela. Nessa linha de pensamento, busca-se, por meio das crônicas selecionadas para análise, contribuir tanto para uma história cultural da cidade, quanto para uma história da literatura de Caxias do Sul, com vistas a lançar luzes sobre o seu desenvolvimento.

Acredita-se que as impressões poéticas dos cronistas colaboram para entender algumas questões que ainda permanecem obscuras a respeito da cultura e da identidade caxienses. Como é o exemplo das crônicas sobre a religiosidade em Caxias do Sul, nas quais observaremos a representação do catolicismo como única forma de prática religiosa na cidade.

Para tanto, a questão que norteia esta pesquisa é: de que forma o imaginário urbano de Caxias do Sul está representado nas crônicas dos jornais locais, nas primeiras três décadas do século XX? Dessa maneira, o trabalho objetiva investigar essas representações do imaginário urbano e moderno nas crônicas publicadas de 1900 até 1930, em Caxias do Sul.

Com a finalidade de responder à questão norteadora, alguns objetivos específicos foram definidos, são eles: estudar o desenvolvimento da crônica no Brasil, para entender como foi o percurso do gênero e a ambientação no país; tecer um breve histórico da imigração em sintonia com a imprensa caxiense, buscando identificar o papel da crônica nos periódicos locais; categorizar as crônicas encontradas nos jornais publicados de 1900 até 1930; analisar a representação do imaginário urbano, do ponto de vista do desejo da cidade em tornar-se uma metrópole moderna, observando pontualmente os lugares de sociabilidade.

A pesquisa considera as ideias de Antonio Candido (1980), no ensaio *A vida ao rés do chão*, que trata da essência e relevância da crônica como parte da literatura. Ele comenta que é a escrita que se aproxima do público no contexto dos periódicos. O autor acredita na brasilidade genuína da crônica pela forma natural com que os leitores a aceitaram nos jornais do país. Além disso, “o caráter transitório e cômico favoreceram a ascensão e a consolidação da crônica no Brasil”, de acordo com Candido (1980, p. 11).

Para a discussão a respeito da ação da literatura sobre o imaginário da cidade, será utilizada a obra de Sandra Jatahy Pesavento (1999), *O imaginário da cidade*, em que a pesquisadora recorre à crônica para estudar a representação do espaço urbano mais próxima do real, retomando algumas imagens de metrópoles como Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre - esta com seus desafios como uma capital ainda em desenvolvimento, entre os séculos XIX e XX.

Pesavento (1999) aborda as crônicas de Porto Alegre e observa o desejo da cidade de ser uma metrópole. Nesse sentido, o estudo da autora dialoga com a presente pesquisa, já que os discursos analisados por ela também estão presentes nas crônicas selecionadas para este estudo. Além disso, as crônicas de Caxias do Sul trazem diversos símbolos da urbanização, como as praças, as avenidas, as ruas e o trem.

Outro aspecto evidenciado por Pesavento (1999) é o da percepção da espacialidade via representação de ruas e locais importantes no desenvolvimento da urbe. Nas crônicas em análise, é possível que se percorra a cidade pelo olhar do cronista, o qual, segundo Pesavento, “é o grande catalisador do imaginário urbano” (PESAVENTO, 1999, p. 23).

A presente pesquisa utiliza uma estratégia metodológica que leva em conta 1) a coleta de material empírico (crônicas) em fontes primárias (jornais) e 2) a análise de conteúdo das

crônicas selecionadas. A primeira etapa consiste em buscar as crônicas nos jornais locais da primeira metade do século XX, que façam menções à cidade de Caxias do Sul. É importante lembrar que, pelo fato de os cronistas terem vivenciado a época em que redigiram seus textos, eles constituem fontes primárias do trabalho.

Deve-se considerar que a pesquisa qualitativa deixou de ser rigorosamente baseada na existência ou não de determinadas características de um estudo. Hoje, ela é feita de forma crítica, porque a nova maneira de realizar esse tipo de pesquisa permite o uso de inferências, o que vai ao encontro da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2009). A autora acredita que esse método investigativo constitui um conjunto de técnicas de análise, cujas fases de pesquisa são: “1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação” (BARDIN, 2009, p.121).

Segundo Bardin (2009, p. 122), a primeira parte da Análise de Conteúdo é descobrir, dentro de um “universo de documentos de análise”, quais deles serão submetidos ao olhar detalhado do pesquisador, ou seja, a quais documentos a pesquisa irá se restringir. Na segunda fase, acontece a exploração desse material, o que significa, nesta pesquisa, organizar o material de forma a entender quais são as representações do espaço urbano presentes no texto e para onde elas apontam. No terceiro passo proposto por Bardin, são feitas as inferências, sempre com o apoio de fundamentação teórica e crítica adequada ao tema.

A presente pesquisa utiliza o portal da Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul para a coleta das crônicas. No *site*, está disponível grande parte dos exemplares de jornais já publicados na cidade, sendo que o primeiro periódico a que se tem acesso data do ano de 1897. É importante ressaltar que as primeiras edições publicadas em Caxias do Sul eram diferentes do que se conhece hoje no sentido da periodicidade, e eram veiculadas com menor frequência: algumas eram mensais ou quinzenais.

Destaca-se que, no projeto gráfico, por exemplo, não existia nenhum espaço especialmente destinado ao gênero em discussão. Dessa forma, foi necessário folhear virtualmente cada um dos exemplares para formar o conjunto e categorizar os textos conforme o que se determina como crônica no presente estudo. Após a seleção e exploração das crônicas, foram identificados quatro eixos temáticos recorrentes nos jornais de Caxias do Sul, quais sejam: 1- o trem, que representou a chegada do progresso à cidade; 2- a rua que, mesmo com todas as críticas à manutenção, ainda assim representou um local de observação dos costumes citadinos; 3- a praça, representante da sociabilidade e modernidade, conforme as crônicas que descrevem os projetos para o local; e 4- o cinema, que movimentou o imaginário da cidade,

pois representou um local de convivência e possibilitou a imersão em outras culturas, pelos filmes exibidos.

Tendo em vista os objetivos e o tema em evidência, a presente pesquisa estrutura-se da seguinte forma: no segundo capítulo apresentaremos um panorama da Modernidade. Reflexões como as de Marshall Berman (2007) e Walter Benjamin (2000), servirão de apoio para discutir tal processo e, com um olhar voltado especialmente para América do Sul, trataremos as ideias de Beatriz Sarlo (2010), que reconhece a posição dos países colonizados, onde a modernidade chegou tardiamente. Em seguida, trataremos do imaginário da cidade, considerando os estudos de Cornelius Castoriadis (2000) sobre a instituição imaginária da sociedade e o seu tecido simbólico, algo que abre diálogo com as pesquisas de Sandra Pesavento (1999), que disserta sobre a reconstrução simbólica da cidade, pelo olhar múltiplo dos cronistas. Por fim, trataremos da crônica como gênero literário e jornalístico que, além de híbrido, é identificado como uma experiência urbana, já que a maior parte dos autores tem um olhar particular sobre a cidade, como foram os casos de Lima Barreto e João do Rio.

No terceiro capítulo, trataremos do processo de imigração no Brasil, como uma forma de situar o olhar dos cronistas e entender o motivo pelos quais houve uma busca, por parte dos imigrantes, para tornar as cidades brasileiras em europeias, algo que também foi representado nas crônicas publicadas em jornais brasileiros. Depois, buscaremos, através da bibliografia disponível, investigar a história da formação urbana de Caxias do Sul, pois entendemos que, neste processo de modernização é que muitos imaginários ficaram latentes e puderam ser representados nos periódicos locais, como nas ideias apresentadas nos estudos de Gilbert Durand (2012). Depois, discorreremos acerca da história da imprensa caxiense, que está interligada ao desenvolvimento da cidade, já que era o único meio de comunicação disponível na época em questão (1900-1930). Como suporte dessa fase da pesquisa, utilizou-se a obra das autoras Loraine Giron e Kenia Pozenato (2004), que compilaram 100 anos da imprensa de Caxias do Sul, apresentando tabelas com os títulos dos jornais, bem como trechos históricos sobre a criação dos periódicos.

No capítulo quatro, o elemento material urbano presente nas crônicas (representado por símbolos da urbanização e pelo habitante da cidade) será analisado na perspectiva da modernidade, buscando captar indícios do imaginário da cidade, juntamente com as contradições e paradoxos envolvidos nesse processo. Para isso, selecionamos um conjunto de 14 crônicas (de um total de 87 textos que citaram a cidade de Caxias do Sul) e optamos por criar quatro eixos temáticos, que correspondem aos assuntos recorrentes nas crônicas, são eles: 1. o trem; 2. a praça; 3. a rua ; e 4. o cinema. Acredita-se que os símbolos apresentados nas

crônicas estavam em sintonia com o período de expansão urbana, populacional e industrial de Caxias do Sul, de forma que somente depois de 1930 o governo federal incrementou os investimentos nos melhoramentos urbanos no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, em Caxias do Sul. Outro aspecto que contribuiu para a que a pesquisa compreendesse esses trinta anos de jornal da cidade foi a censura exercida pelo governo de Getúlio Vargas após 1930, período em que muitos jornais foram retaliados e até fechados no Brasil.

A grande quantidade de jornais circulando na cidade na mesma época (entre 1900 e 1930) também justifica o recorte temporal desta pesquisa, pois demonstra que esses periódicos não eram movidos apenas por questões políticas, mas porque os literatos pretendiam divulgar seus trabalhos literários, assim como afirmam Giron e Pozenato (2004). Isso também poderá ter contribuído para a repetição dos assuntos, porque os intelectuais faziam parte de um mesmo grupo social e circulavam pelos mesmos espaços.

Os elementos materiais evidenciados na análise revelam o desejo de ser metrópole, representado pelos lugares de sociabilidade que, em sua grande maioria, estão ligados ao desenvolvimento urbano. Levam-se em consideração nesta pesquisa, os locais públicos citados/representados nas crônicas. Referente às materialidades da cidade, aparecem aspectos ligados à economia, como as indústrias, que são parte do cenário urbano desde o início do século XX. As críticas à estrutura urbana de Caxias do Sul, também são recorrentes nas crônicas, algo que deu margem para que esses eixos existissem.

A figura do imigrante italiano e seus descendentes será observada no sentido de entender como se deu a sua representação. Nas crônicas, o morador local é representado pelo homem trabalhador e religioso. Os cronistas são enfáticos ao afirmarem que o caxiense é protagonista do desenvolvimento da cidade. Porém, a imagem do imigrante italiano é descrita da mesma forma por todo o período em análise, ou seja, trinta anos nos quais a representação do colono praticamente não sofreu alterações. Essa constatação leva-nos a considerar a crônica como ferramenta de perpetuação do imaginário de Caxias do Sul, composto por uma cadeia de costumes como: religiosidade católica, reunião familiar e trabalho.

Por fim, reafirma-se a necessidade de ampliação dos estudos sobre a crônica em Caxias do Sul. Averiguou-se a inexistência de trabalhos que utilizem o material da primeira metade do século XX, sendo que o período foi de grande importância para o processo de desenvolvimento da cidade. Considerando a relevância dos textos encontrados e a difusão do gênero crônica no período subsequente, se entende a relevância do estudo apresentado nesta pesquisa.

2. MODERNIDADE, IMAGINÁRIO E CRÔNICA

A modernidade é compreendida na História como uma experiência. A nova capacidade de pensar, independente de determinismos como a religião e a política, leva o sujeito ao centro dos questionamentos e das respostas também. Esse processo, iniciou-se com o Iluminismo, que criou o contexto frutífero para que a modernidade se desenvolvesse nos séculos subsequentes.

Não somente o desenvolvimento intenso da ciência nesse período preparou o terreno para que houvesse uma quebra dos padrões culturais até então tomados como absolutos, mas a expansão urbana também contribuiu para essa ruptura. Pode-se dizer que no século XX, a modernidade chegou ao seu auge, porém, o século XIX foi representativo no sentido de firmar as ideias características da “burguesia”, como nos mostra Hobsbawm, sobre *A era dos impérios*, de 1875 a 1914:

A Era dos Impérios é marcada e dominada por essas contradições. Foi uma era de paz sem paralelo no mundo ocidental que gerou uma era de guerras mundiais igualmente sem paralelo. Apesar das aparências, foi uma era de estabilidade social crescente dentro da zona de economias industriais desenvolvidas que forneceram os pequenos grupos de homens que, com uma facilidade que beirava a insolência conseguiam conquistar e dominar vastos impérios; mas uma era que gerou, inevitavelmente, em sua periferia, as forças combinadas da rebelião e da revolução que a trariam. (HOBSBAWM, 2011. p. 25)

De acordo com o autor, o mundo entrou em uma espiral de medo e incerteza, que foram - e são - características das condições históricas próprias desse período. O século XIX, para Hobsbawm, foi o momento em que, de certa forma, a globalização teve início. Tais fatos: a gangorra de instabilidade de ordem econômica e social e a aceleração nas comunicações, bem como a facilidade nas trocas culturais (em razão da modernização dos transportes, por exemplo), tais fatos levaram o mundo a viver a experiência da modernidade.

A Era dos Impérios a que Hobsbawm refere-se é esta: em que os “avançados” dominaram os “atrasados”, já que o mundo se pautava no capitalismo desenfreado e em plena expansão:

Quando os observadores do panorama mundial do final dos anos 1890 começaram a analisar o que parecia obviamente uma nova fase no padrão geral de desenvolvimento nacional e internacional, notavelmente diferente do mundo liberal de livre comércio e livre concorrência, de meados do século, eles consideraram a criação de impérios apenas um de seus aspectos. [...] Entretanto, mesmo sendo o colonialismo apenas um dos aspectos de uma mudança mais geral das questões mundiais, foi, com toda a clareza, o de impacto mais imediato. (HOBSBAWM, 2011, p. 102)

Para o historiador o desenvolvimento econômico desenfreado condiz com o âmbito do conhecido “imperialismo”, que dividiu o globo economicamente. Isso significa que, ao final do

século XIX, os grandes impérios (Grã-Bretanha, Alemanha, Itália, Holanda...) constituíam o centro econômico mundial e sua expansão atingiu progressiva e estrategicamente, pontos isolados do mundo. A expansão nem por isso representou o acesso, principalmente às tecnologias modernas, das populações desses lugares e, inclusive, ao que a economia poderia proporcioná-las, visto que essa espécie de incorporação, resultou, na maior parte dos casos, em transformação de identidade cultural:

De fato, agora que eram acessíveis, muitas dessas regiões pareciam à primeira vista meras extensões potenciais do mundo desenvolvido, que já estavam sendo povoadas e desenvolvidas por homens e mulheres de origem europeia, eliminando ou repelindo os habitantes nativos, gerando cidades e, sem dúvida, com o tempo, civilização industrial: EUA a oeste do Mississipi, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Argélia, o Cone Sul da América do Sul. (HOBBSAWM, 2011, p. 107)

Se observarmos o caso do Brasil, ainda colônia de Portugal nessa época, a situação se repete. Existia uma força europeia e, sobretudo portuguesa, que agia, desde o descobrimento do país, para que a população nativa caminhasse pela estreiteza do que o europeu denominou “civilização”. O movimento não deixou de ser um enquadramento no que essa cultura eurocêntrica impôs à outra e, por consequência, de exploração. Um exemplo eram as principais matérias primas do século XIX, como a borracha, exclusivamente retirada de regiões tropicais, mais precisamente da Amazônia; ou então do minério que, no Brasil, justificava a abertura de estradas e ferrovias.

A expansão de Impérios também contribuiu para que a população mundial aumentasse. Com isso, o consumo de alimentos cresceu e os bens coloniais passaram a circular de forma mais intensa. Os produtos coloniais, como por exemplo o café, passava a ser produto principal de exportação de uma determinada região e a terra (e a mão de obra, no Brasil, escrava) era explorada à exaustão para abastecer as metrópoles coloniais. Para Hobsbawm (2011), as colônias, ainda que tivessem interesse em se industrializarem, não poderiam, de forma alguma, concorrer com as metrópoles, uma vez que eram dominadas economicamente, ignoradas culturalmente e sua população não era civilizada aos olhos do colonizador.

Para além de um contexto histórico desenvolvimentista e bastante preocupado em reorganizar as sociedades em torno do modelo capitalista, no século XIX surge uma sensibilidade artística muito atenta ao novo momento mundial. Como historicamente têm se observado, mesmo que as identidades passem por um processo de hibridização e até combinem-se entre si para formar identidades múltiplas em meio ao rápido progresso, nas artes, o pensamento moderno emerge de forma sensível.

A partir desse pensamento, referimos o diálogo de Berman (2007) com as teorias de Simmel, que acredita que a necessidade de diálogo, tão presente até a atualidade, mesmo que em algum estágio crítico, ou por prazer, deveria servir de base para se pensar as cidades. Dito isto, é importante lembrar que Caxias do Sul não estava inserida no processo da modernidade até então abordada, a cidade encontrava-se em um período de formação, tanto estrutural, quanto política e social. Pensando no contexto da realidade de Caxias do Sul, no início do século XX, é possível que as crônicas analisadas no capítulo 4, tenham sido justamente uma forma de diálogo, considerando que a cidade poucas vezes ofereceu espaços públicos de livre e fácil acesso aos seus habitantes. Mais precisamente, espaços de diálogo, pois, por exemplo, não existem muitos lugares de convivência, como praças e parques.

Uma das principais formas de observar a modernidade é ir às ruas da cidade. É na sociedade e, acima de tudo, nas relações em que há diálogo, onde é possível absorver em qual estágio esse processo está. Dessa maneira é que se entende quais habitantes estão ativamente envolvidos com o processo físico e intelectual da cidade, como é a psique da população, quais suas aspirações, quem são e para que trabalham os conservadores, entre tantos outros aspectos presentes em uma observação da rua da cidade, algo do qual o cronista alimenta-se.

De acordo com Berman (2007), a modernidade pauta-se na autotransformação e transformação do entorno, o autor acredita que a expressão desse processo dá-se pela via da ironia, em muitos casos. Sendo assim, as crônicas contam com uma caráter de ironia e isso pode ser observado em obras literárias dos séculos XIX e XX, como as de Machado de Assis, que também atuava nos jornais da época como cronista e destilava ironia para tratar da situação política do Brasil, assunto que será melhor abordado no subcapítulo 2.3, sobre a crônica brasileira.

Berman (2007) explica que a vida cotidiana é a mais frágil no processo da modernidade - e modernização - da rotina, pois demanda um grande esforço para sobreviver em meio ao caos urbano e todos os problemas que decorrem da vida na cidade, como por exemplo a falta de senso de comunidade, que leva o indivíduo a sentir-se solitário. Os modernos estão sujeitos a cair em uma espiral de desespero, caso não encontrem uma parcela de solidez no dia-a-dia a que se agarrarem. Dessa forma, o filósofo define o ser moderno como:

Encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação, e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade:

ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. (BERMAN, 2007, p. 24)

Para Berman (2007, p. 24) essa desintegração contínua e a procura por uma unidade de ideias pode ter criado “inúmeros mitos nostálgicos de um pré-moderno Paraíso Perdido”, ou também, quando pensamos sobre o imaginário da época, surge para os modernos, uma sensação de que o passado foi algo unificador. O teórico ainda cita uma série de tradições próprias da modernidade, para tentar explicá-la. Nesta dissertação, três delas têm relevância: “a mudança da nossa imagem do universo e do espaço que ocupamos nele”; “o catastrófico crescimento urbano” e; “os sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades” (BERMAN, 2007, p. 25).

Essa mudança da nossa concepção de universo pode ter tomado diversas vias: de que esse universo é algo menor e de mais fácil acesso, em função das tecnologias e modernização dos meios de transporte, ou então, que o mundo ficou mais unitário, em razão das novas comunicações que estavam surgindo nos século XX, como por exemplo, o próprio jornal. Isso leva-nos a outro ponto levantado por Berman (2007) sobre o sistema de comunicação de massa, que ganhou corpo ao longo do século XX, mas que, ao mesmo tempo que cria a sensação de proximidade entre as sociedades, abarca-as e as trata como se fossem parte de um mesmo contexto sociocultural.

Além disso, relembremos a terceira e inegável influência do rápido desenvolvimento urbano no imaginário dos modernos. Pois, se no século XX as grandes metrópoles como Paris e Londres estavam em efervescência, no mesmo século, o Brasil passou por seu próprio momento de expansão urbana, e todas as alterações culturais que esta possibilita, como por exemplo o predomínio das ideias em um mesmo espaço geográfico: as cidades.

Com todas essas tradições modernas e, principalmente se refletirmos sobre as elencadas, é possível compreender alguns motivos pelos quais os modernos entram em contradição e despertam para uma grande quantidade de possibilidades que a modernidade oferece. O ser moderno, portanto, sonha com a solidez, mas sente-se perdido em meio a tantas opções.

Berman (2007) em uma reflexão sobre os estudos de Karl Marx, assevera que a intensidade de imagens ecoa na arte e no pensamento moderno. Isto é, as imagens além de intensas em seu conteúdo, ainda são reproduzidas em uma frequência maior nas mídias de massa e assim, ecoam no imaginário dessa época. De certa forma, essas imagens são lançadas ao nível do imaginário, constituindo-o e, em alguns casos, emergindo em forma de literatura.

Uma representação que aparece juntamente com a modernidade e, acima de tudo, com as metrópoles em ascensão é a do *flâneur*. Segundo Walter Benjamin (2000), é possível que Baudelaire tenha sido um dos primeiros poetas a representar literariamente o contemplador da cidade moderna. Para o ensaísta, o eu-lírico de Charles Baudelaire descreve a cidade quando imerso na própria realidade psicológica:

As descrições sobre a grande cidade. [...] Pertencem àqueles que atravessaram a cidade como que ausentes, perdidos em seus pensamentos ou preocupações. A estes faz jus a imagem do *fantasque escrime*; Baudelaire teve em mira a condição destes, diferente da do observador. (BENJAMIN, 2000, p.7)

Para Benjamin (2000), o *fantasque escrime* é aquele sujeito que percorre as ruas da metrópole, no caso de Paris, à procura de problemas poéticos. Não somente a visão desse eu-lírico está voltada para os detalhes da urbe, mas também, representa-os com a precisão do esgrimista e, por isso, é capaz de vaguear pelas ruas da cidade, captando as particularidades.

Outro aspecto que Benjamin (2000) trouxe à luz, é a forma de vida do *flâneur*, talvez irreconhecível nos primeiros poemas sobre a vida urbana. Mas, se observarmos o emprego da linguagem e imagens utilizadas por Baudelaire, pode-se dizer que a solidão é uma característica intrínseca ao ser humano moderno e sua rotina. As representações, nesse sentido, configuram também um paradoxo, se pensarmos que a rua é justamente um espaço que proporciona mais encontros. Vejamos o exemplo através do poema “À uma hora da manhã”, integrante da obra *Spleen de Paris*:

Enfim, só! Ouve-se apenas o rolar das rodas dos fiacres atrasados e alquebrados. Durante algumas horas nós possuiremos o silêncio, senão o repouso. Enfim a tirania da face humana desapareceu e só sofrerei por mim mesmo. Enfim! É-me permitido, então, relaxar no banho das trevas. De saída, uma dupla volta na chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que me separam atualmente do mundo. (BAUDELAIRE, 2006, p. 57)

No excerto, estão presentes duas faces da solidão citadina e moderna: o descanso do transeunte que percorreu a cidade e também sua própria cidade imaginária, e o reconhecimento de que agora, ao final da jornada, novamente sofrerá só. Benjamin (2000, p. 17) ainda lembra-nos que “a cidade, em permanente movimento, cai em torpor. Torna-se frágil como vidro, mas também transparente como vidro em relação ao seu significado”, ou então, que o contemplar a cidade pode desanimar o sujeito moderno, levando-o a um estágio de percepção cristalina de uma das realidades urbanas.

Cria-se, pois, em conexão com as ideias apresentadas por Benjamin (2000), a concepção de que o lirismo refinado de Baudelaire empenha-se em representar Paris a partir de dois

elementos urbanos (também subdivisões da análise, presentes no capítulo 4): o material e o humano. Entende-se que, no caso da poesia de Baudelaire, os elementos estão em sintonia, revelando a rigidez, imposta pela arquitetura e outros componentes da paisagem urbana, além disso, aparece a sensação de atordoamento, provocado pelo ritmo de vida urbano e ajustado a cada verso do poeta. Nesse sentido, Benjamin (2000) pontua:

Tão provocador podia parecer no trato, tão prudente era na sua obra. O incógnito é a lei da sua poesia. A sua construção de versos é comparável ao plano de uma grande cidade, em que as pessoas podem movimentar-se despercebidas, escondidas por blocos de edifícios, portões ou pátios. Neste plano, as palavras têm os seus lugares indicados com precisão, como os conspiradores antes de uma revolução. Baudelaire conspira com a própria língua. Calcula seus efeitos a cada passo. (BENJAMIN, 2000, p. 30)

Benjamin (2003) vê, na poesia de Baudelaire, a expressão absoluta da modernidade, representada por um trabalho de observação, imaginação e impressões poéticas. D'ângelo (2006, p. 237), ao analisar as ideias de Benjamin (2003), sobre *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, acredita que “na modernidade, quando a significação de cada coisa passa a ser fixada pelo preço, a poesia de Baudelaire é fundamental pela apropriação que faz dos elementos dessa cultura para revelar a dimensão do *inferno* instalado em seu interior”. Essa interioridade proferida pela autora pode estar ligada não somente à individualidade da poesia de Baudelaire, mas, por que não, da história e, sobretudo do capitalismo desenfreado, uma vez que sua poesia é subversiva ao momento em que foi produzida².

De alguma forma, o poeta transcende a materialidade por si mesma e lança luzes sobre a psique moderna: carente de relações, solitária, desordenada, ansiosa e, acima de tudo, ainda muito sensível. Para Benjamin (2003, p. 159), Baudelaire foi “obrigado a reivindicar a dignidade do poeta numa sociedade que já não tinha nenhuma espécie de dignidade a conceder”, ou então, ele foi capaz de transpor os obstáculos proporcionados pelo materialismo excessivo e uma sociedade cada vez mais doente psicologicamente.

Ainda sob a perspectiva de D'angelo (2006), é possível traçar um paralelo entre o *flâneur* que vê a realidade exterior e, em função disso, é capaz de organizá-la poeticamente, e o sujeito que é alheio ao mundo que o circunda:

² Pronunciada no dia 20 de agosto de 1857 pelo procurador adjunto Ernest Pinard, a sustentação contra o livro *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, publicado no mesmo ano, detém-se em acusações de atentado à moral religiosa e, acima de tudo, à moral pública. A ligação entre moralidade e religião, como nos mostra Kopp, era considerada uma propriedade essencial da obra de arte, que, em seu culto do belo, incorpora igualmente o bem e a verdade, características associadas à beleza. A atribuição de uma característica essencialmente moral à arte, combinada a uma necessidade governamental de promover, em veículos como a literatura, ideais de progresso – aos quais se opunha o próprio Baudelaire –, figura entre as razões por que o livro *As Flores do Mal* foi sujeitado a uma recepção escrutinadora, principalmente por parte da imprensa e de instituições do Estado (PINARD, 1857).

A versatilidade e mobilidade do flâneur no interior da cidade dão a ele um sentimento de poder e a ilusão de estar isento de condicionamentos históricos e sociais. Por isso, ele parte para o mercado, imaginando que é só para dar uma olhada. As fantasmagorias do espaço a que o flâneur se entrega, tentando conquistar simbolicamente a rua, escondem a “mágica” que transforma o pequeno burguês em proletário, o poeta em assalariado, o ser humano em mercadoria, o orgânico no inorgânico (D’ANGELO, 2006, p. 242)

Essa ilusão sugerida pela autora leva-nos a acreditar que o imaginário, é que é responsável por dar significado aos acontecimentos da modernidade via um grupo de símbolos, algo que será melhor abordado mais adiante. D’angelo (2006) comenta que, somente o poeta é capaz de captar sentimentos íntimos, transferindo-se ao pensamento do outro, ou então, por outro ponto de vista, que também será abordado, que o poeta, por sua sensibilidade, é capaz de representar o imaginário social de determinada época. Na presente pesquisa, acredita-se que há outro responsável pela expressão poética de um momento histórico: o cronista. Contudo, o questionamento que surge é: de onde fala o sujeito cronista? Isto é, o cronista da América do Sul é livre para debater sobre assuntos mundiais ou localizados, porém, a modernidade alcança-o de outra forma, basta que analisemos as tensões políticas e sociais dos séculos XIX e XX, em países como Brasil e Argentina, por exemplo.

Para Sarlo (2010), Buenos Aires é uma cidade que oportuniza vivenciar a modernidade tardia e pouco compreendida no século XX. A autora acredita que, principalmente, em função da mescla cultural existente na América Latina, a observação é rica por si só. Nesse sentido, é provável que as diferenças culturais ajam sobre as produções literárias e o movimento inverso também ocorra, como bem sublinha Cerqueira (2016), ao interpretar as análises de Sarlo (2010).

Todavia, o que nos interessa aqui, é visualizar a modernidade periférica, de modo que tal reflexão ilumine a investigação subsequente. Para tal, tomamos por base um dos conceitos de América Latina, apresentado por Cerqueira (2016), ao debruçar-se sobre a obra de Sarlo (2010), constituído da resignificação do termo, já no século XX:

Sob os auspícios ideológicos do racismo científico, a fomentação da imigração de mão-de-obra europeia na virada para o século XX - embora composta por uma maioria de populações católicas - contribuiu para a representação negativa do conceito de América Latina e da miscigenação como forma de assimilação social de acordo com o ideal de branqueamento. [...] No Brasil, a resistência política às transformações urbanas e modernas se manifestou através da idealização de uma identidade nacional-popular que, entretanto, diferente do orgulho criollo argentino, representou a identidade brasileira miscigenada através de critérios contraditoriamente desqualificadores que “idealizavam” o estrangeiro como superior. (CERQUEIRA, 2016, p. 12)

Para o autor, o imaginário latino-americano, só foi reelaborado pelos intelectuais dos anos 1920 e 1930, como por exemplo Sérgio Buarque de Holanda³, que, no contexto brasileiro, esteve conectado ao processo da modernidade. Ele atuava no meio intelectual e participava ativamente da renovação cultural modernista latino-americana:

A representação simbólica da herança ibérica foi, assim, requalificado pela obra dos intelectuais latino-americanos dos anos 1920 e 1930, reelaborando o imaginário romântico e suas múltiplas místicas nacionais. Este movimento de requalificação cultural, com todas suas ambivalências e contradições, conduziu a crítica ao positivismo e ao racismo científico, construindo um olhar relativamente positivo sobre a miscigenação latinoamericana, tal como é possível identificar nos debates modernistas entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. (CERQUEIRA, 2016, p. 12)

Por fim, Cerqueira (2016) acredita que o termo América Latina não é definível por si só, existindo somente se pensarmos em relação a tudo o que não é América Latina. De acordo com ele, “o conceito de América Latina exige o Outro de forma explícita: esta é a sua singularidade” (CERQUEIRA, 2016, p.14), ou seja, muitos dos complexos vividos pelo latinoamericano advém, justamente, dessa necessidade de reafirmação de identidade, e com isso, de um imaginário unitário, em relação a todos os outros países. Porém, é importante ressaltar que, por uma questão de herança colonial, o latino-americano, e sobretudo o brasileiro, tende a colocar-se em comparação ao europeu ocidental, uma vez que é na Europa que o capitalismo encontra-se em fase avançada e as mudanças culturais estão em franca transfiguração, no século XIX.

Como exemplo de representação da modernidade europeia, mais precisamente a francesa, Sarlo (2010), assim como Benjamin (2003), acredita que o *flâneur* é a figura mais adaptada ao meio urbano em desenvolvimento, isso significa que a urbe é o local propício para exercer a *flânerie*. Ela lembra que na cidade, o *flâneur* é observado por outro *flâneur* e assim segue o ciclo de observação e que este cenário é responsável por proporcionar inúmeras oportunidades de contemplação. Sarlo ainda acredita que, a cidade é “mais que um conceito demográfico e urbanístico, é uma categoria ideológica e um mundo de valores” (SARLO, 2010, p. 16)

Valores esses que estão em constante modificação em um ambiente multicultural como é a cidade cosmopolita, no caso Paris. Para Sarlo (2010), a memória do cidadão está diretamente ligada ao desenvolvimento da cidade, isto é, cada morador carrega consigo uma parcela de

³ Sérgio Buarque de Holanda foi jornalista, sociólogo, ensaísta e historiador. Além da produção crítica e histórica, Holanda também escreveu material literário. Tinha uma relação de amizade com Mário e Oswald de Andrade, que eram também figuras ativas na Semana de Arte Moderna e Movimento Modernista no Brasil, em 1922. (HOLANDA, 1995)

contribuição e conservação dessa cultura urbana particular a cada local e se cristalizados, esses valores geram inquietação no meio social:

Creio que o impacto dessas transformações tem uma dimensão subjetiva que se implanta em um arco de tempo relativamente breve: com efeito, homens e mulheres podem lembrar de uma cidade diferente daquela que estão vivendo. Além disso essa cidade foi o cenário da infância ou da adolescência: o passado biográfico sublinha o que foi perdido (ou o que foi ganhado) no presente da cidade moderna (SARLO, 2010, p. 17)

Para entender as tensões da modernidade periférica que estendeu-se pelas cidades sul americanas entre os séculos XIX e XX, Sarlo (2010) leva em consideração algumas questões sociais, como por exemplo a taxa de analfabetismo, que impacta diretamente no nível de desenvolvimento do país. Esses dados, conforme afirma a autora, implicam no sistema educacional e literário de cada país. Ela também ressalta a fase de mudança no setor comunicacional, pois a forma de fazer jornalismo estava em transformação nesse período, e isso pode ser percebido nos jornais brasileiros, em função do: enxugamento dos textos noticiosos, aumento da quantidade de arte gráfica, acréscimo no número de editorias especializadas, da inserção de ilustrações etc.

A partir dessa redução do tamanho dos textos jornalísticos nos periódicos, a crônica ganhou visibilidade e uma capacidade de adaptação ao costume de leitura do brasileiro. As crônicas, por serem um tipo de leitura de consumo rápido, tiveram, especialmente no século XX, uma boa aceitação do público consumidor do jornal brasileiro, mesmo que seja conhecido o alto índice de analfabetismo no Brasil, no mesmo período da análise (primeira metade do século XX). Por isso, é indispensável que, quando se pense na modernidade brasileira e na leitura do gênero crônica, considere-se a realidade social do país em que está focada a pesquisa, assim como trataremos no subcapítulo 2.2.

Para Sarlo (2010), tanto os jornais e até mesmo a difusão do cinema, por exemplo, são parte da trama cultural de uma cidade, pois configuram práticas culturais de um local. Mas ela atenta para a questão da influência da publicidade, que na transição dos séculos, foi peça fundamental nos jornais e no rádio, atuando sobre público com intensidade, não somente no incentivo ao consumo, mas nos hábitos, esses espelhados em países como os Estados Unidos. Se refletirmos acerca do aumento espaço publicitário dos jornais, podemos notar que até isso pode ter influenciado na indisposição para realizar leituras mais extensas.

Do ponto de vista de Sarlo (2010), acontece, com a modernidade, uma espécie de quebra e reorganização da sociedade em muitas instâncias. De forma geral, para a pesquisadora, esse processo perpassa vários limites:

A nova paisagem urbana, a modernização dos meios de comunicação, o impacto desses processos sobre os costumes, são o marco e o ponto de resistência a respeito do qual se articulam as respostas produzidas pelos intelectuais. No curso de poucos anos, esses devem processar, incluindo em sua própria biografia, mudanças que afetam relações tradicionais, formas de fazer, difundir culturas, estilos de comportamento, modalidades de consagração, funcionamento de instituições. (SARLO, 2010, p. 27)

Ainda que Sarlo (2010) tenha se debruçado sobre o desenvolvimento urbano e cultural da cidade de Buenos Aires, fala-se de uma cidade moderna, e por que não, de um lugar que também passou por um processo tardio de modernização, assim como aconteceu no Brasil dos anos 1900. Sobre toda modificação cultural e estética que acontecia no Brasil, nesse mesmo período, destaca-se a Semana de Arte Moderna⁴ que, para Sevckenko (1993), por exemplo, inaugura inclusive o que ele denomina como “cultura modernista”.

No entanto, por mais que a nomenclatura esteja intimamente ligada à estética, também é possível encontrar um quê de modernista, no sentido da aceleração e frieza nas relações sociais, isso porque, para Sevckenko (1993), essa transformação do cenário urbano e cultural esteve interligado aos movimentos progressistas do século XIX. As megalópoles, como São Paulo são, para o autor, um exemplo de falta de planejamento aliado ao despreparo do poder público:

Se nos perguntarmos o que estava por trás e o que explica essa mudança no conjunto de heranças culturais e intelectuais do século XIX, teremos que nos voltar para a estrutura socioeconômica e procurar uma resposta nesse fenômeno peculiar do século XX que foi a emergência de megalópoles. Nesse sentido, São Paulo foi um caso extremo. Nos meados do século XIX São Paulo era ainda a cidadezinha obscura e extremamente pobre que havia sido desde que fora fundada pelos jesuítas nos meados do século XVI. A rápida expansão das lavouras de café no interior do estado de São Paulo, em consequência das mudanças no mercado de bens primários causadas pela Revolução Científico-Tecnológica, como já vimos, teve como subproduto um boom de crescimento urbano e demográfico da cidade. (SEVCENKO, 1993, p. 87)

Sevckenko (1993) ainda lembra dos imigrantes chegados no Brasil entre os séculos XIX e XX, que, de uma maneira ou de outra, deram ao país uma oportunidade de convivência entre diversas culturas. E, mesmo que isso tenha significado, em muitos casos, ter que adaptar-se a um novo contexto e este, jamais tenha sido devidamente preparado para receber essas pessoas de inúmeras nacionalidades:

O processo de crescimento foi caótico e submeteu a população a opressões e privações inimagináveis. Seria mais correto chamá-lo de processo de inchação, em vez de crescimento. Mas o fato mais significativo, no tocante à cultura, foi que toda essa

⁴ Aconteceu em São Paulo, em 1922. Caracterizou-se por ser um movimento que buscava a identidade brasileira e exaltava a cultura de miscigenação do país. Artistas e literatos integraram o grupo como exemplo Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros. (HOLANDA, 1995)

massa de imigrantes veio de todas as partes do mundo, assim como do Brasil. Pressionada pela pobreza extrema, essa população de destituídos havia perdido seus laços familiares, comunitários e territoriais. Dentro do novo ambiente, esses homens eram estranhos uns para os outros, mal falavam uma linguagem comum, assim como eram estranhos à vida urbana moderna, precisando portanto desesperadamente de uma nova identidade e de novas bases de solidariedade. As autoridades aprenderam como explorar essa vulnerabilidade cultural e essa necessidade espiritual, fornecendo-lhes uma nova mitologia que tinha em seu âmago a própria cidade, apresentada como o lugar onde a "modernidade", a palavra mágica que prometia um mundo mágico, poderia finalmente se manifestar, como o resultado inexorável da fé persistente na energia, na aceleração, na ação e na conquista. (SEVCENKO, 1993, p. 88)

Sevcenko (1993) indica, portanto, o portal das contradições da modernidade. O autor sinaliza algo extremamente importante para a presente pesquisa: a problematização do processo em curso. A modernidade vista panoramicamente até pode ter sido representada pelo desenvolvimento cultural e urbano, a otimização das descobertas científicas, assim como sua fragmentação, mas, ainda assim, deixou lacunas que o processo histórico levará gerações para transfigurar e ressignificar, especialmente na América do Sul.

Tendo em mente ainda o pensamento de Sarlo (2010) sobre as contradições da modernidade, tanto estética como cultural, afirma-se que estas estão impressas na alma do sujeito moderno. Um dos motivos é a mescla cultural, também presente na raiz do povo brasileiro, como a importação de bens e práticas simbólicas que culminam na modernidade como “cenário de perda mas também de fantasias reparadoras” (SARLO, 2010, p. 29).

A autora sublinha que essas fantasias e a reconfiguração ideológico-cultural levam ao surgimento de uma nova consciência, ou melhor, de um novo imaginário social, se pensarmos nos símbolos que constituem a modernidade, e vice-versa. Esse novo sujeito, de acordo com Sarlo (2010), pensa de maneira nostálgica, em razão de alguns fatores:

As relações mediatizadas próprias de uma sociedade moderna, seja no mercado de trabalho, nas formas de produção, nas novas instituições políticas, nas práticas cotidianas que afetam o público e o privado, a vida diária, a sexualidade e os afetos, colocam o desconhecido em meio ao conhecido; transformam âmbitos antes familiares e governáveis, descentram sistemas de relações que pareciam estabilizados desde e para sempre. (SARLO, 2010, p. 32)

Tendo a autora eleito a descentralização das relações como o motivo central das contradições modernas, é possível pensar também nas razões pelas quais a modernidade foi capaz de questionar tantas tradições. Isto é, no momento em que se reconfiguram as relações sociais, está aberta a capacidade criativa de uma sociedade, seja em sua parcela artística e literária, bem como na habilidade de cada pessoa em ressimbolizar ou legitimar uma finalidade para os novos símbolos. Portanto, para que essas novas configurações da sociedade pudessem se tornar reais, tornou-se característica fundamental da cidade o convívio intenso experienciado

a partir do século XIX, com a ascensão das metrópoles, de maneira que as pessoas puseram-se em um ambiente de extremo contato social e tiveram de aprender com isso.

O afastamento da religião representa outra marca da modernidade e suas angústias. A separação da experiência de mundo em relação à esfera religiosa pode ter, em certa medida, contribuído para o sentimento e sensação de solidão, tão presentes na construção da modernidade, ou de suas explicações. A modernidade pode ter começado, portanto, por ser um processo de paralisação do curso habitual das instituições (Igreja Católica, por exemplo) e irrefletido da experiência, fosse no domínio físico ou nos campos político, legal e moral. Passou-se a criar questionamentos sobre áreas antes consideradas intocáveis, as quais ninguém poderia refletir a respeito.

De acordo com Bradbury (1989, p. 26), outro pensador da modernidade, os padrões de produção literária e científica agiram sobre a percepção do mundo exterior, o que contribuiu para a sensação de consciência desordenada: as narrativas do século XIX continham crises religiosas e morais; as artes representavam “o mundo que jazia oculto por trás da mente consciente e veio a ser denominado inconsciente”, os artistas, de um modo geral, extraíam suas ideias de uma série de produções permeadas por um novo imaginário, baseado em uma “complexa existência interior de um mundo imaterial dirigido por frágeis sensações e percepções”, como por exemplo nas seguintes obras:

Walter Pater, porta-voz das sensações novas e modernas, falava da ‘consciência acelerada, multiplicada’, dos tempos modernos. Em 1890, William James publicava seu livro *Princípios de psicologia*, no qual enfatizava que a ‘realidade’ não era um dado objetivo, e sim algo percebido subjetivamente através da consciência — uma ideia que encontrou eco nos últimos romances de seu irmão, Henry James. Segundo William James, doravante, ao falar sobre a mente, ‘devemos chamá-la fluxo de pensamento, de consciência, ou da vida subjetiva’. Em 1900, Sigmund Freud publicou *A interpretação dos sonhos*, uma das obras mais influentes do novo século. Na França, o filósofo Henri Bergson destacava o papel da intuição, em detrimento da razão, na vida humana, bem como a importância fundamental da atuação da memória e do tempo interior em nossa apreensão da realidade. Na Alemanha, a sensação decadente e estética de escapar da prisão do tempo histórico impregnava a nova ficção de Thomas Mann.” (BRADBURY, 1989, p.26)

Bradbury (1989) sugere assim a existência de um sistema retroalimentado, uma vez que, na visão do autor, no campo das artes, principalmente, iniciava-se a dinâmica de intercomunicação:

O artista não seria mais um moralista burguês, mas sim um instrumento independente de descoberta, um agente de evolução criadora.[...] As artes tinham uma existência independente, e uma imiscuía-se na outra, transformando-se mutuamente — pintura e arquitetura, teatro e música, dança e desenho, ficção e poesia. Uma alimentava a outra, e, do mesmo modo como a poesia aspirava à condição da música, a ficção aspirava à condição da pintura, e o teatro à do devaneio estético. A arte tornou-se símbolo de sua

própria existência, e o símbolo foi se tornando cada vez mais obscuro, enigmático e labiríntico. (BRADBURY, 1989, p. 26; p. 27)

Na literatura, a mesma movimentação foi percebida por Bradbury (1989), considerando que autores como Kafka, Dostoiévski, Joyce e Woolf, representam, em suas obras, algo muito similar no que tange o inconsciente, ou então uma consciência já fragmentada pelo processo da modernidade:

A ‘modernidade’ — o espírito da época tal como é reconhecido e explorado pelos grandes escritores, os portadores da consciência literária — é ela própria dividida, angustiada, insegura e desanimadora. E é o que de fato se dá; a literatura moderna, como a vida moderna, está sempre se aproximando do abismo, no mundo da ação ou no mundo interior da consciência. (BRADBURY, 1989, p. 42)

A modernidade entendida como uma experiência definida pela ruptura com as tradições, gera uma modificação de fundamentos que antes não era possível, ou que pelo menos não havia tomado grandes proporções. Esse conjunto de normas e valores, antes inquebráveis deixa, a partir desse processo histórico, de ser algo imposto a todos. A modernidade do século XIX abriu as portas para um século XX de profundas transformações culturais. As inquietações, aliadas às múltiplas possibilidades, criaram espaço para a mudança e, nesse sentido, para a construção de um outro imaginário.

2.1 IMAGINÁRIO E CIDADE

É difícil de entender a relação entre cidade e cidadão. Para compreender tal processo, podemos observar as imagens da cidade e, por conseguinte, os símbolos envolvidos no processo de formação e desenvolvimento de uma cultura local. É necessário atentarmos para o fato de que uma cidade existe antes mesmo das primeiras edificações tomarem forma. A materialidade da cidade é a concretização de uma reunião de imagens do lugar ideal, do desejo de organização social e espacial.

Mas, antes de interpretarmos a cidade representada, é indispensável que pensemos a respeito de um ponto de partida, uma vez que a análise das crônicas estará focada nas representações de uma fatia muito peculiar da sociedade brasileira: a cidade de Caxias do Sul, do período entre 1900 e 1930. Para inferirmos algo sobre o tempo decorrido, buscamos, na Teoria do Imaginário proposta por Castoriadis (2000), uma reflexão que abarcasse o imaginário social. Para o autor, o imaginário social é um processo com dinâmica própria: “é criação incessante e essencialmente indeterminada (histórico-social e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente pode tratar-se de ‘alguma coisa’. O que chamamos de realidade e racionalidade são obras dele” (CASTORIADIS, 2000, p. 13).

Castoriadis (2000) explica que o imaginário, nesse sentido, é despertado, ou criado, se assim pudermos dizer, a partir da experiência cultural, social e histórica. Para o estudioso, “todo pensamento, seja qual for e seja qual for seu ‘objeto’, não é mais que um mundo e uma forma do fazer social-histórico” (CASTORIADIS, 2000, p. 13), ou então, que os pensamentos de um contexto histórico-social, pertencem somente a ele mesmo, bem como as soluções e problemáticas criadas e enfrentadas em cada período.

O olhar de Castoriadis (2000) sobre o imaginário aponta para o sujeito do conhecimento histórico, sendo ele quem capta o mundo de significações para formar o conjunto do material histórico. Dessa forma, o autor estabelece diálogo com as ideias de Marx, pois, acredita que a sociedade é o centro dos questionamentos dela mesma e de sua própria trajetória. Para ele, uma sociedade depende de uma série de ações que se cumprem com certa frequência (nascimento, educação, produção, etc.), mas, ainda assim, a sociedade não é reduzida aos seus rituais, pois é criativa, tanto no modo de responder aos seus problemas, quanto para criar novas necessidades.

Além da sociedade ser a problemática da própria sociedade, ela também elabora a necessidade de se reinventar constantemente, gerando novos símbolos, significantes e significados. Com isso, Castoriadis (2000) contempla o fato de que a sociedade é complexa, por sua dinâmica de funcionamento e pelas necessidades criadas a partir do seu interior, o que remete ao pensamento de que uma cidade existe antes mesmo da sua materialidade, como já foi comentado, ela surge como a incorporação de uma série de respostas às adversidades de um espaço que ainda não possui todos os atributos urbanos. Como foi o caso de Caxias do Sul, que foi considerada uma cidade somente após 1910, de acordo com Machado (2001), depois do Presidente⁵ do Estado do Rio Grande do Sul reconhecer o movimento comercial e industrial da Vila de Caxias e o aumento populacional considerável.

Para Castoriadis (2000), tudo o que nos é apresentado no mundo social-histórico está tecido juntamente com a camada do simbólico e portanto, não é que a trama seja limitada a ela mesma, mas que os atos, coletivos ou individuais, só ganham sentido, quando partem desta rede. Por exemplo, um papel social ou um ritual, só são reconhecidos e mantidos, porque ficam convencionados na rede, como um acordo entre todos os integrantes, que aceitam o contrato, sem cláusulas muito claras. O mesmo acontece na cidade que, por mais que seja um espaço subdividido em bairros, por exemplo, precisa, de algum modo, imaginar pontos de convergência para seus habitantes. Mesmo que seja apenas por meio da escrita da legislação municipal, isso

⁵ Na República Velha (1889 - 1930), os governantes de cada estado brasileiro eram chamados de presidentes.

não deixa de ser uma maneira de imaginar o funcionamento de uma cidade e ao mesmo tempo contribuir na sua materialidade.

O pesquisador afirma que os símbolos, de modo geral, são mantidos pelos detalhes. Em especial, os rituais, sejam eles religiosos ou de outra natureza, como exemplificado anteriormente, estão carregados de uma série de pormenoridades em cada etapa, mas, mesmo assim, o simbolismo parece deixar muito mais lacunas do que propriamente a intenção de preenchê-las:

Primeiro, deixam sempre resíduos; no quádruplo entrelaçamento cruzado do funcional, do simbólico e das suas consequências, os furos são mais numerosos que os pontos cobertos. Em seguida, elas postulam que a relação simbólica é simples e natural, quando na verdade ela coloca problemas imensos: para começar, o fato de que a “escolha” de um símbolo não é nunca nem absolutamente inevitável, nem puramente aleatória. Um símbolo nem se impõe com uma necessidade natural, nem pode privar-se em seu teor de toda referência ao real (somente em alguns ramos da matemática se poderia tentar encontrar símbolos totalmente “convencionais” -mas uma convenção que valeu por algum tempo deixa de ser pura convenção). Enfim, nada permite as *fronteiras* do simbólico. (CASTORIADIS, 2000, p. 144)

Com o trecho, o filósofo abre caminho para pensarmos sobre o sistema simbólico como algo que, além de presente nas ações cotidianas, não é algo determinante ou determinável, todavia, importante ao funcionamento de uma sociedade. Ele enumera algumas das problemáticas envolvidas na rede, e deixa claro que o imaginário não é um sistema neutro, e muito menos aleatório, de forma que um signo não é evocado sem motivação e em qualquer espaço. Para o autor, os símbolos estão consonância com o processo histórico, de maneira que podem ser ressignificados conforme o contexto, como uma espécie de planejamento, pautado no que já existe:

Todo simbolismo se edifica sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes, e utiliza seus materiais - inclusive para complementar os fundamentos dos novos templos, como fizeram os atenienses depois das guerras médicas. Por suas conexões naturais e históricas virtualmente ilimitadas, o significante ultrapassa sempre a ligação rígida a um significado preciso, podendo a lugares totalmente inesperados (CASTORIADIS, 2000, p. 147)

Um exemplo de ressignificação importante acontece com o Movimento Modernista na década de 1920, no Brasil. O indígena, nesse período, foi ressignificado mais uma vez na literatura brasileira, especialmente no que tange a linguagem empregada na obra *Macunaíma* (1928). Para Moisés (1989, p. 71), “Mario de Andrade pretendia assinalar, antes de tudo, o caráter miscelâneo da obra, ou sua indeterminação no painel dos gêneros literários”, ou seja, a obra não quebrava apenas padrões linguísticos mas também de classificação entre os gêneros da literatura. Além disso, o herói representa “o mosaico de nossa realidade histórico-geográfico-

social” (MOISÉS, 1989, p. 71), mas também o trânsito da personagem pelo espaço urbano de São Paulo e todas as diferenças culturais experienciadas por Macunaíma⁶.

Para Castoriadis (2000, p. 200), o processo de formação de um sistema simbólico, enclavado no processo histórico “faz com que surjam encadeamentos de significantes, relações entre significantes e significados, conexões e consequências que não estavam previstas”, ou seja, trata-se também de um processo dinâmico:

Nem livremente escolhido, nem imposto à sociedade considerada, nem simples instrumento neutro e *medium* transparente, nem opacidade impenetrável e adversidade irreduzível, nem senhor da sociedade, nem escravo flexível da funcionalidade, nem meio de participação direta e completa em uma ordem racional, o simbolismo determina aspectos da vida e da sociedade (e não somente os que era suposto determinar), estando ao mesmo tempo, cheio de interstícios e de graus de liberdade. (CASTORIADIS, 2000, p. 201)

Nesse ponto, Castoriadis (2000, p. 154) explicita a proximidade e relação entre o simbólico e o imaginário, pois “o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘expressar-se’, o que é óbvio, mas para ‘existir’, para passar do virtual a qualquer coisa a mais”. Tal afirmação, deixa claro que o imaginário é um sistema infinitamente mais amplo e complexo do que o simbólico e que o simbolismo, nesse sentido, funciona como um banco onde o imaginário vai buscar suas ferramentas para atuar na sociedade, nem que para isso precise reconfigurar seus significados.

Por exemplo, Baczko (1985), acredita que em épocas de revolução o imaginário encontra terreno propício para se desenvolver. Ele comenta sobre os avanços e recuos dos medos e esperanças que permeiam os fatos revolucionários e que estes animam, necessariamente, a produção dos imaginários sociais. O clima intenso de mudança, existente em um período de revolução é que cria, faz ressurgir um símbolo ou o ressignifica.

O problema da origem do simbolismo e dos sistemas imaginários, se partirmos do pensamento de Castoriadis (2000), é insolúvel. Isso porque, para o autor, não é possível explicar o surgimento de algo que teve origem em si mesmo (na e para a sociedade) e, mais que isso. O filósofo afirma que há um domínio por parte das instituições religiosas e políticas sobre determinados símbolos e, por isso, a sociedade simbólica que conhecemos hoje não será mais a mesma daqui a algum tempo. Nesse sentido, a mudança dos símbolos vigentes e a ressimbolização, estão ligadas também a quem domina cada sistema, sobretudo o político.

⁶ “As andanças macunaímicas são dum homem primitivo, adâmico, sem peias, entregue desenfreadamente aos exercícios eróticos, de onde lhe adviriam as mazelas que sofre. Frágil ante os perigos, salva-se por via do embuste, da mentira ou do absurdo das licenças míticas, que lhe facultam atos mágicos capazes de superar as dificuldades interpostas pelos semelhantes e pela Natureza.” (MOISÉS, 1989, p. 73)

Reconhecendo a força centrípeta do imaginário social, a problemática parece ainda ser a mesma. Uma vez que a origem de um sistema não pode ser definida, o mesmo acontecerá se tentarmos determinar seus limites: o simbolismo tem facetas abstratas e por isso “nada permite determinar a priori o lugar pelo qual passará a fronteira do simbólico, o ponto a partir do qual o simbolismo transborda para o funcional” (CASTORIADIS, 2000, p. 200), ou seja, que existe o transbordo do âmbito imaginário para as práticas da sociedade, mas que não se sabe exatamente em qual momento isso acontece, além de ser um sistema o qual tem como característica fixar uma série de ações nos grupos sociais.

A premissa das facetas abstratas remete ao pensamento de Mafessoli (2001) de que o imaginário é de uma força social de ordem espiritual, algo que não é racional. Porém, para ele, o imaginário é um cimento da sociedade, ou seja, na mesma atmosfera de amplitude do termo, é algo que une sentimentos e afetos na mesma aura, o imaginário é sempre social, que acontece partindo da interação. O pesquisador afirma que a maleabilidade ao teorizar o imaginário é importante para reconhecer o sistema como algo relacionado com sensibilidade e de certo modo, isso serve de crítica ao pensamento de Castoriadis (2000) quando aplica juntos os termos, para Mafessoli (2001), discrepantes como instituição e imaginário, no sentido de que a instituição não controla o imaginário.

Para Castoriadis (2000), o imaginário social pressupõe um esforço conceitual vindo do materialismo para relativizar a influência que o material exerce sobre a vida social. Nesse sentido, as instituições não se reduzem ao plano simbólico e também não existem fora do plano simbólico, pois, cada um deles constitui sua própria rede simbólica. O mesmo conceito pode ser aplicado ao caso das cidades, porque são regidas por uma série de determinismos (imersão na linguagem, religião, orientações de comportamento) que dependem de um coletivo humano para perdurarem.

Para Ferrara (1997, p. 194), “pelo imaginário, a imagem urbana - locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados - passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos em relação à imagem básica que lhes deu origem”. Dessa forma, as imagens da cidade atuam como intervenção concreta de estímulo ao imaginário., elas revalidam o contrato de quem vive no local - ou pelo menos, deveriam cumprir essa função.

Na opinião da autora, a imagem urbana, que para ela são os elementos materiais da cidade, ou seja, sua infraestrutura, não emerge da relação com seu contexto, já que a arquitetura surge isolada na autossuficiência. Ferrara (1997, p.195) acredita que uma edificação pode também exercer uma função histórica, no momento em que a imagem da cidade “escreve a sua

história documental de episódios, datas, estéticas e personagens, é uma reconstrução simbólica da história documental de uma cidade”.

De acordo com Ferrara (1997) o imaginário requer um juízo perceptivo, exigindo a experiência local, algo que também foi ressaltado por Castoriadis (2000). Quando o assunto é o imaginário urbano moderno, a experiência é elevada e acrescida de um número muito maior de informação visual e cultural, pois uma quantidade muito maior de estímulos está disponível neste espaço.

Multicultural e multidimensional, a cidade apresenta-se um espaço onde converge a modernidade, despertando ou criando imaginários, pois é justamente nela que os diferentes grupos dividem espaços físicos e podem conflitar, de certo modo, buscando seu terreno no imaginário local. Por exemplo, em Caxias do Sul, em que a praça central serve de palco para muitos públicos, com diferentes finalidades, como imigrantes que trabalham como vendedores, aposentados que utilizam para lazer, religiosos que fazem suas pregações e etc. Ferrara ainda complementa que a poética urbana é identifica-se com a modernidade, pois:

Através do imaginário, a velocidade da máquina e as transformações tecnológicas passam a ser signos, passam a representar o próprio modo de vida urbano e moderno. Por essa via, modernidade, industrialização e cidade se confundem, atingem o indivíduo e, através dele caracterizam uma cultura. (FERRARA, 1997, p. 198)

As escolhas, nesses espaços determinados política, cultural e geograficamente variam, e a eleição de uma atitude ou outra encontra apoio na instituição imaginária. Por qual motivo uma pessoa opta por tal forma de agir para chegar ao seu objetivo? Por que este é o objetivo e não aquele? Chegamos ao ponto em que Castoriadis (2000) anuncia o conjunto de sentidos como sendo o acervo ao qual o ser humano acessa ao fazer uma escolha: esse conjunto é formado por uma constância de representações, que vão se cristalizando ao longo da vida. Elas são compostas por desejos e afetos e ficam disponíveis para cada situação, ou seja, a cada nova vivência recorremos ao conjunto para que haja interpretação. Se já conhecemos as sensações que estamos vivendo, estamos confortáveis, pois são parte da própria psique, se ainda não, o movimento de retorno ao conjunto não ocorre.

Contudo, em um espaço multicultural como é a urbe, existe também a pluralidade de espaços de sociabilidade e neles uma pluralidade de visões de mundo, como o exemplo da praça central de Caxias do Sul. Mesmo em comunidades vizinhas, por exemplo, existem diferenças culturais e, nem todas as sociedades desenvolvem-se em um mesmo sentido. Se pensarmos em Caxias do Sul, em comparação à cidade de Gramado, perceberemos que a primeira está mais

ligada à indústria e a segunda ao turismo, ainda que a distância entre elas seja curta e o processo migratório e cultural tenha sido parecido.

Isso estabelece conexão com o questionamento de Castoriadis (2000) referente a perpetuação de um símbolo: para a instituição imaginária manter-se, é necessário que haja um símbolo central e irredutível, que não deixe janelas para a dúvida sobre sua existência. Ou seja, há um domínio racional de símbolos nas sociedades, com o objetivo de ordenação da própria sociedade e para isso, “deve incorporar os sinais do que já existe, como fator de identificação entre os sujeitos”, como afirma Moraes (1997, p. 96). Dessa forma, podemos refletir sobre os representantes desses anseios na sociedade, como líderes religiosos e políticos, que difundem o discurso que analisa passado e futuro, apresentando a possibilidade de equacionar problemas do presente.

Castoriadis (2000, p. 124) ainda lembra-nos de mais uma marca crucial para entender as instituições imaginárias: as necessidades criadas a partir delas, pois, o sujeito dominado por um determinado discurso, é levado a acreditar em algo que ele próprio não é, a partir daí, ele passa a ver o outro e o mundo de forma distorcida, “o sujeito é dominado por um imaginário vivido como mais real que o real, ainda que não sabido como tal”. Vale avaliarmos, nesse sentido, se as faltas que sentimos não se tratam de coisas supérfluas, como um produto ou um cargo, que podem ter sua origem em discursos publicitários, por exemplo.

Os imaginários, em sua maior amplitude possível, são construídos a partir da nossa capacidade interpretativa e assim criam soluções para a realidade, bem como novos significados. Mas, para isso, devemos analisar a autonomia no sentido elucidado por Castoriadis (2000, p. 123), que acredita ser “o domínio do consciente sobre o inconsciente”, tanto social, quanto individual. A sociedade autônoma, para ele, é aquela que sabe que suas leis são sua própria criação e é capaz de modificá-las, se assim crer que há necessidade e utilidade na mudança. O indivíduo autônomo, é aquele que assume seus desejos, tem capacidade reflexiva, respeita a si e a história, reconhecendo-se parte da sociedade, nesse sentido, pensando de forma livre e questionando livremente sobre qualquer instituição.

Sob a mesma perspectiva, cabe o pensamento de Baczko (1985), de que, depois do surgimento dos meios de comunicação em massa, os imaginários ainda podem ser criados a partir deles. Para o autor, os *mass media* criam, a partir de suas estruturas, novas necessidades ao público, isso se dá, pois, como o excesso de informação disparado constantemente pelos meios de comunicação, as pessoas ficam carentes de representações globais e unificadoras:

Num só movimento, os meios de informação de massa fabricam uma necessidade, que abre possibilidades inéditas à propaganda e encarregam-se, simultaneamente de

satisfazer essa necessidade. Com efeito, aquilo que os *mass media* fabricam e emitem, para além das informações centradas na atualidade, são os imaginários sociais: as representações globais da vida social, dos seus agentes, instâncias e autoridades; as imagens dos chefes, etc. (BACZKO, 1985, p. 314)

O que Baczko (1985) pontua é relevante para a nossa análise, já que acredita-se que os jornais e, especialmente as crônicas de Caxias do Sul contribuíram para a formação do imaginário social local. No movimento de mão dupla sugerido por Baczko (1985), o jornal teria assumido o papel de fabricante do imaginário da cidade e da cidade imaginária, também pelo fato já mencionado anteriormente, de que tratava-se do meio de comunicação de maior abrangência e que ao longo deste trabalho veremos como foi o processo de formação do local.

Para Baczko (1985), com o advento dos meios de comunicação de massa, houve a garantia de haver um único emissor, assim amplificando os discursos difundidos e criando o que ele denomina “cultura de massa”, a qual é formada por uma complexidade entre informação e imaginação. O filósofo constata que mais do que o notável aumento do fluxo de informações, ainda existe uma modelagem das suas características, isto é, uma seleção e hierarquização por parte dos emissores. Isso pode ser aplicado aos jornais, se analisarmos a sua linha editorial, seja ela cômica, religiosa ou política. O corpo editorial, em poder de um rol de notícias, é responsável por, de acordo com o que foi pré-estabelecido pela chefia da empresa, selecionar o que de mais relevante deverá ser publicado. Isso não significa necessariamente excluir ou incluir notícias em uma edição, mas, no mínimo, hierarquizá-las, de acordo com o que for determinado pelo conselho editorial.

A produção dos imaginários ancora-se também na intensidade e eficácia dos seus discursos. De acordo com Baczko (1985, p. 311), “o imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos discursos nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem”, isto é, toda a energia de um imaginário pode ser ativada por meio do discurso dos seus representantes. Esses signos encontram correspondência em diversos outros símbolos constituintes da rede simbólica e assim ocorre o movimento proposto por Castoriadis (2000).

Na mesma linha de raciocínio, Ferrara (1997) afirma que o imaginário citadino reproduz a rede simbólica e também produz discursos que com ela interagem. Assim, “o usuário é emissor e receptor ao mesmo tempo e, apenas com o registro da memória, esses discursos se transformam em arquétipos culturais (FERRARA, 1997, p. 198), ou então, pode-se dizer que por repetição de um determinado tipo de discurso, é que a memória absorve-o e replica-o de forma quase automática.

Pois, se os meios de comunicação são produtores de imaginários, como afirma Baczko (1985), e estes estiverem concatenados com o poder do Estado, é possível que os jornais da primeira metade do século XX tenham utilizado suas técnicas para difundir e fixar o imaginário daquele contexto. Para Baczko (1985), os imaginários, muitas vezes, são formados por uma fusão entre informação e valores:

A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo. Com efeito, o imaginário social *informa* acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. (BACZKO, 1985, p. 311)

Assim sendo, existe um esquema de interpretação aliado a outro de valorização. Segundo Baczko (1985) esse imaginário pressupõe que os membros de um coletivo humano aceitem e estejam dispostos a aderir um sistema de valores. Uma vez que esses valores são interiorizados pelos indivíduos, isso modela os comportamentos e pode fazer com que todas as pessoas do grupo ajam da mesma maneira. Por exemplo, uma comunidade a qual não aceita que as pessoas trabalhem durante a noite, até porque, nessa comunidade, o trabalho noturno está ligado ao perigo, ao ócio diurno, à promiscuidade, entre outros fatores, então, o integrante que não internalizar o conjunto de valores ligados a este costume, automaticamente, será excluído do grupo. Baczko (1985) acredita que esta exclusão é uma geradora de tensões na sociedade:

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do chefe, o bom súdito, o guerreiro corajoso, etc. Porém, designar a identidade coletiva corresponde, do mesmo passo, a delimitar o seu território e as suas relações com o meio ambiente e, designadamente, com os outros; e corresponde ainda a formar as imagens dos inimigos e dos amigos, rivais e aliados, etc. (BACZKO, 1985, p. 309)

Baczko (1985) acredita que o imaginário é uma força reguladora da sociedade e que, uma vez consolidado é uma das respostas aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Para o filósofo, o imaginário é um ponto de referência, que serve para manter a ordem e situa o indivíduo no lugar onde está, ou melhor, faz com que ele se identifique com o local. Por isso que, o imaginário social e urbano, além de todos os fatores socioeconômicos envolvidos em na pesquisa, é uma questão a ser investigada em Caxias do Sul. Dessa maneira, existe um imaginário edificado a partir de uma unidade cultural em coesão com os meios de comunicação, gerando a exclusão social e histórica de determinados grupos, como veremos na análise das crônicas.

As cidades, para Baczko (1985), são projeções de imaginários sociais no espaço:

A sua organização espacial atribui um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas (o centro opõe-se à periferia, o acima opõe-se ao abaixo, etc). A arquitetura traduz eficazmente, na sua linguagem própria, o prestígio que rodeia um poder, utilizando para isso a escala monumental, os materiais nobres, etc. (BACZKO, 1985, p. 313)

Em Caxias do Sul, por exemplo, a organização do espaço, desde a sua formação como meio urbano, aponta para um imaginário que não privilegia espaços de convivência e de diálogo, assim como veremos no capítulo sobre a formação da cidade, em que notou-se a falta de um planejamento que incluísse praças, parques, largos e etc. Outro ponto que chama a atenção e está presente, tanto na cidade material, quanto na imaginária, é o poder religioso. O prestígio pela religiosidade pode ser conferido quando se observa nos bairros, centrais ou não, a arquitetura imponente das igrejas católicas (Catedral Diocesana, São Pelegrino, Capuchinhos), que advém de um tempo em que a cidade não possuía tantos prédios. Outro fato é a maneira como essas construções, datadas do século XX, ainda destacam-se em meio aos arranha-céus, seja por altura ou por localização. Veremos também, no capítulo 3, que Caxias do Sul é uma cidade que sempre funcionou a partir do centro, devido ao seu tipo de formação.

Para Ferrara (1997) a imagem da cidade, isto é, a cidade material, comunica um código, corresponde a uma didática que ensina quem é quem na cidade. Mais que isso, “pela percepção coletiva da imagem, ensina-se a identificar o poder que organiza a cidade e dela se utiliza para perpetuar-se (FERRARA, 1997, p. 199), assim como no caso das igrejas católicas acima mencionadas, que se fizeram presentes no horizonte da cidade, desde o seu surgimento.

Segundo Pesavento (1997), a cidade é uma realidade objetiva, com suas ruas, prédios, praças, mas, por serem criações do homem, expressam o sistema imaginário, representam intenções. Em outras palavras, a materialidade representa as ideias de uma coletividade e, no caso de Caxias, de um grupo dominante composto pela igreja católica e empresários. Ao nos pautarmos pela via do imaginário social apresentada por Castoriadis (2000), em que as instituições fixam-se, primeiramente, no plano simbólico, é possível afirmar que alguns cronistas caxienses foram subversivos. Os cronistas imaginaram sua própria cidade, inserida em um “mundo que se parece, mas que teria a capacidade de criar o real” (PESAVENTO, 1999, p. 8).

De acordo com Pesavento (1999), “sendo a cidade, por excelência, o ‘lugar do homem’, ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados”. O imaginário do cronista, por conseguinte, é mais

um desses olhares, influenciado por suas experiências, ou mesmo a própria experiência de organizar uma cidade em texto, em busca dessa cadeia.

Tais afirmativas, abrem diálogo com os estudos de Juremir Machado da Silva (2003) que acredita que “todo imaginário é uma narrativa inacabada. Uma trama. Um ponto de vista, vista de um ponto”. Com esse pensamento, retomamos a ideia de que a cidade literária e literalizada, representada nas crônicas em análise, é se não, uma visão particular, inevitavelmente articulada com o imaginário social local. A diferença, neste estágio, entre a cidade instituída e a literalizada, está contida na sensibilidade ao cenário citadino, a imagem da cidade aliada à percepção da experiência de cada escritor, assim como conclui Pesavento (1999):

Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores. (PESAVENTO, 1999, p. 10)

Essas representações estão ligadas às utopias de uma comunidade urbana, projetadas no espaço físico da cidade. Os textos, sob essa perspectiva, “traduzem não só as transformações do espaço, como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes” (PESAVENTO, 1999, p. 13). Assim, as crônicas selecionadas para análise vão além da descrição de percursos, elas estiveram imersas no imaginário de Caxias do Sul, da primeira metade do século XX.

Para Pesavento (1999), os relatos literários da cidade podem ser aqueles desejos que não passaram do nível do projeto, que ficaram no plano do “desiderato”: ambicionado. Segundo a autora, a literatura das primeiras décadas do século XX, quando trata-se da representação do urbano, “qualificam o social, identificando uma reconstrução do mundo sensível que se expressou em discursos e também em imagens - visuais e mentais - evocadas pelo texto literário” (PESAVENTO, 1999, p. 14). Nesse sentido, além do relato particular, o cronista ainda julga as formas sociais, ou o imaginário social e urbano, tecendo críticas que configuram algo que poderia ter passado ao plano concreto.

Na perspectiva de Pesavento (1999), existe um “modo de pensar sem linguagem” referente ao aspecto físico da cidade, que, como já foi mencionado, é portador de um significado por meio dos símbolos espalhados pelas vias urbanas, ou então, uma linguagem simbólica. Para tal, a mesma forma com que Pesavento (1999) lê as representações do urbano, a presente pesquisa apoia-se na dimensão simbólica da expressão literária das crônicas, pois as imagens da cidade são capazes de evocar memórias e, mais que isso, de gerar inquietações, independentemente do tempo em que foram escritas ou lidas.

Nesse estágio, falamos de uma cidade que, de fato, não existe. Pelo simples fato de as representações do passado serem apenas impressões de um tempo transcorrido e porque, a cidade do futuro, possivelmente, não atenderá aos desejos da atualidade, uma vez que no processo histórico e cultural não existem pausas para construções e reconstruções. Esta é uma ideia semelhante ao que nos apresenta Ítalo Calvino em *As Cidades Invisíveis* (1972), como em um ciclo, no qual a cidade imaginária é fluida e está em constante destruição, pelos próprios anseios despertados pela modernidade. Na obra, Marco Polo ao narrar as cidades para o conquistador Kublai Khan, adverte-o: “a cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e com ele se satisfazer” (CALVINO, 2015, p. 8), ou seja, que a concretude de uma cidade permeada por desejos, encontra-se somente no próprio habitante que a imagina.

2.2 CRÔNICA BRASILEIRA

A crônica é entendida como um gênero jornalístico-literário, pois nasceu e está presente nos jornais, utilizando-se de recursos da escrita literária, bem como da jornalística, pode fazer referências a alguma notícia da mesma edição. O gênero, inicialmente, compreendia o relato dos acontecimentos em ordem cronológica, porém, acredita-se que a crônica foi além de uma simples ferramenta, ela pode ter interferido no imaginário social e é, de certa forma, um veículo do imaginário. Para que crônica exerça essas funções, consideramos o seguinte questionamento de Silva (2003), a respeito dos criadores de imaginários:

Que máquinas criam imaginários no auge das sociedades tecnológicas? As tecnologias do imaginário são, portanto, dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida. Mas não são imposições. Na ‘sociedade do espetáculo’, em que tudo é mediado por tecnologias de contato, por instrumentos de aproximação massiva, as tecnologias do imaginário buscam mais do que a informação (mitologia do jornalismo): trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações fundamentais (SILVA, 2003, p. 20)

A partir da questão, o pensamento do autor recai sobre do jornal, afirmando se tratar de uma tecnologia do imaginário, de ordem informativa que, ora se apresenta como meio, ora como uma série de técnicas próprias. Em meio a essa tecnologia, encontra-se a crônica, que também pode utilizar técnicas oriundas do jornalismo e, de uma forma ou de outra, é, portanto, um veículo do imaginário. Uma vez a crônica reconhecida dessa forma, podemos refletir a respeito do conceito e da função social do gênero, sendo ele uma parte integrante do periódico e um dispositivo de interferência na visão de mundo do leitor, já que transmite uma concepção

do fato. Como foi explicitado por Silva (2003), essas tecnologias, no caso o jornal, não agem por imposições, porém, oferecem uma possibilidade mais ampla do que simplesmente a informação pela informação, isso é notável em uma editoria de jornal, por exemplo, que pode oferecer uma grande amplitude de assuntos no que se refere à seleção de seu conteúdo e de que forma isso será feito.

De acordo com Coutinho (1989) a partir do século XIX a palavra crônica, ganhou nova roupagem e passou a ser um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo brasileiro. Ele comenta que não se sabe se essa mudança ocorreu no Brasil ou em Portugal, mas que, a partir desse século, as crônicas receberam uma seção semanal nos jornais do Brasil e “o uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia” (COUTINHO, 1989, p. 121).

No Brasil, a crônica passou por um processo de ambientação para designar um gênero literário e jornalístico, no qual o que mais importa é o assunto e aí está justamente a graça desses textos: o cronista está atento aos fatos miúdos, mas não menos atento às temáticas trazidas à tona. A atmosfera brasileira é conveniente para as criações do “novo animal”, como define Machado de Assis⁷, em uma crônica que, de acordo com comentário de John Gledson (2013), foi publicada em 10 e 12 de janeiro de 1859, no *Correio Mercantil*: “o folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consociado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal” (ASSIS, 1859).

O cronista surge da união entre o jornalista e o sujeito com talentos literários, pois, precisa engendrar dois diferentes tipos de relato em uma só criação: toda a seriedade presente nos conteúdos noticiosos e a linguagem literária que pretende atingir. A crônica, a partir do século XIX, começou um processo de amadurecimento, para chegar ao patamar de gênero genuinamente brasileiro, como defende Candido (1980), pois trouxe para si uma significação própria no país, diferente das vertentes inglesa⁸ e francesa⁹.

⁷ Machado de Assis publicou mais de seiscentas crônicas ao longo de sua carreira como escritor. Os textos de Machado de Assis valem-se de imitações de outros estilos como o dramático, o épico, entre outros, atingindo a mais alta qualidade no gênero. (GOMES, 1963)

⁸ A vertente inglesa sugere algo próximo do *essay*, o ensaio representa uma tentativa, um inacabamento. A essência do gênero reside em sua relação com a palavra falada, desprendendo-se de estilos pré-estabelecidos. Não possui uma forma fixa, utilizando-se das necessidades de expressão em um discurso geralmente compacto. (COUTINHO, 1989, p. 118)

⁹ “*feuilleton* foi a seção criada no *Journal des débats*, em 1800, caracterizada materialmente pelo traço horizontal no rodapé da página que a separava do restante do periódico. Inicialmente, era dedicada à publicação de anúncios de espetáculos dramáticos e ao entretenimento em geral, como moda, charadas, etc.” (SOARES, 2008, s/p)

Para Candido (1980, p. 7), ao longo das décadas, a crônica foi deixando de ter a intenção de informar e comentar, para adquirir a finalidade de divertir. A respeito da linguagem, ele afirma que se tornou mais leve, descompromissada e se afastou da lógica argumentativa ou crítica da política, para penetrar na poesia. Candido (1980, p. 7) acredita na “fórmula moderna” da crônica, que mistura os fatos do cotidiano, com um toque humorístico, com uma dose de poesia que “representa o amadurecimento e o encontro mais puro consigo mesma”.

De acordo com o autor, “num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade” (CANDIDO, 1980, p. 8). É o que ele denomina “busca de oralidade na escrita”, o que explica a cativação de públicos diversos e a inserção até mesmo nos ambientes escolares, como expõe o pesquisador. Com isso, Candido (1980) não quer dizer que a crônica é um texto que não apresenta densidade, mas que a linguagem empregada possibilita a muito mais leitores uma aproximação com os textos.

Coutinho (1989, p. 123) atribui a essa coloquialidade na escrita a capacidade que a crônica tem de “condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana e do mês, tornando-se assimilável a todos os paladares”. Nesse ponto, começamos a refletir sobre a multiplicidade das funções da crônica na sociedade e, por que não, a de agir sobre o imaginário social, como pontua Coutinho (1989) quando diz que “a crônica pode tornar-se um poderoso agente de correção dos costumes, ainda quando tenha ares de um passatempo frívolo”, algo que foi encontrado também nas crônicas publicadas em Caxias do Sul, como por exemplo algumas que traziam tópicos de orientação às mães sobre a educação dos filhos, ou então, a maneira como uma mulher deveria se comportar publicamente.

Não que a crônica incida de forma direta no comportamento do leitor, mas, através da linguagem, ela pode apresentar uma gama de símbolos e suscitar diversos significados. De acordo com Jorge de Sá (2001, p. 32), um dos primeiros pesquisadores da crônica no Brasil, “a função poética da linguagem consiste basicamente na construção da frase de forma que a sua economia linguística produza uma ampla significação” e nesse ponto, a crônica ainda apoia-se em outros artifícios como o humorismo e a ironia, e não somente no lirismo para alcançar o leitor. Para Sá (2001, p. 33), o humor assume a função de “recuperar a poesia, confirmando que a crônica e seu contexto jornalístico são uma realização literária sempre”, sendo assim, fica claro que o tom brasileiro, como afirma Sá (2001), está ligado diretamente ao humor poético dos cronistas do país, pois muitos utilizaram-se dele, além de ser um exemplo de que a coloquialidade também pode ser objeto de amplitude interpretativa.

Um dos autores que se utilizou do recurso humorístico para tratar dos temas cotidianos e promover críticas ao cenário político nacional foi Machado de Assis. Uma das técnicas utilizadas para esse fim foi a adjetivação, como no trecho de uma crônica publicada no Jornal do Comércio, em 23 de maio de 1888:

Os theatros forão, de noite, franqueados ao povo, a quem se tinha distribuido bilhetes. Os ex-escravisados accorêrão á distribuição, e heroicamente pelejarão por uma cadeira. Para muitos deveria ter sido noite de fantasticas e indiziveis emoções! O teatro com as suas visualidade espectaculosas sabe falar ás imaginações menos impressionaveis, quanto mais á da pobre gente, que ainda tem meia ingenuidade do selvagem!¹⁰ (ASSIS, 1888, p. 1)

No Brasil, no século XIX, o jornal se submetia aos interesses de uma elite escravocrata e seu objetivo era manter esse sistema. O jornal configurava ainda um meio de comunicação dirigido à classes mais altas da sociedade, aquelas que tinham acesso à educação, já os textos argumentativos, e com isso as crônicas, no período final do século XIX, representavam uma ruptura no imaginário do público, uma vez que a linguagem apresentava-se, algumas vezes, de forma diversa do restante do periódico, assim como as temáticas, algo perceptível no trecho acima citado, em que Machado, sob o pseudônimo de C de L, relata a ida dos escravos recentemente libertos ao teatro.

De acordo com Coutinho (1989), José de Alencar, que atuou no Correio Mercantil também como cronista, foi responsável por trazer a mais alta categoria intelectual ao gênero crônica. O título geral da seção na qual publicava Alencar era intitulado de “Ao correr da pena”¹¹(publicado originalmente no Correio Mercantil, em 24 de setembro de 1854), algo que já sugeria a característica de efemeridade que o gênero carrega. Segue um trecho de uma crônica de Alencar, ilustrando o começo do período em que foi folhetinista:

É uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horácio, deste novo Proteu, que chamam – folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candeias às avessas, e escrever-lhe-ia uma biografia, que, com as anotações de certos críticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno no purgatório onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada idéia. (ALENCAR, 1854, p. 1)

Mesmo o texto sendo permeado pelo complexo de inferioridade, a crônica é que abriu caminho para muitos romancistas brasileiros, mas, fundamentalmente, para a exposição de

¹⁰ Optou-se por manter a grafia original, da forma como foi encontrada na fonte primária disponível no site da Biblioteca Nacional Digital, na Hemeroteca Digital.

¹¹ O título da coluna de Alencar sugere o fato de serem comentários sobre as notícias da semana, não importando a sua localidade, o autor tecia considerações sobre assuntos diversos. Coutinho (1989), afirma "que tem, no dizer de Eugênio Gomes, 'o aspecto de um bazar asiático', pois não havia uma subdivisão de seções para determinados assuntos, era possível encontrar uma porção de coisas diferentes. (COUTINHO, 1989, p. 125).

críticas à sociedade. Segundo Coutinho (1989, p. 124), “Alencar não mudava de pena para escrever o folhetim da semana e a obra de ficção que passaria a publicar na mesma folha, com as sugestões que melhor consultassem às preferências da sociedade”. Com a afirmação de Coutinho (1989), é possível acreditar que os cronistas, desde a época em que ainda não eram reconhecidos como tais, pois o gênero ainda não estava consolidado nos periódicos, são agentes sociais atentos ao seu tempo. Na crônica residia, por fim, o espaço para o autor expor sua inconformidade com a realidade histórica e social.

A noção de tempo remonta à ideia de Davi Arrigucci Jr., que afirma:

Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela [a crônica] uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51)

Se as crônicas são uma continuidade do gesto humano na tela do tempo, podemos observá-las como um relato situado historicamente e, o que mais interessa à presente pesquisa: elas são representações do imaginário da cidade moderna. A escrita da crônica exige do autor “uma participação direta na vida mundana, de que era um eco ou o espelho da imprensa” (COUTINHO, 1989, p. 126). Com isso, surge um questionamento sobre quais círculos sociais os cronistas caxienses frequentavam, pois daí extraíram a matéria prima para a produção dos textos e tal resposta, encontraremos em algumas crônicas analisadas no capítulo 4.

Para nos debruçarmos sobre a conexão entre crônica, cidade e modernidade, estabelecemos diálogo com o pensamento de Arrigucci:

A crônica é ela própria um fato moderno, submentendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 59)

No trecho, possivelmente, o autor estivesse se referindo às metrópoles do século XIX, tais como Londres e Paris, que já experienciavam os efeitos da modernidade, como o imediatismo. No Brasil, outro cenário se apresentava, e um representante da crônica brasileira na primeira década do século XX foi Lima Barreto. O autor, imerso na linguagem jornalística, dedicou-se ao tratamento temático voltado ao âmbito social, que compreendia os níveis sociais, político, econômico e cultural. Segundo Sevcenko (2003, p. 199), Lima Barreto, no período em que participou da imprensa carioca, “fixaria algumas das qualidades mais marcantes de seus textos”, Barreto “soldaria as matrizes ficcional e confessional de sua obra sob o tom geral de crônica cotidiana”. Dessa forma, os textos de Lima Barreto apresentam uma unidade, ao mesmo

tempo que são uma fusão de estilos, sendo a comunicabilidade sua mais importante característica, como comenta Sevcenko (2003).

Lima Barreto contribuiu significativamente para a crônica brasileira pois acreditava na literatura como um complemento, ou então, como um recurso que tinha efeito decisivo sobre a comunidade humana, afirma Sevcenko (2003). A eficácia dos textos do autor, possivelmente, tenha vindo da linguagem despojada, aspecto que a crônica demanda, como veremos no trecho a seguir, da crônica intitulada Academia social:

Alguns homens de boa vontade resolveram fundar nesta cidade um alto estabelecimento de instrução comercial. É intuito deles banir do seu ensino todo o pedantismo, todo o luxo teórico; fazê-lo prático, moderno, à americana. De tal modo o querem que, ao fim de um curso de pequena duração, o aluno poderá, sem dificuldades e hesitações, colocar-se à testa em uma loja, gerindo-a com o desembaraço e a segurança de um velho negociante com vinte anos de prática. (BARRETO, 2016, p. 89)

Além da linguagem, Lima Barreto “revestia os personagens populares e as vítimas da abominação social de uma dignidade superior e universal” (SEVCENKO, 2003, p. 200). O autor recorre, constantemente à ironia, como no fragmento anterior, que revela outra característica marcante da crônica, para tecer críticas ao sistema de ensino técnico e privado no Brasil. Isso leva-nos a reconhecer que alguns dos grandes intérpretes da modernidade brasileira nas crônicas são negros, talvez movidos por seu apagamento na sociedade, de forma geral.

Na primeira década do século XX, “a crônica estava se tornando uma atividade capaz de oferecer profissionalização” (RESENDE, 1993, p. 78), a ela cabiam duas vantagens do mundo moderno: o caráter imediato e a desobrigação de encaixar-se nos gêneros nobres já existentes, o que significava aproximar-se do gosto do público. Mas, para Resende (1993), Lima Barreto ainda oferecia mais uma possibilidade além do ajuste ao mundo moderno, da efemeridade e da quebra de padrões literários: ele tematiza a própria imprensa em suas crônicas e está, justamente nesse fato, a maior flexibilidade que sua obra oferece, pois exerceu a liberdade de criticar o meio no qual ele próprio atuou.

Na atuação de Lima Barreto como cronista, nota-se o que Beatriz Resende (1993, p. 60) chama de “representação alegórica” que vai “opor a visão de fragmentos de vida, que uma escrita sedutora aproxima daquele a quem cabe conhecê-la”, ou seja, que a crônica por ser uma reunião de fragmentos, sejam eles de formas ou de ideias, confere sentidos múltiplos perceptíveis a um vasto público. Resende (1993) entende, portanto, a crônica como ruína, porque utiliza sua própria maneira de ser para apresentar o presente, que ao ser narrado já é passado.

Esse relato pessoal e fragmentado circunscrito no tempo, por mais que tenha uma dose considerável de ficção, notável também pelas figuras de linguagem, ainda assim revela um quê de memória do que já foi vivido, ou imaginado como solução para a situação na qual se encontrava a sociedade. No Brasil do século XX, as empresas jornalísticas visavam o barateamento literário, ou seja, uma forma de simplificação da linguagem, que poderia cativar mais públicos. Na lista de produtos jornalísticos estava também a crônica, que “se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia” (ARRIGUCCI JR., 1987, p.55).

No século XX, aparecem autores como João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, a quem Coutinho (1989) atribui o título de iniciador da crônica social moderna. João do Rio iniciou sua carreira no jornalismo como repórter, mas foi consagrado por suas crônicas, as quais eram escritas de maneira muito particular, pois ele ia às ruas, perambulava e assim, extraía informações para produzir textos que representavam a modernidade periférica que se desenvolvia na cidade do Rio de Janeiro. Para Pesavento (1999, p. 157), o Rio de 1900, a então capital federal, funcionou como uma cidade no espelho, uma imagem que pode operar de forma invertida e deformante, logo, uma “representação sensorial de algo que existe, traduz lógicas de percepção que passam pelos caminhos do imaginário”.

Para Siqueira (2004), a cidade do Rio de Janeiro dessa época¹² foi um cenário de pobreza e luxo. Ao passo que a capital brasileira imaginava um processo de modernização e modernidade para si, a mesma elite que importava modelos, principalmente europeus, como a criação de *boulevards* semelhantes aos de Paris, ignorava “as habitações coletivas sem o apropriado saneamento e a falta de água” (SIQUEIRA, 2004, p. 99). Para o pesquisador, a ascensão de João do Rio, deveu-se ao aspecto de denúncia presente em suas crônicas, a criticidade foi um traço marcante da produção do cronista, como no exemplo que se segue, da crônica “A rua”:

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. (RIO, [19--], n. p)

¹² A cidade do Rio de Janeiro passava por uma remodelação, mas somente na sua estética, pois “mudança a qual foi submetida a Capital Federal no governo do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Pereira Passos inspirava-se na remodelação de Paris. Contudo, o objetivo de fazer do Rio de Janeiro uma ‘Europa possível’ mudando as feições coloniais da cidade, não solucionou seus problemas sociais”. (SIQUEIRA, 2004, p. 89)

No fragmento, o cronista compara algumas capitais ao redor do mundo e conclui que a rua é uma agasalhadora das misérias, pois é nela onde os desgraçados, os menos abastados, estão vivendo. Frente a isso, está outra rua e, mesmo que os moradores dessa rua acreditem que os deuses os protegem, ainda haverá uma abertura para que a miséria continue. Com isso, o cronista, além de criar um cenário de camadas para uma via pública, chama a atenção para a pobreza reinante das ruas do Rio de Janeiro.

Um dos aspectos da sociedade carioca elencado por João do Rio, tratava da precariedade das condições em que vivia o imigrante no Brasil, algo que também ocorreu com os imigrantes italianos, em Caxias do Sul, em circunstâncias diferentes. De acordo com Siqueira (2004, p. 88) “o trabalho físico intenso e o baixo valor do salário, aliados à pouca alimentação nem sempre permitiam que os imigrantes juntassem o suficiente para pagar a passagem de volta a seus países. As condições de trabalho eram precárias e não havia leis protegendo o trabalhador”. No capítulo 3, as condições de vida dos imigrantes italianos que se dirigiram à Caxias do Sul, serão melhor esclarecidas, mas é importante lembrar que a situação dessas pessoas tinha uma característica comum no Brasil: a miserabilidade.

Em um paralelo com os estudos de Pesavento (1999, p. 182), acreditamos que a crônica converge com a modernidade no momento em que ocorre “a superestimação da reforma urbana”, que pode ser assinalada como um “traço do ‘caráter nacional’, que cria o imaginário da modernidade, produz a sensação de ‘viver em metrópole’ e se torna ‘real’ para os que nela habitam”. Tal percepção a respeito do imaginário social no Brasil foi fomentada, de modo geral, pelo desenvolvimento urbano do país que, coincidentemente, ou não, veio a ser tema e/ou cenário para grande parte dos cronistas brasileiros.

A cidade moderna, e nesse sentido a cidade moderna imaginária para os brasileiros, passa, no século XX por uma aproximação com capitais europeias. Em Caxias do Sul, em uma menor escala, não existem referências diretas à essas metrópoles, mas poderemos observar os anseios em ser uma metrópole dispostos nas crônicas publicadas nos jornais locais. Isso nos leva a pensar sobre as semelhanças, mas, principalmente sobre as diferenças entre os processos de modernização e surgimento da crônica, em países como o Brasil e a França.

O folhetim francês surge e é difundido, na França na mesma fase em que a cidade sofria grandes transformações urbanas. Era o momento em que os projetos de Haussmann, então prefeito de Paris, alastraram-se numa busca alucinante por modernização e progresso, não levando em consideração alguns aspectos da desigualdade social nesse processo. No Brasil, os governantes da época, como foi explicado anteriormente, também se propuseram a aplicar grandes projetos de remodelação urbana e jamais consideraram a realidade histórica e cultural

do país, além das questões de desigualdade social da época. E é nesse instante em que a crônica vai ao pé do leitor para criticar um planejamento que não condizia com a realidade. Por certo que essas não foram as únicas temáticas abordadas nas crônicas do início do século, mas elas estão em sintonia com o processo de perpetuação do gênero nos jornais do Brasil.

Passando a um outro momento da crônica brasileira do século XX, surge Rubem Braga, considerado por Arrigucci Jr. (1987), um modelo de cronista e um escritor que consagrou-se exclusivamente como cronista. Braga, além de apegar-se aos fatos menores do cotidiano, apresentou um texto lírico, no qual uma conversa fiada gerava uma reflexão profunda fundada em uma linguagem própria e híbrida (noticiosa e literária) da qual a crônica se serve, como é o exemplo da crônica de Rubem Braga “Cafézinho” (publicada originalmente em 1939, no *Diário de Notícias*):

A vida é triste e complicada. Diariamente é preciso falar com um número excessivo de pessoas. O remédio é ir tomar um "cafezinho". Para quem espera nervosamente, esse "cafezinho" é qualquer coisa infinita e torturante. Depois de esperar duas ou três horas dá vontade de dizer:

- Bem cavalheiro, eu me retiro. Naturalmente o Sr. Bonifácio morreu afogado no cafezinho.

Ah, sim, mergulhemos de corpo e alma no cafezinho. Sim, deixemos em todos os lugares este recado simples e vago:

- Ele saiu para tomar um café e disse que volta já. (BRAGA, 2018, p. 56 e 57)

No trecho acima Rubem Braga desenrola uma reflexão a respeito da morte, partindo de uma saída rápida para tomar café, algo que representa um fato miúdo do cotidiano, sendo um gatilho para escrever a crônica. O fato de ter sido primeiramente publicada em um jornal, também pode categorizar o texto como crônica, de acordo com as ideias dos autores apresentadas até agora.

A crônica brasileira merece um local de destaque como gênero nacional, pois, aproxima-se de outros gêneros literários, sem perder a veia jornalística, do factual. Coutinho (1989, p. 134), diz que a crônica é uma “reportagem disfarçada”, ou subjetiva, pois, “o fato é visto por um prisma transfigurador”. Isso com a diferença de que, para o repórter, o fato é em geral um fim, enquanto que, para o cronista, é um pretexto. Essa mesma visão é compartilhada por Candido (1980), que acredita que as crônicas entram fundo nos significados dos atos e sentimentos, podendo levar longe a crítica social, o que não necessariamente deve estar ligado às apurações de fatos e fontes, porém ao recurso cronístico capaz de insistir no “papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica” (CANDIDO, 1980, p. 11).

Está na simplicidade um dos artifícios especializados do gênero e talvez por isso a aceitação crescente do público, como se tem notado ao longo do tempo e pelo aumento de cronistas nos periódicos. Segundo Candido (1980, p. 11), a crônica configura um “veículo

privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”, sendo assim possível pensar sobre a atuação como veículo do imaginário urbano.

Se olharmos para os cronistas que publicaram mais perto da metade do século XX, encontraremos nomes como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade que, embora não tenham sido consagrados por serem cronistas, contribuíram para o processo de desenvolvimento do gênero. As crônicas da primeira metade do século XX passaram de sociais e descritivas, para uma forma inclinada ao comentário. Por exemplo, a crônica *Escombros de Junho*, de Carlos Heitor Cony, que inicia o texto reclamando sobre as músicas de festa junina, depois das músicas de natal; em seguida, faz uma reflexão sobre o tempo, cismando sobre as músicas de carnaval; enquanto isso, observa uma garotinha em frente à mesa de doces e dá-se conta de que é sua filha; por fim, analisa sua própria solidão.

Tal tipo de texto faz parte de uma categorização proposta por Coutinho denominada “crônica-comentário” e sobre ela o autor destaca que essa crônica vai “acumulando muita coisa diferente ou díspar” (COUTINHO, 1971, p. 120). Esta tipologia também pode ser reconhecida em muitas crônicas de Machado de Assis e José de Alencar que, mesmo tendo sua maior produção cronística concentrada em uma temática, também acabaram produzindo, crônicas que mais pareciam uma colcha de retalhos.

Outras categorias foram propostas por Coutinho (1971), como a “crônica narrativa”, que se aproxima do conto, possuindo um eixo que caracteriza-se por uma estória ou por um episódio. O autor destaca que, dentre os escritores seus contemporâneos, Fernando Sabino é referência nesse tipo. A perda das características de linearidade temporal – começo, meio e fim – no conto, foi fundamental para que se estabelecesse uma aproximação entre os dois gêneros.

A “crônica-metafísica” é a que dialoga com a filosofia e “as meditações sobre o homem feitas por escritores como Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade constituem-se em típicos exemplos dessa categoria de crônica”(COUTINHO, 1971, p. 121). Para Coutinho (1971) a “crônica poema-em-prosa” possui conteúdo lírico onde há um “mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado”(COUTINHO, 1971, p. 120). A última caracterização, a “crônica-informação”, é aproximada pelo autor ao seu sentido etimológico, pois, nesse tipo de crônica, o escritor divulga fatos e acontecimentos realizando comentários a respeito dos mesmos.

Colocados os cinco tipos de crônica brasileira, propostos por Coutinho (1971), podemos dizer que o gênero jornalístico-literário constitui um texto de fruição, é claro, se o cronista lançar mão das possibilidades que o texto oferece. Localizada em um meio de comunicação que

se pretende factual, a crônica proporciona um respiro em meio às notícias, mas também a interpretação das informações. Uma vez que o cronista joga com a própria opinião, ele deixa o caminho livre para as discordâncias por parte do leitor.

Se pensarmos nos cronistas brasileiros, e nisso estão incluídos os de Caxias do Sul da época em questão, veremos que, grande parte dos cronistas não necessariamente precisava ser especialista em comunicação social ou literatura. Contudo, as crônicas eternizadas são de fato aquelas às quais o autor dedicou-se a lapidar a linguagem e assim, com apelo humorístico, lírico ou informativo, elevou o gênero do cotidiano. Mesmo que a crônica brasileira seja a supervalorização de um fato ou coleção de vários, ainda assim, cruza dados para que um simples café seja passível de reflexão filosófica. Ainda que a crônica seja a representação da “vida ao rés-do-chão”, como acredita Candido (1980), acreditamos que, por meio dela, é possível pensar sobre um texto que passou por um processo de ambientação para que viesse a ser genuinamente brasileiro, já que características como a estrutura textual, bem como a linguagem e o espaço físico da crônica não correspondem mais aos parâmetros de folhetim ou simples ensaio. O gênero crônica brasileira é outra coisa, que não ficou presa às suas origens, não obedeceu aos limites do jornalismo, nem da literatura, ajustou-se ao período de publicação, de forma que é possível investigar as representações do imaginário urbano de Caxias do Sul, nas crônicas veiculadas em jornais locais, entre 1900 e 1930.

3 O DESENVOLVIMENTO DE CAXIAS DO SUL E A IMPRENSA LOCAL

O Rio Grande do Sul, desde o século XVIII, começou a ser ocupado por portugueses, alemães e italianos, em um processo que aculturou, expulsou e dizimou os povos indígenas da região. Os imigrantes europeus fizeram parte do plano político do Império, para impulsionar a produção agrícola e o trabalho livre com mão-de-obra assalariada. De modo geral, a imigração obteve sucesso, conforme os objetivos do imperador, pois os centros urbanos dependiam da agricultura e, com isso, foi possível suprir necessidades básicas de alimentação. Da mesma forma, destaca-se o fato de as colônias de imigrantes terem sido fundadas longe das grandes propriedades, justamente para não criarem conflitos com o poder dos grandes proprietários rurais.

Não podemos esquecer que as autoridades, tanto políticas como eclesiásticas, faziam valer os preceitos religiosos sobre as culturas indígenas que residiam no estado, e na região do Campo dos Bugres, considerado o núcleo pré-histórico da cidade de Caxias do Sul. Esta faixa de terra compreendia o espaço onde vivia a comunidade indígena de caigangues que, no século XIX, foram desalojados por agentes do governo chamados de “bugreiros”¹³, incumbidos de retirá-los da região, para alocar os imigrantes europeus. Essa ação estratégica compreendia o desejo do Império português de “branquear a raça”, o que significava, na prática, tornar a população do Brasil inteiramente de pele branca.¹⁴

O movimento de ocupação e produção agrícola iniciou pela região do Vale dos Sinos, em São Leopoldo, com os imigrantes alemães, em 1824. De acordo com Herédia (1997), o sucesso da obra da colonização estava garantido via trabalho humano e expansão acelerada da agricultura, financiada pelo governo geral. Por isso, em 1875, o Império também destinou as primeiras famílias vindas da Itália à colônia já desocupada por força dos bugreiros, onde seria o ponto de partida da imigração italiana no estado:

Imigraram nessa primeira fase famílias inteiras, mas também jovens solteiros e famílias recém formadas. Foi, portanto, na primeira légua que se estabeleceram os primeiros imigrantes italianos no lugar chamado Barracão, logo depois chamado de Nova Milano, devido à origem milanese de muitos imigrantes (HERÉDIA, 1997, p. 39).

¹³ Os bugres, nomenclatura pejorativa para denominar os indígenas, eram considerados não civilizados por não terem a mesma cultura religiosa cristã dos europeus. Os bugreiros por sua vez, eram indivíduos designados pelo Império, especializados em atacar e matar tribos indígenas.

¹⁴ Encontramos no periódico *O momento*, do dia 22 de janeiro de 1949, um artigo tratando da memória dos bugres, que foram os desbravadores da terra local. No texto está, além do tom heróico com que sempre tratou-se do imigrante italiano, um apelo do jornalista para que se implantasse em Caxias do Sul um monumento ao índio caigangue.

Disponível em:

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=25231&p=1&Miniatura=false&Texto=false>

Já em 1876, chegaram mais imigrantes, com origens de Belluno, Treviso, Padova, Mantova e Tirol, ao então denominado Campo dos Bugres (futura cidade de Caxias do Sul), no qual já estavam delimitadas a Quinta, Sexta e Sétima Léguas. A colônia, então, passava a ser sede do núcleo imigratório, conforme a determinação do governo. Nessa época, de acordo com o relatório do Ministério da Agricultura, viviam na Colônia Caxias em torno de 4 mil habitantes, compostos, em sua maioria, por italianos, mas também por tirolezes, alemães, poloneses, espanhóis, franceses, suíços e ingleses. (HERÉDIA, 1997, p. 42)

A maior parte dos imigrantes procedia de uma região específica, como afirma Possamai (2004):

Cumprir notar que as províncias da Lombardia que mais contribuíram para a emigração para o sul do Brasil foram as mais próximas ao Vêneto e que as províncias lombardas de Bréscia e Bérgamo por séculos haviam pertencido aos domínios de Veneza, assim como também a região de Friuli. Por sua vez, embora o Trentino ainda não fizesse parte da Itália recém-unificada, sua população era etnicamente italiana e culturalmente influenciada pelas províncias vênetas vizinhas. (POSSAMAI, 2004, p. 562)

Segundo o autor, a cultura dessa região oferecia benefícios ao plano de imigração do governo brasileiro: “a ação dos agentes da emigração para o Brasil concentrou-se no nordeste da Itália, particularmente na região do Vêneto, onde os camponeses tinham a fama de ser gente trabalhadora e submissa às autoridades” (POSSAMAI, 2004, p. 562). Possamai (2004) comenta que essa era uma imagem sustentada pelas autoridades locais, tanto as civis, como as eclesiásticas, porque assim condicionaram a população camponesa ao que desejavam.

Para a distribuição dos lotes, os interessados faziam uma espécie de matrícula junto ao representante do governo que os recebia. Em seguida, passavam por uma entrevista, em que eram questionados sobre seus locais de interesse, de acordo com a proximidade de parentes e amigos e, em seguida, recebiam as linhas de assentamento para se dirigirem à localidade, a fim de avaliá-la e aprová-la. Como última estada antes da concessão dos lotes, os imigrantes seguiam para o Barracão mais próximo da Linha.

Nessa fase, Caxias do Sul ainda pertencia ao 5º Distrito de São Sebastião do Caí, e o engenheiro responsável pela Comissão de Terras tinha a preocupação de construir um grande número de barracões, para que os colonos obtivessem maior agilidade na etapa de concessão dos lotes. Esses locais serviam como último abrigo antes do estabelecimento dos colonos nos referidos lotes, o que facilitava o trabalho, porque estavam em um local próximo de suas futuras moradias.

Caxias do Sul, em função da grande concentração de imigrantes, tornava-se uma das sedes da imigração italiana no Rio Grande do Sul, junto com Nova Milano e Nova Trento. A área da Colônia Caxias, em 1900, já contava com uma população de mais de 10 mil habitantes, 400 casas e uma igreja, já que na região instalava-se também a predominância da religião católica, de acordo com Possamai:

Devido ao papel de liderança do clero no movimento emigratório, não é de se estranhar que o prestígio do clero católico, que já era grande no norte da Itália e no Trentino, tornou-se ainda maior nas colônias agrícolas no Rio Grande do Sul. Além do seu papel tradicional de líder intelectual dos camponeses, o clero passou a desenvolver um importante papel assistencial durante os primeiros tempos da colonização. (POSSAMAI, 2004, p. 566)

Além de quererem encontrar terras produtivas e, com isso, a oportunidade de desenvolvimento no Brasil, os colonos trouxeram a bagagem cultural italiana e europeia. De acordo com Favaro (2004):

Transplantaram para a terra de adoção, juntamente com seus parques pertences, um conjunto de crenças, mitos e rituais que, frente às modificações desencadeadas pelo binômio industrialização-urbanização, encontraram na América condições para florescer. (FAVARO, 2004, p.505)

O novo contexto para os italianos também apresentou desafios para o trabalho. A produção agrícola demandava mão de obra nas porções de terra, porém, nessa época, pela legislação vigente no Brasil, já não se podia mais usar o trabalho de pessoas escravizadas. Para Favaro (2004, p. 507), “a força de trabalho, então, constitui-se forçosamente na exploração da unidade familiar, através da família extensiva”, isso significou, desde os primeiros tempos de colônias italianas, que se mantivesse a coesão familiar. Para que houvesse essa manutenção, a Igreja exerceu um papel fundamental:

Visando assegurar e manter o *status quo* a Igreja outorgou-se o dever e o direito de aplicar diferentes formas de pressão sobre as pequenas comunidades de imigrantes em processo de formação. A família imigrante, núcleo social e econômico por excelência, devia manter a coesão interna e a imagem externa a qualquer preço, dado que unicamente pelo esforço coletivo poderia realizar-se o sonho de “far la Merica”.(FAVARO, 2004, p. 507)

Tamanha era a influência do clero sobre as comunidades que, ainda sob a perspectiva de Favaro (2004, p.507), as normas e regras sociais instituídas nos primeiros anos de imigração sobreviveram ao desenvolvimento econômico e urbano dessas regiões. Nesse sentido, é importante lembrar que qualquer meio de comunicação que estivesse à serviço da Igreja serviu

de ferramenta que fortaleceu os preceitos da religião, em sintonia com a preservação da estrutura familiar e do trabalho:

Nos inícios do século XX, os jornais católicos, de larga penetração no interior, eram porta-vozes eficientes e eficazes na definição e manutenção dos papéis familiares tradicionais (e, por extensão, do das mulheres fossem casadas, solteiras ou viúvas, jovens ou não) [...] Reafirmando e reforçando a hierarquia e rigidez estrutural familiares. (FAVARO, 2004, p. 508)

Dez anos após o início da imigração, além do desenvolvimento agrícola e populacional (motivado pela demanda de mão de obra), a dívida do estado com o governo era enorme, principalmente, pelos investimentos em infraestrutura: pontes, estradas, residências, além dos equipamentos agrícolas. Em 1884, a fase de Caxias como distrito estava iniciada de maneira extremamente inconsequente: sem qualquer planejamento urbano e econômico. Com o apoio do Presidente do Estado, Júlio de Castilhos, já em 1890, pela Lei Orgânica Municipal, delimitou-se o Município de Caxias, que reunia a totalidade dos 2.938 lotes rurais e urbanos pertencentes à antiga Colônia Caxias, conforme citam Giron e Pozenato (2004, p. 537). No que se refere aos gastos com a implantação da imigração e processo de urbanização, o novo município não apresentava controle algum, mas posteriormente, a cidade viveria uma fase grande desenvolvimento econômico. É o que comenta Breitbach, em um estudo sobre o desenvolvimento econômico da região:

Recuperando a perspectiva histórica, sabe-se que a maioria dos imigrantes italianos que chegaram à região no fim do século XIX era de agricultores. Entretanto a bibliografia salienta que muitos deles já traziam ofícios que haviam aprendido na Itália. A diversidade de conhecimentos artesanais permitiu, então, que as colônias se desenvolvessem rapidamente, apesar da distância da Capital e do relativo isolamento inicial, agravado pelas dificuldades de transporte em função do relevo acidentado. (BREITBACH, 2002, p. 430)

Para a autora, a diversificação da economia caxiense foi responsável por ampliar relações comerciais com o resto do Brasil, bem como inserir Caxias do Sul em um processo de modernização:

Não apenas ofícios ligados ao cultivo da terra estavam presentes entre os pioneiros, mas registra-se, também, a atuação de fotógrafos, barbeiros, sapateiros, relojoeiros e tantos outros ofícios de matiz urbano. Estudos apontam, inclusive, a vinda de imigrantes com alguns recursos, provenientes da venda dos bens que lhes restavam na Itália. Esse grupo teria dado origem à classe dos comerciantes, que teria impulsionado fortemente o desenvolvimento das colônias, fazendo a ligação da região com a Capital e com zonas circunvizinhas. (BREITBACH, 2002, p.430)

Segundo a pesquisadora, a zona colonial já dava sinais de desenvolvimento urbano no início do século XX. Ela ressaltou também a importância da figura do comerciante para a

economia caxiense. Os comerciantes, posteriormente, ocupariam lugar nas crônicas caxienses, tanto como autores de textos, como também personagens representadas nos periódicos.

3.1 A FORMAÇÃO DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL

A partir de 1900, a cidade passou por uma aceleração em seu desenvolvimento, especialmente devido à inauguração da estrada de ferro, que ligava o município à capital do Estado. Para Calcagno e Marchioro (2010, p. 79), a ferrovia foi a primeira estrutura a romper com a urbanização de ângulos retos. Caxias adquiriu maior visibilidade no comércio do estado e da colônia italiana, já que se tratava do impulso definitivo para o intercâmbio comercial.

Mais tarde, no início dos anos 1940, a cidade já dispunha de ferrovia, aeroporto e rodovia federal, o que garantiu para Caxias a integração com os centros econômicos do país. Segundo Calcagno e Marchioro (2010, p. 81), as represas construídas durante o processo de urbanização (São Miguel, São Pedro e São Paulo) são outros fatores que incrementaram a economia local, pois as bacias serviram para a captação e distribuição de água para a cidade, além de amenizar os problemas de racionamento que existiam antes da construção dessas barragens. O sistema também foi importante porque conseguiu dar conta de abastecer toda a área urbana de Caxias do Sul, que crescia aceleradamente.

Sobre a constituição física da cidade, segundo Weimer (2010), foi determinado, ainda durante o Império, um modelo padrão pela Secretaria de Obras e Viação, que deveria seguir o modelo das cidades da Roma clássica:

As diretrizes oficiais propunham ruas retas e ortogonais entre si, quarteirões quadrados, ordenados a partir de uma praça central ao redor da qual deveriam ser construídas as edificações mais representativas e as habitações mais luxuosas. À medida que as construções se distanciavam da praça central, decresciam em importância. Na periferia ficavam os barracos dos escravos alforriados e dos brancos pobres. (WEIMER, 2010, p. 29)

Observando-se a origem dos imigrantes italianos (Treviso, Vicenza, Verona, Belluno, Trento), é importante lembrar que a região do Vêneto, na Itália, localiza-se nas encostas dos Alpes, de modo que eles estavam acostumados a uma determinada formação geográfica. Por outro lado, no Brasil, o modelo urbano neoclássico¹⁵ proposto pelo Império não funcionava, por causa das condições socioculturais dos colonos, e também pela topografia por eles encontrada na Serra Gaúcha, a qual é formada por morros. Essa condição, aparentemente, foi um fator limitante do desenvolvimento urbano.

¹⁵ Modelo urbano da Roma clássica, influenciado pelo Iluminismo, no qual a simplicidade estética está presente nas ruas organizadas a partir da praça central, que é semelhante ao formato de um tabuleiro.

A contradição entre topografia e planejamento urbano na Região da Serra Gaúcha é antiga e desafiadora, porque converge para outras questões da urbanidade. Desde o momento da proclamação da República (15 de novembro de 1889), o modelo de cidade planejado para Caxias do Sul já estava em crise, de acordo com Weimer (2010). Conforme dados apresentados pelo autor, em 1920, a cidade contava com “30.000 habitantes, com um índice de urbanização de aproximadamente 15%” (WEIMER, 2010, p. 41), ou seja, com uma franca expansão e uma demanda por modernização e industrialização. Inúmeras propostas foram apresentadas para o problema, porém, com a falência de vários tipos de planejamento urbano, que ficaram inviáveis devido à topografia, criou-se o que Weimer (2010) denomina vácuo técnico. Chegou-se ao ponto em que os responsáveis por este tipo de trabalho não encontravam soluções que contemplassem o aspecto estético e, principalmente, funcional da cidade.

Por volta de 1950, foi lançado o Plano Diretor para a cidade de Caxias do Sul, com o objetivo de urbanizar os loteamentos isolados e integrá-los à cidade, que sempre se desenvolveu a partir do centro. A ideia era atender às novas exigências quanto ao parcelamento do solo urbano, que “tinha as medidas estabelecidas ainda da fase colonial” (CALCAGNO; MARCHIORO, 2010). Os urbanistas também colocaram em pauta o planejamento de obras públicas, para atender as comunidades mais pobres da cidade, que continuavam se expandindo sem planejamento algum.

Outro ponto para o qual Weimer (2010) chama atenção é a anarquia plástica que surgiu nas cidades brasileiras no pós Segunda Guerra, quando, influenciados por ideias positivistas, os arquitetos passaram a projetar uma grande quantidade de prédios altíssimos. Eles trabalhavam como “aplicadores de fórmulas”, o que, certamente, não contemplava a preservação de construções antigas, entre outros aspectos socioculturais.

Tal reflexo pode ser observado na Caxias do Sul atual, já que é extremamente difícil encontrar locais histórico-culturais conservados, a não ser algumas chaminés de fábricas antigas mantidas em meio às novas construções, ou algumas casas de empresários que contribuíram para o processo de industrialização da cidade, como por exemplo partes da fachada da residência da Chácara Eberle, localizada na Rua Alfredo Chaves, hoje região central de Caxias do Sul, de propriedade da família com o mesmo sobrenome, que também administrava a primeira empresa metalúrgica da cidade.

A estética urbana de Caxias do Sul, por ter sofrido modificações bruscas em um curto tempo, também agiu sobre os habitantes, isto é, impactou na cultura da cidade. Os centros urbanos, por serem esse espaço de confluência de ideias e ações, têm em si a diversidade como mote. Os jornais locais, e as crônicas, em especial, representam essa transição entre o rural e o

urbano, partindo de muitas restrições. A cidade é palco de contradições e a principal delas, presente em um grande número de textos analisados é: Caxias do Sul pretendeu ser uma metrópole, porém, os cronistas parecem ter criado um cenário idílico, onde inseriram o homem caxiense.

Caxias do Sul foi construída sobre uma série de preceitos “que tem suas bases no passado comum e numa herança de valores que estão presentes na língua, na história e na cultura; mais do que isso: nas semelhanças imaginadas, resultado dos interesses do grupo, que tenta se transformar naquilo que acredita ser” (GIRON, 2007, p. 43). Ou seja, se a cidade não era cidade, e o meio urbano foi constituído a partir de uma comunidade agrícola, como era a Colônia Caxias, os esforços para manter a cultura intocada foram redobrados à medida que perdeu-se o controle sobre a expansão urbana.

Surge, do embate entre meio rural e urbano, o paradigma de que os caxienses deveriam comportar-se como homens do campo. Manter os hábitos da população rural como: acordar cedo, trabalhar por longos períodos, lidar com a terra como se fosse parte do seu ser, manter um núcleo familiar extensivo, bem como um estoque de alimentos em casa, proteger a propriedade, entre outros costumes que foram se cristalizando ao longo das décadas. Um exemplo é o fato da maior parte do comércio caxiense funcionar durante o mesmo período (segunda à sábado, das 8h às 18h), tendo ainda resistência em operar em turnos alternativos, como ocorre nas metrópoles.

Outro ponto de vista referente à construção de Caxias do Sul é que, esse comércio estabelecido na cidade determinou inclusive aspectos da cultura local, como ressalta Herédia:

A história do comércio na zona colonial italiana, no Nordeste do Rio Grande do Sul reflete os interesses das classes econômicas na ocupação do solo urbano e aponta para os conflitos existentes na história urbana da cidade. A organização do comércio, em torno de uma forte associação de comerciantes, assegurou a representação de seus interesses no Poder Público para a ocupação do espaço e a construção da cidade. Os comerciantes aproveitaram as situações que lhe foram favoráveis, impulsionando o crescimento urbano, estimulando os colonos a produzirem em maior escala, não apenas produtos agrícolas, mas também artesanais, tendo, em muitos processos, a origem de suas indústrias. Investiram seu lucro em capital imobiliário e, dessa forma, foram agentes de mudança. (HERÉDIA, 2012, p. 382)

A autora lembra-nos que os comerciantes foram atores do desenvolvimento urbano e participaram de decisões importantes no tocante à infraestrutura. Com a criação da Associação de Comerciantes de Caxias do Sul, organizou-se o setor, e também foi possível que houvesse uma relação entre Poder Público e instituições do mesmo gênero de outros municípios, algo que demonstra a influência dessa esfera para a cultura da cidade.

Os primeiros choques culturais acontecem quando o habitante da zona rural vê a colônia transmutar-se para zona urbana de uma forma muito acelerada. Além do aumento da quantidade de construções, houve um salto no número de habitantes da cidade entre as décadas de 1950 e 1980, segundo dados apresentados por Weimer:

A população cresceu, em números redondos, de 58.600 para 220.500 habitantes, o que representa um incremento de 376,43%. No mesmo período, a população rural se manteve quase constante. Em números absolutos, foi reduzida de 22.800 para 20.200 habitantes, ou seja, um pouco mais de 10%. Pelo lado inverso, a população urbana pulou de 35.800 para 200.350 habitantes, um incremento de nada menos de 560%, passando de um índice de urbanização de 64,9% para 90,83%. (WEIMER, 2010, p. 44)

Por um lado, esses dados são extremamente animadores, mas, por outro, para a realidade de uma cidade que cresceu vertiginosamente e sem planejamento urbano adequado, o resultado não poderia ter sido diferente: a baixa qualidade de vida para os trabalhadores da indústria, seguido do aumento da violência urbana.

Ainda sob a perspectiva apresentada por Weimer (2010), a população estabilizada seria a condição ideal para o planejamento urbano definitivo, algo que ainda não é uma realidade em Caxias do Sul. Mas, ele considera que a cidade, por muito tempo, continuará a ser “uma prisão mental de longa duração”, porque rompeu as fronteiras delimitadas pelo retângulo destinado a ela, e a vida continuou acontecendo sobre esse tabuleiro.

O rápido crescimento da cidade também provocou mudanças na paisagem urbana, porque foram instaladas mais grades, cercas elétricas, entre outros recursos para garantir a segurança da propriedade privada, deixando de lado setores básicos do desenvolvimento urbano, como comenta Breitbach, quando disserta sobre a época do início da urbanização e os efeitos que ecoam até a fase de sua pesquisa, em 2002:

Evidentemente, a urbanização encontrou as comunidades locais despreparadas, em termos de infra-estrutura, para absorver o elevado contingente populacional que chegava às cidades em busca de emprego na indústria. Não é surpreendente que a proliferação de subabitações, notadamente nas periferias das cidades, tenha se dado em elevadas proporções. [...] Como se sabe, a região de Caxias do Sul não é uma região pobre no seu conjunto, exibindo um PIB per capita que está entre os mais elevados do Estado. A pobreza pode aparecer, entretanto, quando se examinam indicadores como habitação, saúde e saneamento, que expressam as carências de serviços básicos à população. (BREITBACH, 2002, p. 424)

Ainda segundo Weimer (2010), para tentar amenizar essa situação, as administrações investiram fortemente na abertura de vias e avenidas com o objetivo de integrar bairros periféricos ao centro da cidade. Porém, essas ações mostraram-se pouco eficientes do ponto de vista da segurança e dos níveis de pobreza. De acordo com Breitbach (2002), além da mudança

na paisagem urbana de Caxias do Sul, o crescimento do índice populacional também causou impactos em diversas instâncias:

A expansão populacional das três últimas décadas está intimamente ligada ao dinamismo da atividade industrial, que atrai populações de outras áreas do Rio Grande do Sul e mesmo de outros estados.[...] mas não podemos deixar de constatar que o dinamismo industrial vem acompanhado de problemas sociais graves, como os loteamentos irregulares, as carências na área da saúde, da educação e do saneamento. (BREITBACH, 2002, p. 427)

O imaginário caxiense, que poderia ter integrado campo e cidade, unindo os dois meios, ficou estacionado, de certa forma, gerando um local propício para a exclusão social. É possível observar, ao percorrer a cidade, a falta de espaços de integração como parques, praças e centros culturais que, quando existem, não oferecem condições para o uso pleno, ou seja, não possuem quantidade significativa de bancos, árvores e sequer segurança, para serem desfrutados pela população.

3.2 A IMPRENSA CAXIENSE

O jornalismo impresso na cidade teve como ponto de partida o ano de 1897, quando foi publicado o primeiro periódico¹⁶, de acordo com Giron e Pozenato (2004). Desde lá, os jornais desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento urbano, sendo que, já nos primórdios, funcionavam como peça de uma rede cultural e política que se articulou para formar um imaginário social unitário.

A tentativa dos jornais locais de unificar culturalmente o seu público levou a disputas de poder no sentido de fidelizar leitores em Caxias do Sul, tanto que, as primeiras publicações jornalísticas foram inteiramente redigidas em italiano. Os imigrantes continuaram a utilizar seu idioma, mesmo fora da Itália como forma de fortalecimento das raízes culturais europeias, como comentam Frosi, Faggion e Dal Corno:

Os imigrantes – vênnetos, lombardos, trentinos e friulanos – e seus descendentes falavam livremente seus dialetos originários, num contexto tipicamente italiano por eles construído com a energia física e a força mental de quem veio para vencer a fome e a miséria sofridas na terra de origem. No solo brasileiro, passaram a trabalhar e a nomear seu novo mundo com sua velha e secular linguagem. Intrínseca à sua identidade étnica, os italianos mantiveram sua língua materna, inseparável de suas vidas tal como o ar que respiravam, durante um longo período das mais de treze décadas de história da RCI¹⁷. (FROSI; FAGGION; DAL CORNO 2008, p. 145)

¹⁶ O primeiro periódico regional, denominado *O Caxiense*, teve seu primeiro exemplar publicado em 1897, era dirigido por integrantes do Partido Republicano.

¹⁷ Região Colonial Italiana.

Conforme a cidade foi crescendo em território e população, os periódicos precisaram adequar sua linguagem para facilitar o acesso à leitura, mas, ainda assim, houve uma forte resistência por parte dos colonos no sentido de tentarem preservar a identidade cultural e sustentá-la junto à modernização que se avizinhava.

É conhecido o fato de que intelectuais encontraram nos jornais um espaço propício para a exposição de suas ideias sobre o momento histórico. O que aconteceu em Caxias do Sul não foi diferente, porque nos periódicos locais os leitores podiam tomar conhecimento sobre alguns desafios culturais e de infraestrutura da cidade, visto que os cronistas apontavam, frequentemente, para problemáticas de seu tempo. Pelos conteúdos das crônicas, também é possível começar a traçar alguns perfis do cronista caxiense.

Giron e Pozenato (2004) acreditam que um dos fatores para essa sociedade *sui generis* ser da forma que é, foi o difícil acesso a Caxias do Sul nos seus tempos de colônia. Outro fato que pode ter contribuído para construção da cultura local foi que houve uma necessidade por parte dos colonos em manter-se na região, utilizando os seus próprios conhecimentos, e por isso criando uma atmosfera de autossustentabilidade:

O crescimento acelerado dessa produção de fundo de quintal, num primeiro momento, impulsionado pela demanda local dos próprios colonos, desenvolve uma tendência entre muitos autores: de explicar o desenvolvimento da indústria no Rio Grande do Sul por uma “evolução natural” desses artesanatos e oficinas primitivos da região colonial. (COSTA; FONSECA; SCHMITT, 1998, p. 169)

Como já foi explicitado anteriormente, outro fator que, para Giron e Pozenato (2004), levou a cultura caxiense a adquirir esse caráter restritivo foram as condições que os emigrantes estavam enfrentando em seu país de origem. Os italianos, muitas vezes, chegavam ao Brasil sem qualquer perspectiva do que encontrariam e, mesmo que alguns deles possuíssem um certo grau de letramento, tiveram que trabalhar como agricultores, porque, afinal, buscavam condições que a Itália não proporcionava.

Giron e Pozenato (2004) relatam que as circunstâncias da região do Treviso, de onde veio a maioria dos imigrantes, não era favorável aos seus habitantes, que enfrentavam, na época, “falta de terras, baixos salários, altos impostos, guerras e etc”, sem levar em consideração que os mais pobres não tinham condições nem de sair da Itália. Portanto, a situação dos imigrantes não era de estabilidade, de modo que buscavam por melhores condições de vida e acreditavam que o projeto de emigração seria a melhor solução.

O percurso da história dos imigrantes na Serra Gaúcha revelou que esses colonos precisaram se readaptar, mas até a atualidade é possível ouvir os ecos da resistência cultural por eles defendida. Os jornais de Caxias do Sul, de 1897 até 2018, publicam matérias muito

semelhantes ou com temáticas muito parecidas, entre elas, serve de exemplo a notícia sobre a celebração de festas da imigração na Região de Colonização Italiana, como publicado no *Jornal Pioneiro* em 11 de maio de 2018:

Berço da imigração italiana no Estado, a comunidade de Nova Milano, em Farroupilha, volta às origens europeias a partir desta sexta-feira, com a 18ª edição do Encontro das Tradições Italianas (Entrai). A festa segue até o dia 20, aos finais de semana, com atrações que mesclam o passado e o presente, como jogos coloniais, apresentações culturais, comidas típicas e encontros de veículos antigos. (FERNANDES, 2018, p. 2)

Os assuntos abordados pelos periódicos estão limitados a uma parcela da população que continua preservando tais ideais. Porém, Caxias do Sul, hoje, tem mais de 500 mil¹⁸ habitantes, entre eles, brasileiros de todas as partes do país, além da segunda onda imigratória, que teve início em 2011, trazendo uma massa populacional de países da África, da América Central, entre outros.

De um modo geral, a publicação de jornais objetiva proporcionar informação de maneira igualitária para todos os públicos e, além disso, atingir um grande público via utilização de linguagem acessível e construção textual simplificada. Partindo dessa ideia, um questionamento a respeito da imprensa local surge: de que maneira a imprensa local representou o desenvolvimento sociocultural, entremeado no imaginário urbano de Caxias do Sul?

Na análise das crônicas, será abordada essa questão, dado o fato do jornal ter sido um dos meios de comunicação de maior penetração em Caxias do Sul, na primeira metade do século XX, uma vez que outros existentes, como é o caso do rádio, ainda era um meio feito da elite e para a elite do estado:

Da primeira metade do século 20 até meados da década seguinte, uns poucos integrantes da burocracia oficial e da burguesia comercial e industrial do Rio Grande do Sul despertam para as possibilidades da radiodifusão sonora, encarada com um misto de curiosidade e de idealismo elitista. (FERRARETTO, 2002, p.19)

Outro aspecto que coloca o jornal no patamar de mais importante meio de comunicação da cidade, no recorte temporal desta pesquisa, é que o rádio, como concorrência midiática, surgiu em Caxias do Sul somente nos anos 1940. Enquanto em Porto Alegre, segundo Ferrareto (2002), o rádio ganhava espaço entre o público, com o surgimento do *Repórter Esso*¹⁹ em edição local e já estava em pleno desenvolvimento, em Caxias do Sul, as transmissões ainda estavam

¹⁸ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a cidade tem uma população estimada de 504.609 habitantes.

¹⁹ Primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil, seguindo a versão do mesmo programa veiculado nos Estados Unidos. Obteve grande prestígio no país em função de difundir posições políticas, sempre em consonância com as notícias da agência internacional.

em fase de teste. De acordo com Kirst (2017), foi na primeira metade dos anos 1940, que a cidade recebeu a autorização do Estado Novo para implantar a primeira emissora local, a Rádio Caxias.

Sobre a crônica como material literário entremeado no jornal, Bocchese (2011, p. 42) lembra-nos que “na literatura, o profissional encontraria um espaço de maior maleabilidade”, ou seja, que o jornalista ou intelectual poderia se posicionar de forma mais direta. Bocchese (2011) atenta para os traços de literatura presentes nos jornais brasileiros da época. O autor afirma que o jornalismo do final do século XIX e início do século XX pode ser classificado como literário, de forma que os textos tinham a tendência de ser construídos em uma linguagem mais refinada, sem esquecer que os literatos já exerciam outras funções nos periódicos, como editores, por exemplo. Isso pode ter contribuído para a constituição das linhas editoriais dos jornais que circularam nessa época, bem como pode ter selecionado seus públicos, como veremos no capítulo 4 da presente dissertação.

Em sua maioria, os imigrantes italianos utilizaram o veículo de comunicação de maior alcance para preservar e difundir a sua cultura, uma vez que não dividia espaço com outras mídias, como acontece na atualidade. Além de um produto noticioso, os jornais constituíram para os colonos uma oportunidade de negócio:

O imigrante italiano fez várias tentativas para, através dos jornais, desenvolver a cultura da região em que habitava, pois podem-se encontrar aspectos literários, científicos, humorísticos e críticos ao lado do aspecto informativo. Nesses jornais tanto era apresentada a produção literária local como se reproduziam poesias e crônicas de autores nacionais e internacionais. (GIRON; POZENATO, 2004, p. 63)

Todos os aspectos citados pelas autoras estiveram aliados a um exemplo forte de representatividade nos jornais locais: os empresários. Em Caxias do Sul, eles desempenham um papel de agentes sociais e estiveram, desde o início do processo de industrialização e urbanização, à frente de ações culturais, como comenta Mocellin (2008):

Os empresários são os protagonistas das histórias de pioneiros bem sucedidos, apontadas como modelos exemplares e veiculadas pela imprensa local – rádio, jornal, televisão, entre outros meios. As atividades destes empresários não se limitam à esfera empresarial; é comum vê-los envolvidos em atividades públicas, como aquelas referentes à cultura, à educação, e também à esfera política. Depois de realizar as entrevistas com empresários locais, constatei que eles apareciam em diversos cargos fora da esfera empresarial: por exemplo, na presidência da Festa da Uva e de clubes de futebol, em comissões especiais na universidade; enfim, em várias atividades ligadas aos interesses da comunidade regional. (MOCELLIN, 2008, p. 13 e 14)

O empresário caxiense é conectado, quase automaticamente, à representação dos primeiros imigrantes, por isso a facilidade dele transitar entre meios tão distantes da sua

realidade. Mocellin (2008, p. 162), em sua tese de doutorado, denomina esse grupo “elite local”, que trabalha para perpetuar a consciência de italianidade, ou então, a impressão de que o empresário local ainda age da mesma forma que o imigrante italiano. Fica claro na pesquisa de Mocellin (2008) que o empresário, sendo essa figura que aparece repetidamente em diversos meios, não somente o industrial, faz com que a literatura e o jornalismo locais, estejam recheados por um conteúdo segmentado.

O dado traz à luz a questão central do trabalho que é a forma como Caxias do Sul é representada nas crônicas dos jornais locais, de 1900 até 1930. No início do século XX, pode-se dizer que o empresário tinha cadeira cativa nesses periódicos, é recorrente a assinatura de administradores nas crônicas em análise. Cria-se um ciclo editorial: o empresário, que é quem ocupa o lugar do cronista, descreve o caráter dos primeiros imigrantes, aproximando-o dos empresários que obtiveram sucesso em seus negócios e a imagem alcança o público, que compra o jornal por confiar nas informações, alimentando o cronista que é o próprio empresário, que escreve novamente sobre o assunto.

Os periódicos, desde seu surgimento em Caxias do Sul, representaram um avanço no que se refere à comunicação, pois propiciaram maior visibilidade à cidade e melhoraram o diálogo interno; sobretudo, eles serviram como transmissores de valores culturais. Encontrou-se um rico conteúdo de instruções sobre comportamento, educação e matérias pautadas em um conjunto, por exemplo, de valores morais.

O cenário político é um exemplo de como o jornalismo extrapolou em direção ao âmbito cultural. Em crônicas como as de Luis Compagnoni, está evidente o teor de intolerância. O empresário, além de ser um dos proprietários do jornal *Pioneiro*, foi também cronista e, além de conter assuntos do cotidiano da cidade, seu espaço era reservado para os textos de cunho excludente, isto é, exaltação dos nascidos em Caxias do Sul e depreciação dos estrangeiros. É o que Giron e Pozenato relatam:

Na cidade havia espaço para outros tipos de notícias além daquelas que envolviam O Caxiense e Il Colono Italiano. Entre 1901 e 1913 foram criados em Caxias, uma série de jornais que tiveram curta duração, a maioria deles de propriedade de brasileiros²⁰. As lutas políticas entre católicos e maçons, ou entre estrangeiros e brasileiros, estavam longe de terminar, pois a região colonial oferecia um terreno fértil para as disputas políticas dos dois grupos. (GIRON; POZENATO, 2004, p. 44)

As pesquisadoras trataram, no excerto, dos primeiros periódicos da cidade, mas a situação, como veremos posteriormente, estendeu-se ao longo do século. Na primeira metade

²⁰ O termo refere-se aos não descendentes de italianos, pois, na RCI, é comum que, mesmo os filhos de imigrantes já nascidos no Brasil e as gerações subsequentes, ainda considerem-se europeus.

do século XX, período compreendido nesta pesquisa, circularam em Caxias do Sul, mais de 75 títulos de jornais, entre os quais, 20 apresentaram crônicas que referiram a cidade. Em um primeiro momento do trabalho, é possível afirmar que a crônica ocupou um espaço reduzido na diagramação.

Os primeiros jornais de Caxias do Sul discutiam assuntos nacionais e municipais na perspectiva da fé, da família e do trabalho. Vale ressaltar que veia religiosa dos jornais caxienses iniciou-se com o periódico *Il colono italiano*, impresso de quatro páginas que, de acordo com Giron e Pozenato (2004), foi fundado pela *Ordem dos Capuchinhos*, em 1898²¹. Foi um dos jornais mais importantes da região, era veiculado mensalmente e o conteúdo era voltado para o catolicismo. O jornal teve a nomenclatura modificada diversas vezes, e as autoras especulam que tenha surgido em resposta ao *Cidade de Caxias*, que não abordava a religiosidade. Giron e Pozenato ainda complementam:

Seu fundador foi o padre Pedro Nosadini. Era escrito em língua italiana e vendido ao preço de cem réis. No primeiro número o texto não é subdividido em intertítulos e, após o segundo número, passou a apresentar anúncios publicitários. O novo “*Bollettino cattolico mensile*” [Boletim católico mensal] traz, na sua primeira página, sua linha editorial e se propõe a advogar as causas dos católicos italianos e emigrados de Caxias e a da região. O *Il Colono Italiano* será o amigo, o conselheiro, o guia, o advogado dos católicos italianos imigrados em Caxias e nas colônias circunvizinhas. Fornecerá a eles interessantes notícias da “querida e bela Itália”. (GIRON; POZENATO, 2004, p. 135 e 136)

As primeiras edições do jornal religioso foram publicadas integralmente em italiano. Porém, como o jornal foi de ampla circulação temporal (1909-1970) e modificou sua nomenclatura ao longo dos anos, foi possível compreender alguns aspectos referentes à linha editorial e ao público a que o periódico dirigia-se, como veremos no capítulo de análise.

Segundo Radin (2004, p. 528), com o início da década de 1940, em função de algumas ações do Estado Novo (1937-1945) e da Segunda Guerra Mundial (1941-1945) o nome do periódico mudou para *Correio Riograndense*. O pesquisador também relata que a partir desse período, o jornal passou a ser redigido em português, e expandiu-se assim para outras regiões do estado. Para ele, é uma rica fonte de pesquisa, pois revela uma marca cultural do caxiense:

[...]por retratar muitos aspectos do modo de vida desse grupo, considerando que ele foi sempre cuidadoso com a orientação aos colonos, seja religiosa ou acerca da educação da família, como também em relação às questões ligadas à agricultura

²¹ Em 1898, surgiu como *Il colono italiano*. Em 1909, o jornal recebeu o nome de *La Libertá*, então passou a se chamar *La Stafetta Rio Grandense* e, por fim, no Estado Novo, tornou-se o *Correio Riograndense*. Apesar das publicações compreenderem o período desta pesquisa, constatou-se que as crônicas estão veiculadas em italiano, assim como o restante dos conteúdos, até meados dos anos 1930. Além disso, houve um esforço de tradução para detectar se há algum texto do gênero que cite Caxias do Sul neste jornal, porém nenhum foi encontrado.

familiar e às mais variadas situações que envolviam as famílias e as comunidades rurais.(RADIN, 2004, p. 529)

O *Cidade de Caxias*, um dos periódicos analisados nessa pesquisa, conforme Giron e Pozenato (2004), fez parte dessa época em que surgiu uma grande quantidade de jornais na cidade. O *Cidade de Caxias* tinha cunho político, e a linha editorial pendia para o republicanismo. Naquele momento, Caxias do Sul comportava poucas empresas jornalísticas e muitos dos exemplares impressos serviam, além de instrumento político, como uma vitrine para divulgar o trabalho literário da região de Caxias.

Ainda que a cidade tivesse uma vida política de pouca influência nacional e que o sistema literário não estivesse consolidado, os de Lavra Pinto²² estavam no poder de empresas de comunicação com diferentes intenções. Isso pode ter significado, de certa forma, um monopólio familiar sobre o meio de comunicação de maior cobertura da época. Artur de Lavra Pinto foi o fundador do jornal e teve como colaboradores Caio Cavalcanti, Alfredo de Lavra Pinto e José de Campos Neto²³. O jornal circulou entre junho de 1911 e junho de 1914.

Mas nem só de disputas políticas vivia Caxias do Sul. O início do século XX também abriu espaço para jornais de veia cômica, como foi o exemplo do *A encrenca*, que circulou entre 1914 e 1915. O periódico era uma forma subversiva de comunicação entre os meios existentes na Serra, isso porque, de acordo com Giron e Pozenato (2004, p. 55) “representavam novos espaços em que, com bom humor e suavidade, eram reeditados os confrontos entre os grupos antagônicos”.

Será possível observar no capítulo de análise da presente pesquisa a acidez com que os cronistas tratavam do cotidiano caxiense. Eles satirizam alguns costumes da cultura local e, todas as crônicas desse jornal são assinadas por pseudônimos. Nesse periódico de linha editorial humorística, encontra-se a inscrição na capa “crítico, humorístico e noticioso”, além de “redactores diversos”, algo que reforça o caráter chistoso.

Com a Primeira Guerra Mundial em curso (1914-1918), o Brasil e a Itália estavam em campos opostos, como comentam Giron e Pozenato (2004, p.68). As autoras lembram-nos que, mesmo passados mais de 30 anos desde a chegada dos primeiros imigrantes, esses italianos ainda eram vistos como ameaças para o governo brasileiro, devido ao pesado “ar de

²² Família inserida nos contextos literário, político e jornalístico da cidade. Bento de Lavra Pinto, por exemplo, foi colaborador de jornais como *A folha*, *A verdade*, *A Gazeta Colonial* e *O orientador*. Lavra Pinto também ocupou o cargo de diretor da Colônia Caxias, em 1890.

²³ Foi jornalista, professor, poeta, advogado, historiador, teatrólogo e administrador público. Ocupou a cadeira de número 39, da Academia Caxiense de Letras.

nacionalismo” em que vivia o Brasil desde a proclamação da República (1889). Mesmo com os entraves da Guerra, as pesquisadoras relatam que:

Um dado interessante é o que se refere ao número de jornais do período de 1914 a 1918, o qual não sofreu redução, apesar das dificuldades da importação do papel. É possível supor - e esses dados não estão disponíveis - que as tipografias trabalhassem com grande estoque de papel jornal ou que houvesse alguma outra fonte desconhecida que fornecesse o produto. (GIRON; POZENATO, 2004, p. 68)

Ainda de acordo com as autoras, na Caxias do Sul da primeira metade do século XX, era comum que os jornais tomassem alguma posição política, como foi o exemplo de uma quantidade expressiva de jornais que circularam com a sigla do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense), que tinha Júlio de Castilhos²⁴ como líder intelectual. A partidarização de periódicos foi algo característico dessa época, gerando as primeiras publicações segmentadas, como comentam Hohlfeldt e Rausch:

[...]mesmo os jornais partidários devem atender a determinadas demandas de seu público, além de divulgarem seus princípios ideológicos. Os jornais vinculados às novas comunidades étnicas - alemães e italianos, principalmente - e aqueles dirigidos ao leitor mais segmentado, seja o intelectual ou a jovem senhora de família, além dos jornais operários, nada mais fazem que enfatizar essa nova perspectiva. É para e com o receptor que os novos editores e proprietários de publicações se dirigem e se preocupam. (HOHLFELDT; RAUSCH, 2006, p. 5)

Entre os anos 1920 e 1930, há uma explosão de publicações jornalísticas por todo o estado e, por consequência, os periódicos são segmentados: eles dialogam com seus públicos específicos. Eles não têm a preocupação de aumentar a tiragem e ampliar as vendas, diferentemente do que acontece hoje. Um exemplo disso são as linhas editoriais do período analisado:

Entre 1897 e 1930 duas são as linhas editoriais dos jornais na região: a primeira é política, ligada ao PRR, e a segunda é a linha editorial ligada à Igreja Católica, cujos membros, para fazer frente tanto à Maçonaria quanto ao positivismo que dominavam o Estado, buscavam um espaço alternativo através da imprensa, para garantir votos aos seus candidatos e ainda alertar os católicos contra essas doutrinas, consideradas subversivas pela Igreja. (GIRON, POZENATO, 2004, p. 140)

Nesse período, os jornais eram imediatistas, servindo aos interesses partidários e desaparecendo rapidamente após as disputas eleitorais. De acordo com as pesquisas de Giron e Pozenato (2004, p. 76), foram criados 34 jornais na Região de Colonização Italiana entre 1914

²⁴ Jornalista e político, presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes e um dos autores da Constituição estadual de 1891. No estado e o Brasil, teve grande influência política. Getúlio Vargas, por exemplo, inseriu preceitos do castilhismo no seu plano nacional, conhecido como Estado Novo (1937 - 1945).

e 1930, sendo que, as linhas editoriais²⁵ dividiram-se em três frentes: os políticos partidários (17), os humorísticos (6), e os críticos-literários (4).

Em Caxias do Sul, circulava o maior número de jornais da RCI, um total de 48,64% (GIRON; POZENATO, 2004, p. 77), esse fato pode estar ligado ao desenvolvimento urbano também. Se pensarmos na velocidade com que a cidade se desenvolvia nessa fase, e unirmos ao fato da população em uma crescente, é possível que a necessidade de publicar conteúdo noticioso tenha correspondido com a alta taxa de jornais veiculados em Caxias.

Para Hohlfeldt e Rausch (2006, p. 7), “o desenvolvimento urbano, que se iniciara após o período da Grande Revolução (1835-1845) tem como consequência o dinamismo da imprensa dos municípios do interior do estado”. Ou seja, resquícios que geraram efeitos na etapa de urbanização, considerada aqui a primeira metade do século XX, nos meios de comunicação, que parecem ter acompanhado o mesmo ritmo acelerado de desenvolvimento.

Somente a partir dos anos 1930, Caxias do Sul ganhou importância no Brasil, entrando em sintonia com o plano nacionalista em curso no país. Com a implantação do Estado Novo (1937-1945) e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1941-1945) os jornais da cidade tiveram apoio do governo Vargas para se consolidarem, uma vez que, dos 11 jornais de linha editorial política declaravam-se: favoráveis a Vargas (6), fascistas (2), integralista (1), outro municipalista e outro comunista (GIRON; POZENATO, 2004, p. 91). Outro fato relevante para que a pesquisa compreendesse somente os primeiros 30 anos do século XX, é que poucos jornais foram criados depois da data, isso pode estar ligado ao fato de que, no período do Estado Novo, a imprensa sofreu uma forte censura²⁶ por parte do governo.

Para Candido (1980), os anos 30, e sobretudo a Revolução de 1930, representou uma ruptura em vários âmbitos, que girou em torno da cultura brasileira:

Mas foi um eixo e um catalisador: um eixo em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova. Neste sentido foi um marco histórico daqueles que fazem sentir vivamente que houve um “antes” diferente de um “depois”. [...] Isto ocorreu em diversos setores: instrução pública, vida artística e literária, estudos históricos e sociais, meios de difusão cultural como o livro e o rádio (que teve desenvolvimento espetacular). Tudo ligado a uma correlação nova entre, de um lado, o intelectual e o artista; do outro, a sociedade e o estado — devido às novas condições economico-sociais. (CANDIDO, 1980, p. 27)

²⁵ De acordo com as autoras, não se conseguiu identificar a linha editorial de apenas um periódico.

²⁶ No Estado Novo, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha por objetivo envolver a imprensa nas ações políticas do governo Vargas. Algumas delas eram: revisão ou anulação de notícias, podendo até fechar o periódico que se mostrasse rebelde às ordens do governo.

Candido (1980, p. 28) afirma que, na literatura, houve uma espécie de “normalização” do que havia sido proposto pelo *Movimento Modernista*, pois até então, “a literatura predominante e mais aceita se ajustava a uma ideologia de permanência, representada sobretudo pelo purismo gramatical, que tendia no limite a cristalizar a língua e adotar como modelo a literatura portuguesa”, é o que o autor denomina “cultura de fachada”, que era feita para ser notada pelos estrangeiros. Nas crônicas desta análise, perceberemos que as tendências dispostas pelo modernismo e modernidade, muitas vezes nem chegavam aos jornais de Caxias do Sul.

Com o processo de industrialização e urbanização em andamento, aquecidos pelas políticas nacionalistas de Vargas, as comunicações tomaram um novo rumo no Brasil. Depois de 1930, foram implantadas empresas jornalísticas profissionais e isso significava também a regularidade das publicações, que antes não ocorria. Nessa época a imprensa brasileira foi consolidada e “tal mudança atesta de forma categórica que os jornais deixaram de ser meramente instrumentos políticos e tornaram-se empresas organizadas, conseguindo o número suficiente de assinantes e de anunciantes para a sua manutenção” (GIRON; POZENATO, 2004, p. 93).

No capítulo seguinte, será possível observar que os primeiros 30 anos do século XX representaram um momento de preparação do terreno, no que tange o desenvolvimento urbano que se avizinhava. A organização dos periódicos em torno dos assuntos delimitados nos quatro eixos de análise (1. o trem; 2. a praça; 3. a rua; e 5. o cinema) possibilita o melhor entendimento da cultura e do imaginário local. Isso dá-se não somente pelas mudanças na diagramação dos periódicos, fato que dá margem para interpretar a que tipo de leitor esse jornal dirigia-se, mas também pela cristalização das linhas editoriais.

4. CAXIAS DO SUL, A CRÔNICA E O IMAGINÁRIO

Como primeira medida para que este trabalho fosse efetivado, foi necessário acessar uma série de tabelas, que são parte do projeto Libro 3, sob coordenação do Dr. João Claudio Arendt, referentes aos conteúdos de cada um dos 87 periódicos que já existiram em Caxias do Sul. No material, estava presente uma classificação dos tipos de textos literários em cada exemplar e daí surgiram os indícios de que uma pesquisa a respeito da crônica caxiense seria relevante à história da literatura de Caxias do Sul.

Com a intenção de obter mais informações sobre as crônicas publicadas na cidade, optou-se por consultar os textos diretamente nas fontes primárias de pesquisa: os jornais, que estão disponíveis no *site*²⁷ da Câmara Municipal de Vereadores. Depois de um período de revisão desses textos, observou-se a quantidade de crônicas que citavam a cidade de Caxias do Sul, fossem esses textos de exaltação ou crítica, os cronistas estavam atentos ao que a cidade demandava e como se dava o processo de desenvolvimento do local. Em um primeiro momento, as crônicas pareciam tratar separadamente do conteúdo humano e material da cidade e, depois de um aprofundamento nas temáticas dos textos, ficou claro que as crônicas representavam um imaginário urbano.

Para facilitar o andamento da pesquisa, após a leitura e detecção das crônicas de Caxias do Sul, julgou-se necessário produzir tabelas com informações sobre cada um dos periódicos nos quais esse material foi encontrado. Tal ação teve por finalidade visualizar, quantitativamente (ANEXO A), os textos do gênero ao longo de 30 anos de história da crônica na cidade, bem como o período de circulação e os autores dos textos. Nos periódicos do final do século XIX não foi encontrada nenhuma crônica que fizesse referência à cidade e, por isso, o recorte inicial se justifica. No período final da década de 1930, nota-se o aspecto levantado pela pesquisadora da história caxiense Maria Abel Machado (2001) que afirma que, nesse período, a cidade começou a receber mais investimentos do governo federal, destinados a melhoramentos urbanos. Outro fator importante para o desenvolvimento local foi a Revolução de 1930, a qual contou com o apoio do Rio Grande do Sul e pôs fim à República Velha, incrementando os investimentos no estado. Chegou-se, portanto, entre o primeiro e o segundo marcos temporais, a um total de 11 títulos de periódicos que trouxeram, além de textos do gênero em análise, uma possibilidade de dissertar sobre o imaginário urbano de Caxias do Sul.

²⁷ Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/15>. Acesso em 26 ago. 2019

Notou-se ao longo do processo de desenvolvimento da presente pesquisa, a falta de referências que tratassem da imprensa caxiense ou do histórico detalhado de cada jornal, em que estivessem claras as linhas editoriais e questões políticas em que os periódicos estiveram envolvidos. Entretanto, a obra de Giron e Pozenato (2004) apresenta um conteúdo propriamente historiográfico e serviu para guiar a busca por entre 30 anos do sistema comunicacional de Caxias do Sul. As crônicas não possuíam rigor, flutuando na diagramação dos periódicos e diferindo nos próprios conteúdos textuais. As informações mais específicas, sobre cada periódico analisado, na tentativa de entender as opiniões lá expostas, foram encontradas entre as páginas dos próprios periódicos.

A seguir analisaremos uma série de 14 crônicas sobre os lugares de sociabilidade que representaram o imaginário urbano de Caxias do Sul, bem como o desejo de modernizar-se e a busca por tornar-se uma metrópole. Como já explicitamos as categorias de análise estão divididas em 4 eixos temáticos: 1. O trem (títulos: “Chronica” -Anexo B; “Visitar Caxias” – Anexo C; “Em Caxias” – Anexo D; “Inconcebível” – Anexo E); 2. A rua (títulos: “Chronica” – Anexo F; “Reparos” – Anexo G; “Pela cidade” – Anexo H; “Modos de ver” – Anexo I;); 3. A praça (títulos: “Caxias” – Anexo J; “Chroniquêta” – Anexo K; “Modos de ver: a praça Dante” – Anexo L); e 4. O cinema (títulos: “Chroniquêta” – Anexo M; “Algumas... por semana” – Anexo N; “Não é nada...” – Anexo O).

4. 1 O TREM

(ANEXO B) - “Chronica”, de Jacasse, publicada em 23 de abril de 1910, no jornal *O Brazil*.

O jornal *O Brazil* foi um meio de comunicação pró-Partido Republicano, como ele próprio traz inscrito em sua capa. Era publicado aos sábados e tinha como pauta, principalmente, assuntos da política nacional, entre notas sobre Caxias do Sul e região. Circulou na cidade entre 1909 e 1924 e seu diretor foi o tenente do Exército Brasileiro e farmacêutico, Jacintho Godoy.

O Brazil foi um caso especial entre os periódicos da época, circulando por muito mais tempo que os demais, pois tinha vínculo partidário com o Partido Republicano Rio Grandense²⁸. Muitos títulos de jornais surgiram e desapareceram rapidamente entre 1900 e 1930, e isso pode

²⁸ O partido foi fundado em 1882 e esteve no poder, ininterruptamente, entre 1893 até 1937, em uma era conhecida como Castilhismo. O movimento recebeu este nome em função do seu primeiro líder Júlio de Castilhos, que foi sucedido por Borges de Medeiros, Carlos Barbosa, Getúlio Vargas e Flores da Cunha, todos membros do PRR. (PESAVENTO, 1992)

ser devido ao fato de que muitos desses periódicos eram partidários e podem ter enfrentado problemas políticos para se consolidarem, já que os partidos de tendência republicana é que estavam no poder. De acordo com Giron e Pozenato (2004) existiram dois outros motivos para a dificuldade em manter jornais em Caxias nessa época: um deles está ligado à escassez de mão de obra qualificada para a impressão e o outro trata do baixo número de assinantes, inviabilizando a publicação dos jornais. Outra situação que abalava as estruturas desses inúmeros jornais era o caso dos periódicos independentes, que traziam publicações acordo com a vontade própria do administrador, portanto, podia abrir e encerrar as atividades quando bem entendesse.

Partindo para o texto, o autor, sob o pseudônimo de Jacasse, detalha o trajeto entre Porto Alegre e Caxias do Sul, antes da chegada da ferrovia na cidade. A crônica descreve o percurso antes da existência da linha completa do trem entre as duas cidades e, mais que isso, abre espaço para imaginarmos como funcionava uma cidade que ansiava por um meio de transporte condizente com seus desejos de modernização e progresso econômico. Jacasse comenta que, em certa altura da viagem, os passageiros, com maioria de imigrantes italianos, eram obrigados a trocar de vagão e que carregavam consigo “armas e bagagens”. Segundo Jacasse, os colonos desciam do trem “numa precipitação de fuga”. Depois da troca, embarcavam em um vagão muito mais confortável, porém mais lento, então começavam as reclamações:

O trem percorre com uma lentidão irritante, as campinas extensas que se desdobram monotonas, entre os rios Sinos e Cahy. Ouvem-se comentários:

- Per dio! 15 kilometros por hora, em estrada de ferro, é uma velocidade irrisória...
- Perdão esta não será a velocidade normal: quando estiver aberto o trafego, em toda linha, os 195 kilometros que separam Caxias de P. Alegre serão vencidos em 8 horas de viagem. (JACASSE, 1910, p. 1)²⁹

O trecho representa algumas características de quem está a bordo do trem à medida que as expectativas dos passageiros não condizem com a realidade da velocidade atingida, a utilização do termo “desdobram” indica-nos a noção de passagem do tempo, como se as paisagens fossem se revelando conforme o andar do trem. Conforme a crônica, o único aspecto capaz de redirecionar as atenções dentro dos vagões era a aproximação do horário do almoço, motivo para que se realizasse uma pausa de 30 minutos na viagem, para que os passageiros fizessem a refeição. Os costumes dos colonos presentes no texto são relevantes para uma análise do imaginário, seja pela parte interna da locomotiva, onde a multidão estava alvoroçada com os acontecimentos do trajeto, ou pelas descrições das paisagens, observadas pelo cronista:

²⁹ Neste trabalho, manteremos a grafia original das crônicas.

Da estação do Cafundó em diante, começamos sensivelmente a subir. A paisagem muda de aspecto. Divizam-se horisontes mais vastos e vae se desenhando, nitido o perfil azulado da serra. Esperança, Victoria, Maratá... D'aqui por diante a viagem é encantadora, indescriptivel. O comboio serpenteia pela encosta dos montes, beirando abysmos. (JACASSE, 1910, p. 1)

A escolha da linguagem denota a importância que o cronista dá ao movimento de subida da serra. Ele utiliza “sensivelmente”, como forma de descrever o deslizar do trem e a sensação que se teria ao atingir tal ponto da viagem. Com “vae se desenhando, nitido, o perfil azulado da serra”, o autor sugere que, a partir daquele ponto, até mesmo o clima modifica-se. Ele evoca a cor azul, como numa tentativa separar esta parte do estado das outras, como se o céu local tivesse algo distinto. Segundo os estudos de Chevalier e Gheerbrant (1999), o azul simboliza a mais profunda das cores, sendo ela a mais imaterial e fria de todas, eles afirmam que, dependendo da aplicação da cor sobre um contexto determinado, o seu simbolismo pode ser alterado. Neste caso, o azul representa o que os estudiosos definem como “caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário”, por isso indica o caminho para a divagação e também transpõe as barreiras do real, como se ao subir a serra, fosse possível viver em sonho, em “clima de irreabilidade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p.7).

O termo “serpenteia” faz lembrar a imagem da cobra, podendo gerar sensação que beira a insegurança, pois o trem aproxima-se dos abismos. De acordo com Gilbert Durand (1997), o que prima na representação de animais são justamente suas qualidades, ou, suas capacidades enquanto animais, como por exemplo o fato da serpente arrastar-se para movimentar-se.

O autor da crônica ainda complementa o texto, a partir daí, recobrando as imagens da subida da serra de adjetivos de exaltação: “daquella altitude (500 m aproximadamente), devassa-se o mais grandioso, pinturesco, e empolgante panorama do Rio Grande do Sul! (JACASSE, 1910, p. 1). A posição elevada do trem, garante um olhar privilegiado ao cronista, que pode, de cima, notar o percurso com distinção, algo que Durand (1997) também pontua em seus estudos sobre os símbolos em ascensão, na parte em que trata do Regime Diurno das simbologias.

As imagens do interior do trem representam famílias italianas e alemãs, o que nos leva a questionar sobre qual público utilizava esses serviços e, por consequência, quem podia acessar esse meio de transporte. Quanto aos valores para realizar a viagem, não foi encontrado nenhum dado sobre o preço aproximado, porém, Maria Abel Machado (2001), historiadora de Caxias do Sul, afirma que “a ferrovia produziu na região uma sensível baixa nos preços, especialmente de alguns gêneros, mas não quanto seria desejável, pois a tarifa do transporte é alta”. Partindo disso, infere-se que os que tinham condições financeiras, pois eram subsidiados pelo governo,

e mais beneficiados com a chegada do trem, foram os comerciantes italianos. Esse sistema de transporte, que teve como objetivo diminuir o tempo de viagem e fazer com que a produção não dependesse de outros intermediários para chegar e deixar a cidade, fez com que esses imigrantes continuassem dominando o comércio local, uma vez que, antes mesmo da chegada da ferrovia, eles já ocupavam esse posto, como afirma Machado (2001)

Quando surgem os primeiros parreirais, o cronista sabe que a viagem aproxima-se do fim. Depois disso, “às 9 horas da noite o trem estaca, felizmente, em meio de um pinhal, onde homens com lanternas se acercam do comboio. É a estação de Nova Vicenza, onde devemos pernoitar” (JACASSE, 1910, p.1). Antes de chegar à Caxias do Sul, esta seria a última etapa do trajeto, na qual os passageiros ainda dormem nas casas de famílias que vivem perto da linha e desfrutam do que as moradias dispunham: “ótimo tratamento, bons livros, boas revistas, boa palestras e até...um gramophone” (JACASSE, 1910, p. 1).

(ANEXOS C; D) - “Visitar Caxias” e “Em Caxias”, de Renato Costa, publicadas em 15 de outubro e 4 de novembro de 1911, respectivamente, no jornal “Cidade de Caxias”.

O jornal *Cidade de Caxias* declarou-se como um “órgão republicano” e era publicado aos sábados. Tinha em torno de quatro a seis páginas, mantinha-se por meio de assinaturas e foi veiculado por apenas um ano na cidade, entre 1911 e 1912. Seu diretor Francisco Salerno era figura política representativa em Caxias, pois foi delegado de Polícia e liderou a revolta armada dos colonos no século XIX, ele publicava textos inclusive em outros jornais da cidade, como foi o caso de alguns encontrados no *O Brasil*, e chegou a ser preso por conta de defender a regulamentação do uso de armas, de acordo com reportagem publicada no *Jornal Pioneiro*, em 18 de dezembro de 2018.

Existe no *Cidade de Caxias* uma crônica na qual o autor exalta algumas características locais. Embora não haja, nesse primeiro texto, nenhuma referência ao trem, o texto está neste eixo de análise, pois o viajante cria expectativas sobre conhecer a cidade e o meio de transporte que viabiliza a realização do desejo é o trem. Esta crônica precede outra que vai tratar das impressões a respeito de quem chega ao local. Segue a transcrição de um trecho da crônica de Renato Costa, publicada em 15 de Outubro de 1911:

Tem-me aguçado o espírito de curioso, como todo o homem sói ser, a ideia de visitar Caxias, a alegre e venturosa rainha das colônias, erguida sobre os montes verdes, olhando feliz, ao longe, a doce paz das cousas e tranquilidade amena das almas grandes. Eu já te imagino, Caxias, sorrindo à primavera, desfolhando sobre as colinas. (COSTA, 1911, p. 1)

Se considerarmos que o autor da crônica não vivia em Caxias do Sul, mas, da mesma forma, apresentava um certo anseio em conhecer a cidade, infere-se que a região, nessa época, já vivia um momento de reconhecimento nacional, ou pelo menos regional. Apesar de Costa (1911) referir-se à cidade com um tom idílico, o trabalho, que é um dos pilares que ainda hoje sustentam os discursos sobre o imaginário local, faz-se presente na representação do espaço urbano caxiense: “eu já te imagino, Caxias, sorrindo á primavera, desfolhando sobre as colinas as folhas esguias das margaridas brancas, rindo á mocidade da tua terra, coroando o fruto do trabalho dos teus filhos (COSTA, 1911, p. 1)”.

O trabalho está representado na crônica como forma de viver em harmonia com a terra, como se os moradores da região fossem quase unificados à geografia local. Essa perspectiva está ligada ao que a mídia sustenta ao noticiar os esforços dos imigrantes ao chegarem à Serra Gaúcha, vitimizand-os. Algo muito parecido aparece nos estudos de Raymond Williams, que disserta sobre a relação das emoções com os meios rural e urbano:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – da paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. (WILLIAMS, 2000, p. 11)

Para o autor da crônica, o trabalho ainda é imaginado em uma fusão com a natureza, de forma que o leitor pode ser levado a acreditar que o imigrante foi responsável pela criação da paisagem idilizada:

E elles, sempre alegres, casando a harmonia eloquente das suas almas com o espectáculo dezlumbrante da natureza, seguem, os bons caxienses, pela estrada em fora, procurando ninhos, arrancando dos galhos as tímidas rosas e debruçando-se à beira dos regatos para ouvir a música sonora das águas! (COSTA, 1911, p. 1).

Nessa passagem, está presente o lirismo do cronista ao descrever a cidade imaginada pelo viajante. A escolha de palavras é uma peça-chave para criar a atmosfera idílica, como, por exemplo, quando utiliza os termos “harmonia eloquente das suas almas”, para se conectar ao pensamento sobre a natureza, de forma que ela simboliza uma faceta da cidade em questão e tal fato parece ser uma contradição, pois, campo e cidade seriam opostos, e não complementares. Nesse sentido, a palavra “eloquência” tem o intuito de persuasão, ou seja, de que as almas dos trabalhadores estão unidas ao “espetáculo dezlubante da natureza”.

Seguindo sob a perspectiva do imaginário de um ambiente idilizado, Costa (1911) ainda lança mão, nos parágrafos seguintes, da elaboração de uma unidade entre o agricultor e o meio rural. A crônica leva-nos a pensar em uma condição espontânea dessa relação, agregando adjetivos ao perfil, estereotipando o imigrante italiano e, por meio da criação de um ambiente

pastoril, os símbolos evocam um imaginário. Esse tipo de expectativa por parte do cronista, pode ser explicada pelas ideias de Maffesoli (2001), pois o teórico acredita que o imaginário provém de uma condição que não necessariamente é racional, afirmando que o imaginário é como uma atmosfera. A seguir um trecho que remonta ao ambiente rural, agora em comunhão com o habitante da cidade:

Agora que a primavera vem encher de perfumes e de sonhos as vossas almas, nós que estamos tão longe, separados pelas montanhas, onde as árvores agitam ao fragor da ventania e a passarada vôa, alinhavando o espaço, na frase do poeta, mandamos, oh bons amigos, oh caxienses bons, nas azas nervosas das andorinhas, a nossa visita amiga e nossa muda salvação. (COSTA, 1911, p. 1)

A adjetivação e a personificação presentes ao longo da crônica fazem com que a cidade imaginária seja elevada a um *status* de supervalorização, algo que vai ao encontro de um dos conceitos relativos à crônica. Quando o autor elege um fato, ou uma personalidade, que no caso pode ser a do imigrante italiano, e a descreve de forma que dá margem ao exagero, nada mais é do que um ponto de vista próprio do gênero: a subjetividade.

No caso da crônica de Costa, o que se tenta imaginar, além de uma sobreposição a respeito do que ele imagina, com o que de fato a cidade era nessa época, é a maneira como o texto pode ter seduzido o público. Com base nos estudos expostos anteriormente, é possível que esta crônica, em função do teor de exaltação referente ao caxiense, tenha contribuído para o imaginário que permeia a cultura local. Em Caxias do Sul, é comum observar situações em que, principalmente as pessoas com ascendência italiana, reagem com estranhamento e desconfiança a pessoas de outros lugares até mesmo do Brasil ou etnias, como acontece com a população negra. Um exemplo de preconceito étnico racial e também de perseguição à cultura, foi o caso do bailarino que foi preso no centro da cidade, em 2017, durante uma performance de dança, de acordo com reportagem do G1, publicada em 30 de outubro do mesmo ano³⁰. O artista em questão é negro e veio do estado do Rio de Janeiro para integrar a Companhia de Dança de Caxias do Sul, esses fatores vão ao encontro de um imaginário perpetuado pelas crônicas caxienses.

Dessa forma, se pensarmos na crônica como veículo do imaginário, destinado a um público amplo, é importante refletirmos sobre a influência direta desses textos no imaginário local, bem como sobre a informação de que o caxiense é bom, sem mesmo expor algum tipo de comparação. Isso pode ter levado os habitantes da cidade a um entendimento equivocado sobre

³⁰ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/bailarino-e-abordado-e-colocado-em-camisa-de-forca-durante-performance-em-caxias-do-sul.ghml>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

a diversidade cultural, por exemplo, porque, de acordo com a crônica em análise, somente os moradores locais são dotados de características positivas. Outro aspecto importante é o fato do texto estar publicado na primeira página do periódico, ocupando uma coluna inteira, em um esquema de diagramação que possui 5 colunas, tal disposição do texto dentro da página coloca a crônica em evidência.

Por fim, o autor também revela a localidade de onde escreve, Bento Gonçalves³¹, que possui valores muito semelhantes aos de Caxias do Sul. Assim, a cidade imaginária parece estar fechada em si mesma, perfeita em suas condições, uma vez que um dos primeiros cronistas a mencionar Caxias do Sul, estava a poucos quilômetros e inserido em um contexto equivalente no que se refere ao imaginário, se pensarmos sobre o processo imigratório, por exemplo.

Na crônica “Em Caxias”, publicada em 4 de novembro de 1911 no mesmo jornal, o autor apresenta, através da imagem do trem e do seu movimento, como é para ele chegar a Caxias do Sul:

A locomotiva desliza velozmente pelos trilhos como uma serpente monstro, encafurdando-se horrível e magestosa pelas montanhas a dentro, devasando panoramas divinos que a mão olympica de Deus bordou sobre a terra, imprimindo sobre tudo a feição archaica dos velhos recantos da Europa. (COSTA, 1911, p. 1)

No trecho, assim como na crônica do jornal *O Brasil*, analisada anteriormente, existe uma aproximação da imagem do trem com a da serpente e dessa vez, da monstruosidade do animal e da máquina. Para Chevalier e Gheerbrant (1999), a serpente é um animal que se opõe ao homem em função da sua simplicidade fisiológica. Os autores afirmam que a serpente representa o início de um esforço genético pelo qual o homem passou e que, talvez por isso, ela gera tantas sensações para quem a observa. Nesse sentido, a serpente, quando aproximada da imagem do trem, poderá representar também o medo que o homem tem da máquina, e da modernidade presente e trazida por ela.

A locomotiva, para Costa, é imaginada como um monstro, algo que distancia o leitor da imagem da máquina. Ele enfatiza que o trem é algo, ao mesmo tempo, horrível e majestoso e isso gera uma certa ambiguidade no que se refere ao meio de transporte, pois, como é possível que algo que vai “devasando” as paisagens criadas por Deus seja um elemento positivo no imaginário urbano? Ele poderia estar se referindo as dimensões da locomotiva, mas, não fica claro se é o tamanho que o assombra.

³¹ Bento Gonçalves é um município do Rio Grande do Sul colonizado por imigrantes italianos. A economia local está voltada para as atividades agropecuárias (uva e vinho), com a diferença que, na atualidade, destaca-se como o maior polo moveleiro do Brasil. Assim como Caxias do Sul, na primeira metade do século XX, Bento Gonçalves viveu uma intensa fase de urbanização e industrialização, que a levou ao reconhecimento nacional. (CAPRARA; LUCHESE, 2001)

Nessa época, Caxias do Sul tinha recebido recentemente a linha ferroviária, que foi inaugurada em junho de 1910. Segundo Machado (2001), a população caxiense recebeu o primeiro trem com grande festividade, pois, desde 1895, quando o Governador do Estado Júlio de Castilhos visitou a então Colônia para avaliar as condições de abrigar a ferrovia, os colonos esperavam por esse momento. O trem simbolizava, para Caxias, a chegada do progresso econômico, porque toda a produção, importação e exportação, seriam incentivadas com a nova obra. Caxias do Sul, até 1910, representava um importante centro comercial, apesar de suas condições geográficas. A cidade estava localizada a uma certa distância dos centros maiores, e o trem facilitou o comércio da região, de forma que a implementação da linha férrea foi impulsionada pelas necessidades dos comerciantes, como relata Machado (2001).

Voltando à crônica, o trem começa a se aproximar da cidade, mas, nem por isso, as imagens deixam de ter intensidade, e, principalmente, as sensações do cronista ao observar a movimentação da locomotiva:

E a machina infernal rompendo as collinas, sacudindo-se toda grita, e montanhas de fumo avolumam-se no espaço e... Caxias apparece ao longe, toda branca e suave, como um mytho divino... A locomotiva pára rápida e uma multidão de bons caxienses, invade-a, abraçando este ou aquele conhecido, saudando os estranhos com um riso alegre e delicado. (COSTA, 1911, p.1)

A “máquina infernal” do autor é referência ao trem, na mesma perspectiva de que, para ele, a locomotiva representa o melhor e o pior do progresso. As amplas descrições dos sons do trem e das paisagens exteriores, deixam claro que o cronista esteve embarcado e pode ser que, nesse sentido, essas percepções fossem incômodas aos ouvidos dele. Ao avistar a cidade, ele visualiza as “montanhas de fumo” que podem, tanto ser a fumaça do próprio trem, ou então a neblina característica da localidade, pois ele qualifica a cidade como “branca e suave”. Outra interpretação possível é que o autor possa ter aproximado a imagem da cidade de uma aura divina, como ele mesmo conclui com “mytho divino”, ou então, que é procedente de um imaginário religioso, uma cidade religiosa imaginária.

Da estação férrea ele parte para o centro da cidade, adentra as ruas principais e nota “os bellos predios, em cujas vidraças o sol dardejava furiosamente raios de vida e de luz”. Na passagem, já se nota a presença de edificações em uma cidade que ainda estava em processo de formação. No mesmo trecho, o autor chega a ouvir uma música que ia “desferindo pelo espaço notas alegres, enchendo as ruas, movimentando Caxias e assustando os pássaros nos ninhos”, deixando claro, novamente, que o autor é sensível aos estímulos auditivos.

Para finalizar, Costa define sua visita e como vê os caxienses:

Foi assim, entre a poesia da alma humana e a soberana graça da natureza verde, que vos vi Caxias e vos saudei, oh bons caxienses, carinhosos filhos desta terra, onde palpita eloquente e febril todo o valor de uma raça e se espraia docemente o encanto das bellas filhas da rainha das colônias! (COSTA, 1911, p.1)

Novamente, existe uma qualificação dos caxienses como sendo bons, carinhosos e chama atenção nessa passagem, o autor falar sobre “valor de uma raça”, comentário que, certamente, é excludente e preconceituoso, se pensarmos no contexto brasileiro e caxiense da época. Nesse ponto, o autor fez referência aos descendentes de imigrantes italianos, ou seja, de uma família europeia e branca, contribuindo para o apagamento de outros grupos étnicos que viviam na localidade, como por exemplo os indígenas, chamados de bugres, e os negros.

Além disso, ele observou, de todos os aspectos de formação de uma cultura urbana, somente “as bellas filhas”, comentário que também denuncia uma tradição machista que está impregnada no imaginário de Caxias do Sul. Essa colocação representa um olhar estereotipado sobre as mulheres da cidade, como se, somente por viverem no local, fossem parte dessa idealização que o autor da crônica construiu sobre ser uma “bela filha” que, inclusive, dá margem para pensarmos sobre o termo “filha”, o qual coloca a mulher, mais uma vez, sob uma perspectiva de fragilidade, dependência paterna e subalternidade.

(ANEXO E) - “Inconcebível”, sem autoria, publicada em 22 de dezembro de 1916, no jornal *O estímulo*.

Este texto apresenta uma reivindicação dos caxienses a respeito das condições da viação férrea. O que primeiramente é interessante para a presente pesquisa, é que esta crônica apresenta um dos primeiros textos de crítica sobre a infraestrutura da cidade, algo que não era muito comum nessa fase do jornalismo caxiense e, talvez por isso, o texto não apresente autoria. O próprio título já lança uma ideia de denúncia e categoriza o pedido de melhoria como um clamor unânime do comércio caxiense:

O clamor do commercio, da indústria é unanime, de todos os lados! Os prejuízos decorrentes da falta de vagões, que a incuria e... porque não dize-lo da desconsideração da companhia, avolumam-se de uma maneira imprecionante... Os dias succedem-se, passam as semanas, esgotam-se mezes e... (O ESTÍMULO, 1916, p. 1)

O ponto que interessa-nos no trecho é sobre o fato do pedido vir por parte dos comerciantes, o que já demonstra, em 1916, a influência que a classe tinha e continua tendo na cidade. Eles reclamam a falta de vagões, e o descaso da empresa, mas também colocam-se em uma situação de passividade, como vemos no trecho a seguir: “o commercio continua, paciente e resignado a esperar pelos “vagões mythologicos, da companhia auxiliaire”, no entanto, tal

inércia pode estar ligada às inseguranças dos comerciantes a respeito de criticar a única empresa que prestava o serviço de transporte ferroviário. A palavra “mythologicos” parece, nesse contexto, fazer parte do recurso da ironia, próprio do gênero, pois o comércio caxiense estava há tantos anos esperando os novos vagões, que tornaram-se algo abstrato e, mais que isso, o uso do termo demonstra a falta de vontade política para intervir na compra.

Em seguida, o autor resolve sair da resignação e tece então uma crítica ainda mais pesada, fazendo referência à falta de atuação do governo federal sobre as instalações do trem, classificando o fato como “desinteresse dos poderes publicos do Paiz”. Partindo do comentário, imagina-se que era uma reivindicação difícil de chegar até as instâncias mais altas do poder nacional e por isso, para o autor, a única solução a respeito disso era desistir e, segundo ele, o comércio “deixar-se definhir e... morrer”. Tal constatação aponta para uma metaforização da falência do setor em Caxias do Sul e a radicalidade do cronista ao escolher os termos para descrever a crise econômica denota uma união dos comerciantes em torno dessa questão, e que, de outra maneira, uma crônica com alto teor reivindicatório não teria sido publicada em um jornal, dadas as proporções de uma localidade como Caxias do Sul.

4.2 A RUA

Assim como já foi mencionado anteriormente, um dos maiores problemas de Caxias do Sul foi a falta de planejamento urbano e tal situação perdurou até o ano de 1950, quando foi lançado o Plano Diretor, que organizaria a estrutura física do meio urbano. Isso significa que, entre 1900 e 1930, a cidade não possuía qualquer organização no sentido de organização espacial e portanto as condições das ruas eram precárias. A falta de um plano, ou mesmo de imaginar uma estrutura melhor para o local levou muitos cronistas a criticarem o estado das ruas e a inexistência de saneamento básico no período em questão.

(ANEXO F) - “Chronica”- publicada em 14 de fevereiro de 1909, assinada com pseudônimo de Jacasse, no jornal O Brasil.

Em 1909 ainda não era comum que os cronistas criticassem aspectos da cidade de Caxias do Sul. Nessa fase, que compreende a primeira década do século XX, era de praxe que os textos exaltasse a vida na Serra Gaúcha e que questões como a precariedade das ruas da cidade fossem suprimidas, ou, expostas de uma maneira sarcástica, como veremos no trecho: “Caxias tem o aspecto desolado, com as ruas cheias de lama e as almas cheias de tédio. Ó lama de Caxias, volumosa, escorregadia e adhesiva!”. Dessa passagem observamos, além da linguagem rebuscada para tratar de um problema na estrutura da cidade, a presença do tédio como palavra-

chave do texto, em que o autor, ao mesmo tempo que ironiza a situação das ruas de Caxias do Sul, deixa claro que o sentimento que paira pela urbe é de descontentamento. Ele complementa:

Os que têm a inaudita coragem de palmilhar as ruas, chapinhando as poças d'água, num acautelador “tente, não caias”, revelam decidida vocação para os trabalhos de oleiro. Não se pode voltar à casa, de uma breve digressão, sem trazer espessa, em cada sola de botina, a “maquêtte” de um tijolo. (JACASSE, 1909, p. 1)

Partindo do excerto, observamos que a ironia é um recurso utilizado pelo cronista caxiense, pois ele baseia-se na imagem e na representação do material do tijolo, para ativar a imaginação do leitor, que provavelmente perambula por essas ruas embarradas. O uso dos termos “espessa” e “maquêtte” também expressam e denunciam a grande quantidade de lama, tanto que é complicado para se locomover, nas palavras do cronista.

Ele segue analisando as condições das ruas, porém, fica evidente nos parágrafos seguintes que o cronista não está preocupado propriamente com os caxienses, mas com os veranistas, que encontrariam a cidade naquela situação calamitosa:

Pobres veranistas, que para ahí viveis enclausurados, macambuzios, a praguejar contra o tempo, acreditando talvez que o sol não passe de uma hypnose astronómica! Viestes confiantes da pureza balsâmica destes ares caxienses, que vos deviam restaurar os órgãos depauperados, trouxestes as vossas esperanças e os planos de passeios, de pic-nics, de saraus familiares, das multiplas diversões, que se buscam e se inventam, quando emigramos para o campo, à procura de repouso! (JACASSE, 1909, p. 1)

Notou-se nas crônicas de Caxias do Sul e em em textos noticiosos, que a cidade, no período compreendido pela presente pesquisa, foi destino de veranistas, vindos principalmente da capital do estado, para tratar enfermidades respiratórias na Serra Gaúcha. Como Caxias do Sul era acessível pela linha férrea e tinha uma estrutura maior do que as comunidades vizinhas, era comum que os turistas chegassem ao local inclusive por indicação médica, já que consideravam o ar das montanhas mais puro. Porém, é desconcertante pensar que o cronista em questão, parecia estar mais preocupado com quem visita a cidade, do que com quem a habita e essa constatação é recorrente nas crônicas que representam Caxias do Sul. Julga-se que a característica de pensar demais no viajante, presente com certa regularidade nos jornais, pode ter contribuído para a depreciação do povo local, ou seja, que a aparência da cidade deve ser perfeita para quem a visita, mas não necessariamente para aqueles que vivem nela. A ideia de aparentar boa estrutura persiste em Caxias do Sul até a atualidade, quando por exemplo, aproxima-se a época de algum evento, como é o caso da Festa da Uva, e é possível observar por toda a cidade os cuidados com os canteiros centrais e a recuperação de vias públicas, também do centro da cidade.

O texto segue na mesma linha de pensamento, supervalorizando o turista e apresentando costumes de Caxias do Sul:

A missa dominical, por exemplo, é um enlevo imprevisto para o forasteiro observador. Vel-os desfilar os colonos, e principalmente as contadines, nos seus trajes vistosos do ver a Deus, montando com garbo veranil, é um dos espetáculos mais pitorescos que nos é dado contemplar. (JACASSE, 1909, p. 1)

O autor sugere, com esse trecho, que o viajante conheça o hábito do colono de ir à missa aos domingos. “As contadines”, no caso, são as mulheres trabalhadoras do campo, que vinham para a cidade para frequentar a igreja e, nessa ocasião, aproveitavam para usar roupas de “garbo veranil” e, nesse sentido serviam de elemento turístico, pois, é possível afirmar que os viajantes eram homens e que, ao sentirem o tédio predominante na cidade, deveriam se contentar com a observação das “contadines” e que essa cena seria “pitoresca”, termo que também dá margem para pensar sobre uma observação de entretenimento, como se a mulher, nesse contexto, servisse como figura recreativa ao forasteiro.

Depois de findada a manhã e a missa dominical, o autor sugere observar outro traço característico da vida caxiense: “a imprensa da terra”, afirmando que “aqui é um que proclama, com ares cathedraticos, verdades economico-philosophicas de mr. de La Palisse³²”, referindo-se ao jornal para o qual escreve: “E si “O Brazil” vier cair sob os vossos olhos complacentes, amigos veranistas, podeis ler tambem, entre dois bocejos, á hora da sesta, alguns periodos de prosa insulsa, que aqui aparece à guisa de chronica”. Com o trecho, fica evidente que o gênero crônica estava em fase de adaptação nos jornais da cidade, quanto a isso, é interessante lançar o olhar para a forma com que o cronista descreve seu próprio ofício, que com uma dose de falsa modéstia, ele afirma ser uma “prosa insulsa”, ou seja, um texto despretensioso, mas que, aqui estudado em profundidade, traz à tona algumas perspectivas do imaginário urbano caxiense.

(ANEXO G) - “Reparos”, publicada em 27 de setembro de 1915, com o pseudônimo de Kok, no jornal *Evolucionista*.

Outra crônica sobre o assunto, que faz crítica à situação das ruas, surge no jornal *Evolucionista*, que circulou em Caxias do Sul entre 1915 e 1916 e declarava-se um órgão independente. O periódico era diagramado em um esquema de cinco colunas verticais, que dividiam a parte textual. Era dirigido por João Garibaldino Rolim, e a respeito dele não

³² Expressão de origem francesa, advinda de uma canção satírica em homenagem a Jacques II de Chabannes, senhor de La Palice, que foi um nobre. Na canção, uma das estrofes possui um verso que explica algo esclarecido no verso anterior, ou seja, constitui uma verdade evidente por si mesma. (FONTE: <http://antoniosoaesrocha.com/outras/verdade-a-la-palice>)

encontrou-se maiores informações. O texto em si, publicado em 1915, vem em um tom progressista:

Venho hoje oferecer uns pequenos reparos, aliás indispensáveis, sobre o pessimo estado de algumas ruas desta cidade, as quaes representam o papel de enteadas da nossa municipalidade. Principiamos pela Rua Andrade Pinto, especialmente na quadra entre as ruas Visconde de Pelotas e Garibaldi, a qual já em estado quasi intransitável às pessoas a pé, sendo que, cavalleiros, carros e carretas, não tem a honra de por ali passar. (KOK, 1915, p. 1)

Primeiramente, o autor, ou autora, não sabemos, em função do pseudônimo utilizado, dá início à crônica convidando o leitor para que percorra o trajeto, por meio das representações, algo que necessita de dois dispositivos para atingir um nível de compreensão textual mínimo: a memória e o imaginário. A primeira, para que o leitor lembre de onde estão as ruas descritas, e o segundo, no sentido proposto por Pesavento (1999), de que a força da sugestão, encontra a credibilidade na aceitação, isso significa que as pessoas são levadas a aceitar essa representação, que, invariavelmente, vai apoiar-se no real, ou nos recursos da memória para existirem no imaginário. Tal pensamento, permite afirmar que esse jogo de confiança entre leitor e cronista pode ser relacionado a uma via estratégica proposta por Pesavento (1999, p. 30): “a sensibilidade coletiva, historicamente vivenciada e transmitida que encontra repercussão diante da cotidianidade daqueles que habitam uma grande cidade ou desejariam vivenciá-la”, por isso, para Kok, é certo que o leitor conhece, tanto as ruas da cidade em questão, quanto o fato de concordarem de que estão em péssimo estado:

Tambem a quadra da referida rua, entre as do Marquez do Herval e Chachá Pereira, próximo ao café Nóra, está quasi em idênticas condições. Não conseguimos saber o motivo de tamanha antipathia, dos poderes competentes, pela desprezada rua Andrade Pinto. A rua Sinimbu também é digna de reparos, especialmente na quadra entre as ruas Alfredo Chaves e Saboia, onde existe um grande declive, qual causa difícil acesso as carretas carregadas , que conduzem taboado dos engenhos para a Estação, assim como outras cargas. (KOK, 1915, p.1)

Com o fragmento evidenciam-se os problemas decorrentes da falta de planejamento urbano e do descaso da municipalidade com as ruas de Caxias do Sul na época. Outro ponto relevante, é que muitas das ruas citadas ainda possuem os mesmos nomes, mas a principal criticada no texto, Andrade Pinto, teve a nomenclatura modificada em 1931, passando a se chamar Os Dezoito do Forte, em homenagem aos integrantes da revolta de mesmo cunho, de acordo com reportagem de Rodrigo Lopes, publicada em 8 de março de 2019, no Jornal Pioneiro. Outras ruas citadas como a Chachá Pereira, que atualmente é a Borges de Medeiros, e a Saboia, atual Rua Vereador Mário Pezzi, sofreram modificações por determinação do Estado, segundo Adami (1966).

Outro dado que chama atenção é que a produção, escoada pela estação férrea, necessitava das ruas principais, que em 1915 eram as únicas minimamente pavimentadas, para poderem sair da localidade. Esse sistema de escoamento certamente não conseguiu acompanhar o rápido crescimento urbano, em função de que, em uma cidade que desenvolveu-se vertiginosamente em poucos anos, não comportaria um série de carretas conduzindo taboados na parte central, em uma disputa com os automóveis. Sobre isso, algumas medidas já estavam em andamento para amenizar os efeitos do sistema, de acordo com a crônica em análise:

Ora, sendo proibido passarem carretas carregadas pela rua Julio de Castilhos, os pobres carreteiros são obrigados a transitarem pela rua Sinimbú, principalmente aqueles que carregam vinhos das casas dos srs. Antonio Pieruccini, Adolpho Silva de Cia e outros. Seado os reparos a que nos vimos referindo, pouco dispendiosos, é mais do que justo que, a municipalidade os mande efectuar o quanto antes. (KOK, 1915, p.1)

A partir do trecho, além da reivindicação por providências da municipalidade, outro elemento aparece, que é a elitização desse pedido, pois o autor não está preocupado com os moradores da cidade, com quem transita por essas ruas frequentemente, senão com as carretas e seus donos. Além disso, preocupa-se também com o transporte dos produtos das vinícolas locais, que eram base da economia de Caxias do Sul, utilizando no texto o nome dos proprietários dessas empresas, como em uma tentativa de reforçar a reclamação.

Por fim, uma das características do imaginário urbano local é repetida na crônica, quando o autor demonstra angústia pela chegada dos veranistas e por sua opinião a respeito das ruas:

Dentro em breve, estaremos na estação calmosa, tempo esse em que teremos, como nos outros annos, grande numero de veranista, que naturalmente nos criticarão, dizendo:

-Caxias tem dinheiro para fazer Avenidas, mas não tem para concertar as suas ruas.

E, isso, é uma pura verdade. (KOK, 1915, p.1)

Mais uma vez, a imagem da cidade para o viajante é levada em consideração na hora de reivindicar alguma melhoria em Caxias do Sul e tal fato vai ao encontro do que Baczko (1985) acredita serem os meios de comunicação de massa: criadores de necessidades. Nesse caso, a necessidade não está nos reparos das ruas, mas no vício da boa aparência para os que passam pela cidade.

(ANEXO H) - “Pela cidade”, de Marcio Nobre, publicada em 10 de março de 1927, no jornal *O Popular*.

O jornal *O popular* surgiu em Caxias do Sul em 1927 e circulou na cidade até 30 de outubro de 1930, de acordo com Giron e Pozenato (2004). As autoras afirmam que o jornal era ligado aos produtores agrícolas e que teve vários colaboradores em sua edição. A sua periodicidade era semanal e a diagramação, de modo geral, bem como o local onde as crônicas estavam posicionadas variava muito.

Nesta crônica o autor representa uma experiência pelas ruas de Caxias do Sul, que, à primeira vista, vai tratar de forma poética as chuvas de março, que anunciam o inverno e os problemas de infraestrutura:

Quanta chuva... Caxias dorme e acorda, vae para uma semana, ao embal monotono de uma chuvinha meuda e friorenta. Dir-se-ia que o inverno chegou. E chegou carrancudo, fazendo vêr á gente que elle é bem o inverno -- o inverno do pinhão quente e do amendoim torrado, á lareira, na meia luz dos brazeiros crepitantes. Mal anoitece ha como que uma paralysação de tudo. Nas ruas desertas, uma que outra sombra deslisa á luz mortiça das vidraças fechadas. E assim se escôa a semana lacrimosa deste meado de Março. (NOBRE, 1927, s/p)

No trecho, o autor apresenta-nos uma imagem conhecida de quem vive em Caxias do Sul ou quem passa pela cidade em dias cinzentos. Para reforçar a ideia de que uma vida monótona está prestes a se iniciar, com a chegada do inverno, ele utiliza do recurso da personificação, quando comenta que “a cidade dorme e acorda”. Mais adianta, ainda adjetiva o inverno como “carrancudo”, referindo-se a uma estação com clima muito rigoroso. Em seguida, levanta uma característica dos invernos caxienses que é a rua vazia à noite, em razão do frio.

O autor busca, por meio das técnicas do gênero crônica, descrever uma paisagem sombria e de tons escuros e, esses recursos, contribuem para criar uma atmosfera de melancolia. Se unirmos o que o leitor conhece do inverno da cidade, com as imagens representadas na crônica, evidenciam-se também as dificuldades de quem enfrenta as ruas na estação fria:

E ahí ficam as consequencias dolorosas de tanta agua: caminhos barrentos, estradas intransitáveis, ruas... ruas, ai, Senhor, também intransitaveis como as estradas do Raposo...Não custa muito uma olhadela para a rua Sinimbú, trecho que vae da rua Alfredo Chaves á rua Saboia. Em materia de lama e buracos será difficil encontrar coisa melhor. (NOBRE, 1927, s/p)

Mais uma vez, um cronista faz as vezes de representante da vontade popular e reclama do estado das ruas. É interessante notar como, mesmo depois de passados quase vinte anos desde as primeiras reclamações, as ruas em situação de calamidade ainda são praticamente as mesmas, como é o caso da Sinimbú e também da Saboia, que já foram assuntos de outra crônica anteriormente analisada. As “estradas do Raposo” podem fazer referência à via que une o centro de Caxias do Sul, ao bairro Galópolis, que, até a atualidade, sofre com as chuvas, por estar muito próximo e atravessar o Rio Caí por uma ponte.

Alguns artifícios do cronista local repetem-se neste texto: além da ironia, o uso de nomes de personalidades importantes para a indústria da cidade, de forma a chamar atenção do poder público para as questões da pavimentação, ou da sua inexistência, como no fragmento a seguir: “inda hontem nos deu-nos pena ver aquela empregadinha do sr. Abramo Eberle deixar no lodaçal insidioso e vil seu sapatinho burguez. Claro que nisso tudo não vae culpa ao poder público. Quem mandou a moça andar de sapato?” (NOBRE, 1927, s/p).

Outro aspecto relevante no trecho é a representação da “empregadinha” e a situação que enfrentava ao entrar e sair do trabalho. Acredita-se que o “sapatinho burguez” é uma referência à classe econômica da família Eberle em Caxias do Sul, uma vez que, na época da crônica, empreendiam a única metalúrgica da cidade. Partindo do sobrenome considerado importante no desenvolvimento econômico local, o cronista apela depois para o prefeito³³:

O dr. Celeste Gobbato, que se tem revelado um administrador na altura das exigências do municipio, de tudo cuidando afanoso e solícito, poderá muito bem mandar que alguém olhe para a rua Sinimbú. Alli ha transito, ha movimento. Ella está a pedir uma turma de trabalhadores munidos de alviões, pás e galeota. E cascalho, muito cascalho. (NOBRE, 1927, s/p)

O que é possível afirmar, depois de analisar a crônica é que as ruas ainda estavam em estado precário e que o poder público precisava ser lembrado por muitas vezes até que alguma medida fosse tomada. O autor, em seguida, aproxima a imagem de Caxias do Sul à uma “moça bella”, na tentativa de chamar atenção da municipalidade, e reafirma que a cidade precisa ser cuidada, porém, o faz de forma machista, com essa comparação limitada. Seria mais prudente, que o cronista pensasse a cidade como um lugar de convergência cultural e econômica, com todas as complexidades que o meio urbano demonstra, não excluindo uma população inteira, utilizando-se de uma metáfora carregada de preconceito.

(ANEXO I) “Modos de ver”, de Rulhquieu, publicada em 7 de março de 1929, no jornal *O Popular*.

Ainda d’*O popular*, surge uma crônica que não se encaixa em nenhum dos tipos propostos por Coutinho (1971), elencados no capítulo 2.3. Esse texto, aparentemente, traz uma característica inédita aos publicados em Caxias do Sul até então, quando faz referências a ele mesmo, como se o cronista justificasse o fato pelo qual escreve a crônica:

³³ Dr. Celeste Gobbato deu por iniciada uma fase que interessa-nos a respeito dos periódicos político-partidários. O prefeito da época foi representante do republicanismo na cidade e chegou a ignorar até mesmo algumas leis eleitorais para garantir a própria candidatura. (GIRON;POZENATO, 2004)

O gosto de palestrar com o povo e a impossibilidade de o fazer de viva voz, leva-nos a recorrer às columnas d'O popular, cujo director generosamente, dá desvanecedora acolhida de nossas palestras despretenciosas. O manancial mais fecundo, abundante, inesgotavel para o jornalista ou para o convereador é sem dúvida a política. Mas, é elle também farto em espinhos acerados e seria prudente a gente revestir-se, encourçar-se de paciência e... espirito philosophico para sem grande risco, abordl-o, Preferimos pois, tratar de assumpto menos arido e mais util . (RULHQIEU, 1929, p.1)

No trecho, o autor pensa o gênero e afirma que as “palestras despretenciosas” é que dão tom ao relato. Ele utiliza a imagem de um manancial para dar a dimensão e profundidade do que seria tratar de política nesse texto, porém, não é esta a temática e então, ele segue o discurso sobre o que irá tratar:

Assim, escolhemos para a palestra de hoje, um problema de interesse geral, cuja solução tanto aproveita ao indivíduo como à collectividade. Queremos nos referir á viação rodoviária. Dispensamos a demonstração do que está no conhecimento de todos: a influencia da viação no desenvolvimento, no progresso, na civilização dos povos. Ora, sendo Caxias um municipio de população relativamente densa, difundida por toda sua superfície, necessário é que seja dotado de um systema rodo-viário capaz de dar facil e rapido escoamento a sua variada e abundante produção. (RULHQIEU, 1929, p.1)

O fragmento apresenta o problema central da cidade na época: o sistema rodoviário. Dessa vez, a crônica é um apelo ao desenvolvimento, progresso e civilização, porque, na ideia do autor, uma estrada simboliza todos esses fatores. O desenvolvimento, nesse sentido, está ligado ao âmbito econômico, já o progresso e a civilização parecem ser a repetição de um pensamento eurocêntrico, uma vez que tais termos denotam o processo colonizador ocorrido no Brasil. A frase dá a entender que o avanço da população depende de um transplante cultural, como se o modelo conhecido dos imigrantes italianos, pudesse ser reproduzido no país. Mas também, a civilização pode estar ligada à tentativa de construção e fixação de uma cidade, se considerarmos que no final da década de 1920, Caxias do Sul ainda engatinhava em direção do planejamento urbano, que seria capaz de reorganizar a urbe.

A questão central, para o cronista, mais uma vez é o escoamento da produção e os prejuízos para os comerciantes e ao setor industrial com a falta de estradas de rodagem e sobre isso, fica evidente que o comércio é que monopolizava os interesses da cidade, representando seus anseios. Porém, dessa vez, o texto traz ainda um outro lado da falta que fazia uma estrada ao cidadão: não necessariamente do comerciante, a exemplo do trecho: “que digam os conductores de vehiculos rodo-viarios, cuja capacidade de trabalho, de esforço e de sacrificio, foi posta á prova no inverno passado”. A preocupação do cronista com o motorista comum rompe com um padrão do autores importarem-se somente com os mais abastados.

O planejamento de uma rodovia que cruzasse a cidade, parece ter surgido de um preâmbulo que imaginava essa obra. Um esquema que aparenta ter funcionado da seguinte

maneira: o cronista estava inserido na atmosfera do imaginário local, a partir dela imaginava como seria uma cidade desenvolvida e, de uma forma sutil, influenciava nesse planejamento até que se efetivasse execução. Como na crônica em análise, o autor enumerava os desafios para que o plano de uma autoestrada se realizasse, sem saber que de fato, a BR116 cruzaria, em algum momento a cidade:

É certo que a acidentada topographia do municipio diffulta sobre modo a construcção de boas estradas, mas, igualmente não é certo que, por seu proprio interesse, a municipalidade deve facilitar quanto possivel a exportação dos productos agricolas e industriaes dos divessos nucleos districtaes, onde existem importantes serrarias, cantinas, fabricas, etc. Estas fontes de riqueza e de renda publicas soffrerão longo colapso, si não forem em tempo melhoradas as estradas. (RUHLQIEU, 1929, p. 1)

De acordo com Machado (2001), a estrada de ferro já não comportava mais as demandas de escoamento da produção local, assim como vimos na crônica que tratava do assunto. Então, o governo federal projetou, juntamente aos setores responsáveis, uma “rodovia que ligaria o país de sul a norte, obedecendo a um plano estratégico” (MACHADO, 2001, p. 306). Esse plano compreendia uma estratégia de defesa de território, em caso de alguma emergência, como por exemplo uma guerra. Segundo a pesquisadora, quando as obras aproximaram-se da Serra, os desafios começaram a aparecer, pela configuração do terreno, como já havia notado o cronista. No mesmo ano de publicação desta crônica, em 1929, houve uma reunião da Associação dos Comerciantes, onde o setor reivindicou uma estrada alternativa, que ligaria Caxias do Sul ao Porto de Torres, podendo servir também de escoadouro, além do trem, conforme relata Machado (2001).

Ainda de acordo com a autora, a estrada só foi entregue ao tráfego em 1941 e denominada Rodovia Getúlio Vargas. Nessa mesma década, a cidade recebeu muitos investimentos e sua infraestrutura ganhou corpo, como exemplos a inauguração dos seguintes empreendimentos: o aeroporto municipal, o primeiro hospital, algumas escolas municipais e estaduais, a Biblioteca Pública Municipal, a nova represa municipal e a primeira emissora de rádio. Para Machado (2001), apesar da injeção de incentivos na região e conquistas da cidade, o povo sofria com as medidas de repressão do Estado Novo, que atingiram “duramente a população de descendência italiana, com a proibição de falar em público idioma italiano” (MACHADO, 2001, p. 313).

Um ponto culminante para que a pesquisa compreendesse esses primeiros 30 anos do século XX está ligada diretamente com o governo de Getúlio Vargas, pois, justamente quando ele assumiu o poder, muitos jornais acabaram censurados e até fechados. A partir do Estado Novo, como já foi explicitado anteriormente, nos capítulos 1 e 3, muitas opiniões sofreram

retaliação por parte do órgão que controlava as mídias e por isso, grande parte dos jornais que existiam em Caxias do Sul acabaram encerrando suas atividades, principalmente os partidários.

As crônicas que antecederam o ano de 1930 representam um leque de possíveis olhares sobre a realidade, integrando e alinhando as ideias do setor econômico, que se consolidaram com o governo Vargas. Para finalizar, o autor da crônica reafirma o apelo por investimentos nas estradas: “é o que pede e espera da boa vontade do governo municipal e povo, que tão eefficientemente contribue para o progresso de Caxias. (RULHQIEU, 1929, p. 1”. O trecho mostra o povo, como principal interessado na construção de novas estradas, mas, conforme os dados historiográficos apresentados, esse povo era um grupo restrito de comerciantes.

Outra característica que emerge dessa crônica é que, por ser publicada com um pseudônimo, não foi possível constatar informações sobre o tipo de opinião expressada. Porém, infere-se que o texto tenha sido produzido por um comerciante ou um industrial, que conhecia muito bem a situação das estradas locais e os prejuízos do setor, pois, além de suas ideias estarem em sintonia com as do empresariado, como já observamos no capítulo 3, é comum que figuras representativas do setor econômico de Caxias do Sul, publiquem em jornais locais, sendo assim essa crônica a sustentação do modelo de imaginário local: pautado no lucro.

4.3 A PRAÇA

A praça central de Caxias do Sul aparece já nas primeiras plantas da cidade, projetada exatamente no mesmo lugar onde encontra-se atualmente. De acordo com as pesquisas de Maria Abel Machado (2001), o local passou por inúmeras escavações até chegar nivelamento necessário e porque, no mesmo terreno existiam muitas vertentes de água. Segundo a autora, antes do ano de 1882, ano em que o solo urbano foi regulamentado, muitas famílias viviam no espaço destinado à praça, as pessoas aproveitavam os córregos e a vegetação, instalando-se em um espaço supostamente destinado ao uso público.

As primeiras obras de embelezamento da praça aconteceram por volta de 1912, como afirma Machado (2001). Além do nivelamento, o espaço foi organizado por canteiros e plátanos, foram instalados bancos e “foi toda cercada por muros e balaústres que acompanhavam a inclinação do terreno”. A pesquisadora apresenta uma visão panorâmica do que era a praça neste ano:

O acesso era feito pela Rua Júlio de Castilhos, através de uma escada, porque ainda havia um acentuado desnível, mais dois portões nas laterais e outro defronte à igreja matriz. Os passeios em volta eram calçados e as ruas cascalhadas. No seu interior havia um coreto onde aconteciam as apresentações das bandas e os discursos dos políticos e das autoridades em dias de festa ou de concentração de público. Os

sanitários para ambos os sexos, construídos no subterrâneo, foram muito aplaudidos e bem recebidos pelo público que frequentava o local. (MACHADO, 2001, p. 288)

A praça é um espaço de convivência e, em função disso, também político. Em suma, uma praça, quando observada como símbolo da urbanidade, (e portanto uma peça fundamental da cidade) representa um espaço, antes de tudo, de relações. Neste lugar está posto um ambiente de diálogo e de coexistência dos habitantes da urbe. De acordo com a pesquisadora Natalia Borges Polesso (2017), as praças surgem de necessidades políticas:

A ideia de praça surge na ágora grega, à qual as necessidades da cidade-estado estavam conectadas. Era na ágora que se tomavam as decisões públicas e que o comércio de mercado acontecia. Modernamente, as praças foram aparecendo ao redor das igrejas e nas proximidades dos palácios. Além das atribuições gregas, soma-se à praça moderna a contemplação, o lazer cultural e físico e, mais tarde, um elemento de urbanismo. No Brasil, a praça surge no período colonial, também diante de igrejas e capelas e apenas mais tarde vai ter ajardinamentos, adicionando o elemento da contemplação e do urbanismo tardiamente na sua função (POLESSO, 2014, p. 183)

Com a afirmação, abre-se caminho para pensar na praça como espaço originalmente político, mas que, com os ajustes estéticos da modernidade, passa a ser muito mais um elemento de contemplação, mesmo processo que aconteceu em Caxias do Sul. Como afirma Polesso, em pesquisa ainda referente às cidades, (2014, p. 29), “a unidade que caracteriza a urbanidade, e não apenas a cidade, está nas relações intersubjetivas e suas práticas, no modo de vida do espaço urbano”, por isso, entende-se que a praça é representativa no que tange a presente pesquisa, comportando subjetividades, recebendo práticas diversas e acolhendo diferentes modos de vida, como veremos nas crônicas a seguir:

(ANEXO J) - “Caxias”, publicada em 30 de novembro de 1912, no jornal *O Brazil*.

A crônica intitulada “Caxias” é representativa para este eixo de análise pois, além de citar a praça central, também menciona lugares representativos da modernidade tardia de Caxias do Sul. O presente texto apoia-se na imagem da cidade moderna para representar o que o cronista chama de “progresso” local:

A cidade de Caxias vae entrando numa phase de franca prosperidade. O desenvolvimento que vae se operando entre nós é notável e digno de encomios. Si todos os forasteiros que visitaram Caxias no anno passado aqui voltassem, haviam de notar a admiravel metamorphose por que esta passando a Perola das Colonias. As construções modernas sucedem-se todos os dias , havendo extraordinária falta de operários. Na rua Julio de Castilhos estão em construcção 9 bellos prédios de material, todos obedecendo á estethica moderna e que darão à nossa principal arteria uma nota *chic*. (O BRAZIL, 1912, p. 1)

Para o autor, ou autora, o fato de haver nove prédios em construção no centro da cidade é algo representativo da modernidade. De fato, o aumento das edificações em uma cidade pode representar um dos efeitos que a modernidade exerce sobre as cidades, de forma que o desenvolvimento urbano anteriormente explicitado no capítulo 2.1, sobre o Panorama da Modernidade, faz com que se reflita sobre o que significa o termo nesse contexto da modernidade tardia, como é o caso da América Latina, e dadas as proporções, também em Caxias do Sul. Infere-se que o desenvolvimento, também metaforizado com a palavra metamorfose, nessa crônica, representa a urbanização da localidade.

Quando a crônica faz referência a uma estética moderna, entende-se que o imaginário da época apontava para uma noção estética europeia, tanto que, se observarmos as construções datadas do início do século XX, em um passeio pelas ruas centrais de Caxias do Sul, provavelmente nos depararemos com uma arquitetura inspirada na *art déco*. O cronista também reforça a ideia de europeização de Caxias do Sul quando utiliza o termo *chic* para descrever a aparência a rua principal.

A praça aparece como destaque da crônica, pois o autor compara a imagem anterior, de quando o local ainda não havia recebido investimentos e de como encontrava-se em 1912, após a primeira obra de revitalização:

A praça Dante, outrora pedregosa e cheia de encharcos, apresenta-se-nos agora transformada num jardim ameno, artisticamente arborizada, nivelada e limpa, destinada a ser um centro de atracção das famílias caxienses. Este importante melhoramento foi um dos primeiros cuidados da digna administração actual, tendo-o executado sem grandes dispêndios para com os cofres do município. (O BRAZIL, 1912, p. 1)

Esta revitalização da praça Dante Alighieri não seria ainda definitiva e, apesar do jornal *O Brazil* trazer a informação como algo positivo para a população e pouco dispendioso aos cofres públicos, posteriormente, outro cronista critica o tão debatido nivelamento do local. Em 1929, no jornal *O popular*, o autor reconsiderou um dos projetos apresentados durante a primeira administração do Coronel Pena de Moraes (1912-1914), restabelecendo diálogo com o passado, a crônica que será analisada mais adiante, atenta justamente para os gastos excessivos com as obras de nivelamento.

O texto em análise segue com exemplos da modernidade, para os caxienses:

Outro importante melhoramento, cuja necessidade impunha-se todos os dias - é o calçamento da Rua Julio de Castilhos, que na epocha chuvosa torna difficil o transito, devido ao muito pantano que produz a natureza do nosso solo. Este mehoramento graças a atividade da digna administração, tambem vae sendo realizado, estando muito adeantados os trabalhos. (O BRAZIL, 1912, p. 1)

O trecho evidencia a situação das ruas em Caxias do Sul e conecta-se portanto, com os principais problemas levantados pelos cronistas de Caxias do Sul, nos primeiros anos do século XX. Nesse quadro, o autor somente exaltava os feitos do Coronel, principalmente pelo posicionamento político do jornal, fato que confirma um dos questionamentos levantados anteriormente, em uma pré-pesquisa, acerca da influência dessas linhas editoriais sobre as crônicas. Com este tipo de comentário, fica nítido o caráter partidário e de uma coesão com o restante do conteúdo do periódico, algo que era comum entre os jornais analisados e historicamente, quando pensamos sobre a lógica desses meios de comunicação, ou seja, os jornais assumiram opiniões políticas, procurando assim comentaristas e/ou cronistas que fossem alinhados com suas premissas. Essa constatação é reforçada ainda mais pelas palavras que seguem:

É justo em torna desta administração efficaz que o illustre major Pena de Moraes vae atrahindo ainda mais a sympathia e estima do povo de todo município, que o acata como verdadeiro chefe e lhe presta toda a obediência. Haja prova a eleição presidencial. [...]Este brillante resultado põe em destaque o alto prestígio do digno administrador. É que o eleitorado de Caxias é dos que pensam “a melhor política é que melhor governa”. (O BRAZIL, 1912, p. 1)

Nota-se, na crônica, a presença forte do partidarismo e, sendo assim, o apoio ao governo de Pena de Moraes. A insistência no uso de termos como “digno”, demonstram a conformidade entre administração e comunidade, mas, sempre lembrando que, se existiram os apoiadores, deve ter existido a oposição, porém, no ano de publicação desta crônica elogiosa, também ano do primeiro mandato de Moraes (1912), em Caxias do Sul, circulavam apenas três títulos de periódicos, sendo eles: *O Brazil*, que era órgão republicano; o *Cidade de Caxias*, que também era da linha republicana; e o *Correio do Município* que, apesar de não declarar-se republicano, também o era, segundo Giron e Pozenato (2004). Não podemos deixar de ressaltar o fato de que, nesse mesmo período, a população brasileira sofria com os altos níveis de analfabetismo e sendo assim, um público muito restrito podia ler os jornais e, se o faziam, eram obrigados a ler notícias de apenas uma linha ideológica: o republicanismo.

Mais adiante, a crônica traz a seguinte colocação: “a actividade desenvolvida pelo major Pena de Moraes despertou entusiasmo e sympathia sem distincção de classe” (O BRAZIL, 1912, p. 1).. Essa afirmativa aguça-nos a curiosidade a partir do momento em que: 1) todos os jornais correntes da época eram órgãos apoiadores do mesmo partido (PRR), e 2) que os consumidores do jornal tinham acesso pleno a este material, uma vez que representavam a ínfima parcela de brasileiros alfabetizados e que podiam comprar um exemplar. O texto ainda reforça o questionamento a respeito do acesso aos periódicos, quando afirma que, Pena de

Moraes, “fazendo da pasta administrativa uma profissão em cuja banca, todos os clientes, ricos e pobres, são ouvidos com o maior interesse e imparcialidade” (O BRAZIL, 1912, p. 1). Se contemplarmos somente a visão explicitada na crônicas, certamente entenderemos os investimentos na modernização da cidade da mesma forma com que o cronista representa-a, porém, se pensarmos na quantidade de escravos, por exemplo, que estavam desassistidos pelo poder público no Brasil nessa mesma época, podemos facilmente concluir que o texto é tendencioso e limitado em seu imaginário elitista, pois não contempla a todos os públicos.

O cronista aponta que “por isso, uma nova vida se evidencia entre nós onde todos labutam com um só ideal; com o mesmo programma; com a mesma intuição”. Neste fragmento, surpreende-nos o emprego do termo “intuição” na generalização produzida no texto, incluindo uma característica subjetiva e abstrata em um rol de aspectos pertencentes a uma posição política. O autor esquece que, nesse caso, a intuição pode conversar com o âmbito político, mas ela está muito mais ligada à liberdade de pensamento do sujeito, que pode ou não fazer uso deste recurso para escolher seu partido. Com esta fala, o autor pretende anular, de certo modo, a subjetividade do seu leitor, concluindo que “a metamorphose pela qual vae passando Caxias é a resultante de uma administração recta e laboriosa”. Sobre a metamorfose é particularmente interessante como a crônica compara o desenvolvimento, ou então, a modernização do espaço urbano (que para o autor é sinônimo de modernidade) com um termo proveniente da biologia, esquecendo que o processo envolve mudanças de forma, estrutura, mas também de hábitos, ao tratar-se de animais. Sobre as práticas consideradas modernas, Pesavento (1995) traz uma visão mais ampla a respeito da contradição que o termo suscita:

Sem dúvida, estas vivências eram testadas frente ao consumo de padrões de referência já estabelecida: as largas avenidas, os viadutos ou o saneamento urbano, com a ‘varrida dos pobres’ do centro da cidade, eram práticas sociais ligadas ao conceito de cidade moderna e da civilização. Exigências morais, higiênicas e estéticas imperiosas se impunham diante da necessidade de ‘ser’ e ‘parecer’ moderno. (PESAVENTO, 1995, p. 285)

Na cidade imaginada pelo cronista, há uma atenção voltada para a transformação do espaço urbano em si, mas, não necessariamente das práticas. Entendemos que o texto suprime o fato de que com o desenvolvimento da materialidade citadina, ocorre em concomitância a uma transmutação de hábitos, assim como estudamos no capítulo sobre as cidades.

(ANEXO K) - “Chroniquêta”, publicada em 27 de dezembro de 1914, no jornal A encrenca.

O jornal *A encrenca* foi um dos poucos periódicos humorísticos publicados na cidade de Caxias do Sul. Na primeira página já mostrava a que veio e declarava-se “crítico, humorístico e noticioso”, dizia-se “órgão das zonas”, fazendo uma sátira às outras folhas que costumavam expor sua posição política no espaço reservado para esses dizeres. O jornal não apresentava periodicidade regular e, todos os textos, dispostos em um total de 4 páginas, eram assinados por pseudônimos.

O jornal circulou entre 1914 e 1915, segundo Giron e Pozenato (2004). As pesquisadoras também afirmam que “os jornais humorísticos não constituíam elementos isolados na cena política da época, mas representavam novos espaços em que com bom humor e suavidade, eram reeditados os confrontos entre os grupos antagônicos” (GIRON; POZENATO, 2004. p. 55). Como veremos, o bom humor é sim um elemento presente, porém, a suavidade é relativa, se pensarmos no elevado nível de ironia.

Nesta crônica que trata da Praça Dante Alighieri, é claro o tom irônico com que o autor relata a instalação de portões para proteger um local público, apesar de sabermos que, de fato, a praça era gradeada nessa época:

Finalmente a nossa municipalidade, já mandou instalar uns portões na Praça Dante, a bem de franqueal-a ao publico. Està pois, a nossa população de parabéns, especialmente as nossas gentis leitoras, de quem fomos gostosamente advogados, pelas columnas do nosso modesto periodico, o qual està sempre inteiramente, ao dispor do bello sexo. (SIN-DI-K, 1914, p. 1)

Do trecho saltam duas representações passíveis de crítica: a primeira é sobre uma praça que possui portões e a segunda é o grau de ironia presente na descrição do pedido que, supostamente, foi feito por mulheres, representadas no texto como o “bello sexo”. Com isso, a crônica deixa uma lacuna para imaginarmos os motivos pelos quais uma praça necessitaria de isolamento, uma vez que é um passeio público e, mais que isso, as razões pelas quais justamente as leitoras é que solicitaram tal medida, parece que, nesse sentido, a solicitação esdrúxula partiria de uma mente feminina, já que na época, ainda estava vigente a ideia de que mulheres não eram capazes de construir um pensamento crítico, muito menos a respeito da funcionalidade de um espaço público, na visão machista.

O discurso do cronista pressupõe um tipo também imaginário de organização, com vistas a proporcionar segurança pública, dificultando a utilização dos espaços públicos, como por exemplo a estreiteza das calçadas na zona central, ou então, a proibição de mesas de bares nas vias públicas, mesmo em horário não comercial. O autor segue na mesma linha de raciocínio, construindo uma narrativa que se afasta da materialidade na medida em que ignora fatores essenciais da cidade, como por exemplo o livre acesso e utilização dos locais públicos,

entrando em contato com o imaginário urbano e conservador de Caxias do Sul, a exemplo do seguinte trecho: “Sim, porque a dificuldade não está somente na organização de um jardim para recreio publico, e sim na conservação do mesmo. Esperamos que os seus frequentadores, saibam conserval-o não arrancando as flôres nem pisando sobre a grama” (SIN-DI-K, 1914, p. 1).

Diferentemente da função imaginada para uma praça, ou para as funções que as praças normalmente têm, o cronista dispõe o local como um jardim, servindo como espaço de conservação. Dessa forma, transparece o imaginário também conservador, no sentido de que acreditamos que a função de uma praça não se limita à sua preservação, mas ao seu amplo uso. Sobre isso, Polesso (2017, p. 190) acredita que “as praças têm sua função e seu aspecto bastante modificados ao longo do tempo. A despeito disso, elas são elementos da paisagem urbana que atravessam os tempos, se mantendo como espaços públicos importantes no cotidiano das pessoas.”, ou seja, que a praça é elemento do imaginário, juntamente de todas as suas formas de utilização, mesmo que muitas delas permaneçam apenas no plano simbólico, como acontece na representação em análise. A autora ainda completa o ideal de utilização desses locais, sustentando que “o cotidiano acontece também nas praças” (POLESSO, 2017, p. 190) e, com isso, é possível inferir que a praça é, para além de uma paisagem, um lugar de memória.

Em um novo momento do texto, o autor fala sobre o comportamento de quem frequenta a praça:

Quanto a criançada, permita-nos que tenha a franqueza de dizer: que a de Caxias, è impossivel, possui o instinto bem caracterisado da destruição. Portanto urge que, a municipalidade a cuide e ensinando-a ser respeitadora, isso se quizer possuir o jardim da Praça Dante. (SIN-DI-K, 1914, p. 1)

Se pensarmos sobre a simbologia da praça, podemos recorrer aos estudos de Gilbert Durand (1997), que apresenta as estruturas antropológicas do imaginário. Em suas considerações a respeito da simbologia da forma quadrada, assim como é o plano da praça central da cidade, o autor explica que o quadrado representa a ênfase em defender a integridade interior do espaço, ou seja, aproxima-se da ideia do cronista, que deseja conservar o que está dentro da praça. Durand (1997) ainda aponta para o pensamento de Bachelard, que acredita em uma ideia de oposição entre o quadrado, sendo um refúgio construído, enquanto que o círculo representa o refúgio natural, assemelhando-se ao ventre materno. Essas considerações ajudam-nos a refletir sobre o imaginário envolvido na representação da Praça Dante Alighieri, de modo que podemos entender por que ela tornou-se um dos locais menos citados em crônicas caxienses, ao mesmo tempo que é um lugar político e representativo da urbanidade moderna.

Além disso, no texto fica clara a preocupação do autor no que se refere a quem convive no local, como foi exposto no trecho anterior, mas, é no último parágrafo que surge a vontade do cronista de selecionar o público da praça: “esperamos que a praça no verão esteja aberta até as 10 horas da noite e no inverno até as 9 devidamente policiada, e depois feixada, a bem de evitar a prática de certos actos e abusos, que redundaria na desmoralização de tão útil e proveitoso local” (SIN-DI-K, 1914, p. 1). Dessa passagem podemos inferir que, pela veia cômica do jornal, os comentários são uma sátira ao comportamento do caxiense, que espera que uma praça, que é um local de livre acesso, receba um público seletivo.

(ANEXO L)- “Modos de ver: a praça Dante”, de Rulhqieu, publicada no jornal *O popular*, em 1929.

Na crônica que se segue podemos perceber o grau de importância da praça central para a cidade de Caxias do Sul. Além das representações via imagens, esta crônica ocupa metade da folha do jornal *O popular*, ganhando destaque entre as notícias do dia. O autor traz no texto a visão preocupada de como ficará a praça ao final do período de melhoramentos e as principais questões levantadas pelos cidadãos: “ouvimos que o projecto em começo de execução é lindo e, uma vez levado a termo, Caxias terá uma das mais bellas praças do Estado... Mas, quando poderá o povo de Caxias orgulhar-se desse bello ornamento? Aqui está uma incognita difficil de desvendar...” (RULHQIEU, 1929, p. 2).

De acordo com Machado (2001), em 1927, o então prefeito da cidade Celeste Gobatto deu início às obras de remodelação da praça, pois, ele sabia que logo os automóveis chegariam em Caxias e ocupariam o espaço dos cavalos na área central. Para essa administração, a praça servia como marco inicial das obras de modernização da estrutura cidadina, nas quais “o centro deveria continuar sendo o local de eventos culturais e políticos, o ponto de encontros e de investimentos, daí porque carecia de um bom projeto de urbanização” (MACHADO, 2001, p. 289). Nessa época, segundo Machado (2001), os portões da praça foram finalmente retirados e o projeto da administração pretendia integrar a praça à paisagem urbana, juntamente às calçadas e ruas da cidade, e dos locais de convivência que a circundavam, como o Theatro Central, o Clube Juvenil, o Banco Nacional do Comércio...

Sabendo da importância política e cultural da praça Dante para Caxias do Sul, o baixo número de crônicas que a representam é sintomático e contribui para um movimento que visou tornar o local meramente ornamental, justamente como o cronista classifica-o. Há, na crônica, uma preocupação extrema com a estética da praça, diminuindo ou anulando as outras funcionalidades:

Com que saudades nos lembramos dos bellos platanos e sinamomos; da amenidade das suas sombras, ás tardes dominueiras, quando uma banda de musica impregnava o ambiente de sons maviosos em doce harmonia com o chilrear alacre das bellas caxienses. Era um gosto... As mesinhas postas em volta do pavilhão central, ocupadas por cavalheiros, senhoras e senhoritas, em encantadora sociabilidade. E os veranistas? Ah como eles lamentam a ausencia dos platanos e sinamomos. (RUHLQIEU, 1929, p. 2)

No trecho, novamente revela-se um aspecto do imaginário caxiense sobre as mulheres da cidade, pois autor relaciona o sorriso, ou então as conversas delas, com o canto de pássaros, não deixando claro se faz isso em função do volume, ou porque mesmo associa a voz de mulher com o “chilrear alacre”, usando uma linguagem figurada para respresentar suas impressões sobre esses sons. Para o cronista, mais importante do que qualquer habitante de Caxias do Sul, é a percepção do veranista, que sente falta de ter uma praça arborizada para seus passeios, o que evidencia, novamente o olhar de supervalorização ao turista, e somente a ele, uma vez que era uma das engrenagens econômicas de Caxias do Sul na época.

O aspecto religioso também vem à tona na crônica em análise, como é o exemplo do excerto a seguir:

O que porém nos têm intrigado deveras é a situação da em que ficará a igreja! Como será o acesso a casa de Deus? O prolongamento da escadaria existente, até o nível em que deverá ficar a praça, atravessará a Rua Sinimbú em quasi toda a largura, tirando-lhe a esthetica seccionando-a o accesso, exigirá um verdadeiro sacrificio dos fies, principalmente as matronas e anciões. Escadas lateraes não poderão dar fácil vazão á habitual e grande afluencia de povo nos dias de festa e mesmo das missas de domingo. (RUHLQIEU, 1929, p. 2)

As questões envolvendo a religião católica em Caxias do Sul, como já observamos anteriormente, serviram de mola para impulsionar o poder público da cidade a efetuar melhoramentos, sobretudo na área que circunda a praça Dante. Outra questão que se repete na crônica é a preocupação com a aparência e funcionalidade da área central de Caxias, revelando uma característica presente até hoje nos imaginário da cidade, como por exemplo um comércio concentrado nessa região, entre outros investimentos que também são centralizados, como é o caso dos containers de lixo espalhados nos bairros centrais e não são encontrados em comunidades mais afastadas do cinturão demarcado atualmente pelas perimetrais, que, servem também como uma divisão imaginária entre os bairros considerados nobres e o que podemos reconhecer como periferia.

Nota-se no texto, o quanto a praça Dante foi cenário do desenvolvimento comercial, turístico, mas acima de tudo social da cidade e, talvez por isso, cada novo planejamento para o local, causava movimentação no imaginário dos cronistas, que, de uma forma ou de outra,

impactaria o público leitor do jornal. O autor representava a praça como uma obra tão importante para o desenvolvimento de Caxias do Sul, que dedicou-se a ao detalhamento do que acreditava que deveria ter sido feito:

Razão teria tido o conselheiro que na administração do coronel Pena de Moraes por ocasião do nivelamento da estreita faixa denominada - largo do centenário - aconselhou (ou sugeriu) a divisão da praça em dois planos: um ao nível da rua Júlio de Caxias, outro ao da Sinimbú. O primeiro caprichosamente ajardinado, monumento da liberdade ao centro, seria um digno largo da independência. O segundo, conservando o chalet, os platanos e sinamomos continuaria a ser o ponto preferido para os *rendez-vous* das tardes estivaes. (RUHLQIEU, 1929, p. 3)

Na passagem, Rulhqueu comenta sobre o projeto de um conselheiro da antiga administração, no qual a praça deveria ter continuado dividida por dois níveis. Novamente ele sonha com um jardim, que envolveria o Monumento da Liberdade³⁴ (instalado na cidade por ocasião do centenário da Independência do Brasil), servindo como uma forma de proteção e destaque para esse símbolo. O *chalet* a que se refere era uma construção em alvenaria e, em seu interior, existia um bar, um restaurante e salão de jogos, comprovando que, no início do século XX, a praça exercia uma função de socialização, de reunir os moradores da cidade (ou uma parcela deles), de acordo com a matéria do jornalista Rodrigo Lopes, publicada no Jornal Pioneiro, no dia 06 de setembro de 2016. O autor comenta sobre os *rendez-vous*, que em uma tradução para o português, é algo próximo de ‘local de encontro’, confirmando o caráter espaço de sociabilidade da praça Dante.

Ainda segundo o cronista, este projeto em que a praça teria dois níveis não foi mantido em função da “absoluta falta de recursos” (RUHLQIEU, 1929, p. 3), conforme uma fala do Coronel Pena de Moraes, o então administrador de Caxias do Sul. Ao final do texto, depois de aguçar a imaginação do leitor, expondo o planejamento que não se efetivou, o autor ainda enumera os benefícios que a cidade receberia com este modelo:

O projecto em execução será, sem dúvida, mais sumptuoso, mas a simplicidade aceitável d’aquelle teria certas compensações: 1) notavel economia; 2) a igreja nada soffreria; 3) não ficaríamos privados, por tempo indefinido, das aprasiveis sombras dos bellos platanos e sinamomos. (RULHQIEU, 1929, p. 3)

É importante ressaltar que, de forma geral, o imaginário dos cronistas mostra-se limitado a uma classe social e a uma determinada região da cidade. Relativo a praça esse sintoma repete-

³⁴ Inaugurado em 1922, o Monumento da Liberdade representa o centenário da Independência do Brasil. “Faz ângulo com os dois primeiros monumentos erigidos em Caxias, em 1914: os bustos de Dante Alighieri (à esquerda) e Júlio de Castilhos (à direita), olhando-se a partir da Avenida Júlio - segundo historiadores, a disposição dos três monumentos na Dante dialoga com a simbologia maçônica (o triângulo)” (LOPES, 2016, s/p).

se e é reforçado com as exemplificações sobre os maiores problemas desse espaço. Atribuímos, portanto, essas representações excludentes ao fato de, muitas vezes, os cronistas também fazerem parte desses nichos da sociedade, preocupados em demasia com a imagem da praça, e somente ela, suprimindo o imaginário que comporta um espaço público.

4.4 O CINEMA

A história do cinema em Caxias do Sul, surge entre os séculos XIX e XX. O primeiro cinema da cidade foi o Teatro Velho, que funcionou em um prédio de madeira, com camarotes e balcões, de acordo com pesquisas de Loraine Giron e Kenia Pozenato (2007). Para as autoras, Caxias do Sul recebeu influências do processo de modernização e modernidade pelos quais o mundo passava na virada de século:

Cinema é indústria, cinema é comércio, é também comunicação e ainda espaço social de comunicabilidade. Desde os primeiros anos do século XX o cinema ocupou um espaço privilegiado na sociedade formada pelos imigrantes. Nos cinemas, eles podiam rever a sua terra, conhecer e reconhecer outras. Desta forma, as imagens encurtavam as distâncias e colaboravam para que se mantivessem informados. Os cinemas resultaram em imagens, fotografias de uma realidade já morta de um modo de ser e viver destruídos pelas mudanças do tempo. É através dessas fotografias que aparece a imagem latente, a imagem aparente e a imagem escondida da sociedade. (GIRON; POZENATO, 2007, p. 10)

As autoras dimensionam a importância do cinema na cidade, reconhecendo as salas de exibição como espaços sociais de comunicabilidade e isso se dá em dois níveis: dentro e fora das projeções. Os filmes atuavam no sentido de informar, entreter e sustentar as memórias dos imigrantes europeus. De acordo com as pesquisadoras, o cinema tinha a função cultural e histórica de trazer à luz as imagens reprimidas na e da sociedade, bem como evidenciar as imagens já aparentes, por isso, funcionando como uma via de mão dupla, de dentro para fora e de fora para dentro das telas, constituindo um sistema comunicacional.

Giron e Pozenato (2007) contam-nos que, nos primórdios do cinema caxiense, os projetores eram transportados pela cidade por mulas e eram levados até espaços que pudessem comportar um grande público. O local mais apropriado para tal, era o Teatro Velho que, apesar de não ter recebido atenção dos cronistas do século XIX, representou um dos primeiros lugares de sociabilidade de Caxias do Sul, uma vez que reunia público e artistas locais para a exibição das películas: “músicos locais eram contratados para animar a apresentação de filmes mudos e a população acorria em peso às apresentações. Eram dias de festa e animação para a pequena Vila” (GIRON; POZENATO, 2007, p. 16).

(ANEXO M) - “Chroniquêta”, de SIN-DI-K, publicada em 1914, no jornal *A encrenca*,

A crônica publicada em 1914, no jornal *A encrenca* é uma crítica ao comportamento do caxiense ao frequentar o cinema da cidade. Neste ano, em Caxias do Sul, funcionava o Cinema Juvenil, de acordo com informações de Giron e Pozenato (2007), que ficava localizado no centro. Vejamos a primeira representação do cinema, em crônica:

A arte cinematographica, veio de facto prestar um serviço ao publico, o recreando e instruindo, tornando-se util passatempo. Atravez da tela dos cinemas vamos conhecendo de *visu* o que nos é desconhecido. Assim sendo, tornou-se o cinema, uma verdadeira Escola Pratica. Pois bem, sendo como dissemos uma escola, porque, uma parte do nosso publico, não tem a noção da civilidade, de se portar decentemente, quando frequenta os cinemas. (SIN-DI-K, 1914, p.2)

O que nos interessa, neste eixo de análise, é entender o que o cinema representou para a população caxiense, em um momento que a cidade estava ainda em pleno desenvolvimento urbano e social. Sobre a crônica em tela, não podemos ignorar a linha editorial do jornal *A encrenca*, que era humorístico, porém, entende-se que, à revelia do que a editoria pretendeu, é possível delinear imaginariamente como era o comportamento do público ao conhecer uma sala de exibição: estava eufórico.

O que se esperava do público era uma espécie de nível de instrução, no sentido de comportamento adequado ao local, mas isso não aconteceu. As relações que o cinema propiciou, representam um lugar de sociabilidade, pois, muitas delas iniciaram-se no espaço de uma sala. Para Giron e Pozenato (2007, p. 19), “a importância do cinema não se limitou à apresentação de espetáculos e à influência no gosto da população, influenciou também a vida social da população”, as autoras lembram do mais novo sistema de namoro que surgia em Caxias do Sul, “em que os namorados faziam um passeio prolongado até o bairro São Pelegrino e depois ia ao cinema, assistir ao filme”. As autoras consideram este um episódio importante, pois quebrou uma tradição de namoros nas casas de família, ou então nas festas religiosas, algo que tornava os casais independentes de aprovações dos familiares ou da comunidade religiosa. Isso também confirma-se na crônica:

É triste, é vergonhoso, assistir-mos seguidamente, o modo porque se porta *certa gente*, na ocasião da projecção das *films*. Si è um drama amoroso, em que o artista tenha que beijar uma mulher, ouve-se de parte dos mal educados dos assistentes, um côro de beijos; si a cena é de prisão ou morte de um bandido, ressoa uma pateada ensurdecadora; si é um artista que faz um papel *sympathico*, que obtem uma *vicctoria*, ecoam palmas. (SIN-DI-K, 1914, p. 2)

Para o público, como podemos observar nessa representação, o espaço do cinema gerava relações e reações. Da forma como o autor descreve as respostas do público, podemos perceber o quanto o cinema impulsionou os imaginários, tanto que os frequentadores das salas chegavam, ou a imitar o que se passava nas telas, quanto reagiam aos acontecidos dos filmes.

Em seguida, surge uma imagem curiosa, na qual o cronista compara o cinema caxiense ao portoalegrense:

Ora tal procedimento alem de vergonhosa é um imorallidade, que deprime muito os fôros de habitantes de uma cidade civilisada. O forasteiro que assiste a tal espetáculo, forma em mau juizo a nosso respeito. Perguntamos si em P. Alegre, ou qualquer outra cidade alguem, assistio por parte do publico dos cinemas, procedimentos identicos? (SIN-DI-K, 1914, p. 2)

Pelo trecho, infere-se que a crônica utiliza do recurso irônico para criticar os periódicos caxienses. Como vimos anteriormente, os jornais da época estavam preocupados com a imagem da cidade, perante os olhos do viajante, portanto, essa ideia de “cidade civilizada” muito se sustenta em relação a visão do outro, no caso, o não-caxiense. Essa ironia confirma-se quando o texto remete a uma outra cidade que tem proporção, tanto populacional, quanto uma modernização mais acelerada do que Caxias do Sul. De acordo com as pesquisas de Fábio Augusto Steyer (1999), sobre os cinemas da capital, na mesma época de publicação desta crônica Porto Alegre contava com, pelo menos, seis salas de cinema, entre elas estão: os inaugurados em 1910 (o Odeon, o Royal e o Colyseu), e os inaugurados em 1912 (Força e Luz, Nollet e o Avenida).

O texto segue a linha irônica, questionando o comportamento do caxiense e condenando-o pelo exagero das reações ao acompanhar os filmes em exibição e servindo, de certo modo, como um meio didático, ensinando como portar-se em uma sala de cinema, conforme o aceitável pela elite caxiense: “si o cinema é uma escola, devemos nos portar com discripção e como gente de boa educação. É o que pedimos em nome da moral e dos bons costumes, tendo a certeza que não pregamos no deserto” (SIN-DI-K, 1914, p. 2). Com o trecho, compreendemos que o autor, ou faz parte do público seletor que podia frequentar o cinema e portanto denunciava o que se passava lá dentro, ou então, que a crônica ironiza diretamente os que se sentem incomodados pelas atitudes de quem supostamente não tem educação. Outro dado relevante, conforme Giron e Pozenato (2007), é que alguns jornais da época, traziam a ideia de que o cinema estaria “prejudicando a zona”, sendo uma clara menção à zona de prostituição de Caxias do Sul, existente desde os primórdios da cidade.

Nos primeiros anos de imigração, como já explicitamos, os jornais, principalmente os ligados ao catolicismo, serviram de meio para difundir ideais religiosos. Entre esses, segundo os estudos de Aline Karen Matté (2008), os jornais dedicaram-se a criticar o cinema, pois traziam em suas páginas, a visão de que os filmes eram imorais, por incentivar atitudes como as descritas pelo cronista. A pesquisadora ainda expõe a trindade maléfica, a que a mídia local criticava insistentemente:

No levantamento feito em jornais ficou clara a identificação de três tipos de lazer muito criticados, mas também bastante praticados. Os três, na maioria das vezes, decorrem juntos e são definidos como “a trindade do mal”, de acordo com artigo encontrado no Jornal O Momento de 1940. Segundo o autor do artigo, essa trindade do mal seria formada pelas três diversões noturnas preferidas pelo habitante da RCI: o álcool, o jogo e a prostituição. Esses três vícios são expostos como causadores dos mais diversos problemas e geradores de malefícios, principalmente aos jovens. (MATTE, 2008, p. 114)

Com esses resultados, inferimos que “certa gente” referida pelo autor da crônica, é uma alusão aos homens jovens caxienses. Corroborando a crônica em análise, Matté (2008) afirma que as casas de meretrício já existiam em grande quantidade antes de 1930 na cidade, na contramão do que a historiografia da RCI considerou como espaços de convivência. A autora comprova que “a maioria das pensões na RCI tinha má fama entre a vizinhança por adquirirem esse caráter de pensões não-familiares” (MATTE, 2008, p. 119). Além disso, os bordéis estavam localizados principalmente no centro da cidade, o que confirma que Caxias do Sul representa uma cidade que funcionava desde o seu centro, tanto que era lá a concentração do comércio, entre outros lugares de sociabilidade, assim como as casas de prostituição.

No nível simbólico, o autor baseia o seu discurso, ou até mesmo sua pregação, como ele denomina seu pedido, no termo “deserto”. Entendemos que o “deserto” do cronista apoia-se na ideia da aridez, da terra desolada e sem habitantes, conforme afirmam Chevalier e Gheerbrant (1986). Então, o contraponto, nesse caso é justamente a imagem de pregação no deserto, onde ninguém escutaria, algo que o autor espera que não aconteça.

(ANEXO N) - “Algumas...por semana”, de Septenário, publicada em 25 de setembro de 1930, no *Jornal O popular*.

O presente texto revela algumas facetas do frequentador do cinema caxiense. Assim como no início do século, o cronista continua criticando as atitudes do público ao comparecer as salas de exibição. Mais do que uma série de hábitos, evidenciam-se os imaginários vigentes,

em consonância com os estudos historiográficos apresentados nesta pesquisa. Para o cronista, até mesmo a vestimenta do público, não condiz com uma atitude civilizada:

Por varias vezes, temos visto, n'um cinema local, um cidadão assistindo às funções em pyjama. Nem nos pequenos centros, (villas e povoados); a moral e os bons costumes não admitem, (salvo em carnaval), o uso de pyjama como traje social. Em Caxias, que apesar de não ser uma grande cidade não é também um povoado de botucudos, o uso do pyjama não deve ir além do limite que lhe atribuem as convenções sociais. (SEPTENÁRIO, 1930, p. 1)

No fragmento, percebemos a preocupação do autor de comparar Caxias do Sul aos centros urbanos, ele insiste na representação da cidade como local que já ultrapassou o *status* de povoado e também de vila. Tal fato demonstra um complexo de inferioridade, que circunda o imaginário caxiense, pois é frequente nas crônicas o uso de uma linguagem que visa afastar a ideia de que Caxias tem uma proporção, bem os como costumes demonstrados neste trabalho, de uma comunidade rural. O esforço dos cronistas em relação a isso faz emergir, precisamente, uma forma de imaginário rural: os autores importam-se com os comportamentos que destoam da maioria, algo que, em um centro urbano, passaria em branco, em função da grande população e das diferentes práticas sociais reunidas em um mesmo espaço, como por exemplo a escolha de uma peça de roupa.

Outro aspecto que se evidencia é o uso do termo “botocudos”, que foi uma denominação dada pelos colonizadores portugueses aos indígenas que usavam um ornamento feito de madeira, introduzido no nariz ou orelhas, de acordo com Paraíso (1992). Entendemos que essa comparação foi uma demonstração de preconceito, porque o autor compara os moradores de Caxias aos povoados indígenas, em uma tentativa de alertá-los a distância e diferenças existentes, aparentando uma fala que ridiculariza essas etnias.

Na sequência, o autor retoma o assunto já explorado nesta e em outras crônicas: a regulação da cidade por normas sociais. No caso ele exemplifica sua indignação com uma festividade, fora dos padrões conhecidos pelo caxiense:

Se pega a moda dos pyjamas nas festas, naturalmente o vestuario caseiro será o primitivo. Domingo, o ultimo dia 21 do corrente, um grupo de rapazes e senhorinhas, maiores de 25 annos, praticou em determinadas zonas da cidade desde o alvorecer do dia ao cahir da noite, uma serie infinita de brincadeiras admissiveis umas, reprovaveis outras. (SEPTENÁRIO, 1930, p. 1)

A crônica representa, aparentemente, uma festa que ocorreu na cidade em comemoração à chegada da primavera, ocorrida em 21 de setembro, conforme a narrativa, foi algo inusitado

para Caxias do Sul. A partir desse momento no texto, o assunto converge para uma outra prática inesperada: a ocupação da rua por um festejo que não era tradicional para os caxienses:

Interpellando um amigo, que defronte ao Café Sport apreciava um grupo de foliões sobre o motivo de tanta alegria, respondeu-nos:

- Na data de hoje, primavera, alguns comemoram a entrada da ridente estação do ano e da vida; outros, os que atravessaram o Cabo da Boa Esperança e caminham para o outomno da vida, festejam, e com justa razão, a phase que não volta mais.

- Neste caso estão os componentes do grupo que acabamos de ver, creio eu?

-Sim, o senhor acertou, elas comemoram as primaveras passadas.

(SEPTENÁRIO, 1930, p. 2)

Para o cronista, a interpelação fez-se necessária para compreender do que se tratava a festa, além de servir de ponte à dimensão simbólica das estações do ano. Se observarmos o discurso do próprio amigo do autor, podemos afirmar que havia pessoas jovens e mais velhas nas ruas, umas que comemoravam o simples devir, e outras, que já em idade avançada, festejavam os anos passados.

No parágrafos seguinte, o texto sofre uma digressão, mas, em certa medida, reafirma o desejo oculto de que Caxias fosse, de fato, uma metrópole:

O pão é, indiscutivelmente, um alimento de primeira ordem e indispensável à vida. Quando dizemos pão, nos referimos ao que conhecemos de Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria e outras cidades, jamais ao producto que, em Caxias, se vende como tal. Nesta cidade os panificadores empregam pessimas farinhas e guiam-se pelos usos e technicas de um seculo atraz (SEPTENÁRIO, 1930, p. 2)

Depreendemos do excerto, que o pão é um símbolo que representa os hábitos de outras cidades do Rio Grande do Sul, ou ainda, do que se nutrem os habitantes desses locais. Para Chevalier e Gheerbrant (1999), o pão simboliza um alimento essencial, além disso, um alimento espiritual, presente nas liturgias da religião católica. Se lembrarmos que Caxias do Sul vivia sob influência direta do Catolicismo e considerarmos que o texto recebe a assinatura de “Septenário”, que denomina uma festa religiosa com duração de sete dias, podemos concluir que o cronista cria uma tensão em torno dos fatos citados, porque segue, ou porque espera que os caxienses sigam, os preceitos da referida religião. Analisando com mais atenção é possível inferir que o texto é uma crítica ao clero da cidade, sendo os padres representados pela imagem do padeiro, que seria o responsável por entregar os pães à comunidade e, nessa metáfora, incentivarem os costumes religiosos.

O que é mais interessante nesta crônica é como o texto desenrola-se partindo de um costume observado nas salas de cinema e por isso, acreditamos que o local representou mais uma fratura nos costumes conservadores de Caxias do Sul. Esse fato indica-nos que os cronistas

estavam atentos ao que ocorria nas salas de exibição, e que entediavam, em alguns casos, o cinema como um transgressor das boas maneiras do caxiense e, talvez por isso, ele foi tão representado.

(ANEXO O) - “Não é nada”, publicada em 9 de fevereiro de 1929, no jornal *O popular*.

A crônica fala sobre as condições do Theatro Apollo, que foi um dos que durou mais tempo na cidade. De acordo com Giron e Pozenato (2007), o prédio foi construído em 1921, e era todo de madeira, com alicerces de alvenaria e coberto de zinco. Estava localizado, assim como os principais lugares de sociabilidade, na parte central da cidade, como comentam as autoras:

A praça Dante Alighieri, onde funcionava o cinema Ideal, era o ponto econômico mais importante da cidade. Além da Igreja Matriz, havia também a Padaria Familiar, de Raymundo Magnabosco, e o Café América³⁵, que dava como referência para sua localização o cinema Ideal, que ficava ao lado, na rua Júlio de Castilhos. Próximo ao cinema, na rua Marquês do Herval, funcionava o Hotel Globo, de Antônio Baggio, onde os visitantes e viajantes comerciais se hospedavam. (GIRON; POZENATO, 2007, p. 21)

Segundo documentos apresentados na pesquisa de Giron e Pozenato (2007), têm-se notícia de que o citado cinema Ideal já estava em funcionamento no ano de 1915. Já o Theatro Apollo, que estava entre as ruas Dr. Montauray e Pinheiro Machado, acomodava nos anos de 1920, mais de 1800 espectadores. O Apollo, apesar de não ter sido designado como um cinema, era um desses espaços que possibilitam a reunião de um grande público para assistir às projeções, os frequentadores experienciaram algo grandioso, para os padrões de Caxias do Sul, nessa época. Para imaginarmos com mais detalhes a grandiosidade deste espaço, segue a imagem apresentada pelas pesquisadoras Giron e Pozenato (2007):

O prédio era de madeira, com o pé direito com mais de quinze metros, apresentado a frente parte do telhado em forma circular. O interior apresentava uma ampla sala de projeções, na entrada da qual havia duas colunas. O palco era adornado na parte superior com pintura de uma lira contornada por guirlanda de flores. [...]Ladeando a sala de projeções havia camarotes térreos e em mais dois andares, as escadas circulares que levavam aos camarotes iniciavam no saguão, onde se encontrava a bombonière. (GIRON; POZENATO, 2007, p. 54)

Nessa descrição chama a atenção a suntuosidade do local, e a estrutura sofisticada que o Theatro possuía. É interessante imaginar uma pequena cidade, como era Caxias na década de 1920, comportando um local de exibições onde um público tão grande poderia se reunir. Projetando imaginariamente o lugar e quem poderia frequentá-lo, mais uma vez surge o

³⁵ Encontramos, no exemplar do jornal *Cittá de Caxias*, do dia 5 de outubro de 1918, um anúncio do Café América, que trazia a seguinte inscrição: “frequentado pela elite caxiense”, o que nos deu margem para inferir que, nem toda a população da cidade circulava pelos estabelecimentos citados neste trabalho.

questionamento: quem utilizava este espaço? Quem podia acessá-lo, se compararmos as proporções entre população local e o tamanho do Theatro Apollo.

Em uma visão do cronista do jornal *O popular*, que traz a representação do espaço já no final da década, o Theatro tinha alguns problemas de funcionamento: “O theatro Apollo é, como se sabe, um theatro amplo e confortável. Raramente se sente calor ali, Mas si, por acaso a temperatura começa se alterar...te-lé-que, o machinista torce uma chave e desanda um vendaval medonho , causa até, de resfriados e pneumonias.” (O POPULAR, 1929, p. 3).

Fica claro, no texto, que o cronista circulava pelo local e que estava atento às demandas do público. Com pitadas de humor, solicitava uma ação relativa ao problema de ventilação: “quem não tem curiosidade por astronomia, custa, às vezes, a descobrir a origem do phenomeno. Com um pouco de atenção, porem consegue-se divisar, no *zenith* do grande theatro, um microscopico ponto escuro, em que tremulam azas, e que é a causa de toda a tempestade.” (O POPULAR, 1929, p.3). Com um esforço irônico, o autor metaforiza a ventania do cinema em comparação a um fenômeno natural, o que demonstra a união entre função crítica e de entretenimento da crônica:

Ainda no domingo passado, estando o Apollo repleto, causou panico esse phenomeno meteorologico. Muita gente pensava que era um aeroplano que se approximava; houve até quem fallase em furacão. Outros, porém, de cima dos camarotes conseguiram distinguir bem o planeta e nos affirmam que effectivamente não é bezouro nem nada, mas, sim, um authentico ventilador electrico, que ali existe, pendurado num fio de arame. Valha-nos isso. (O POPULAR, 1929, p. 3)

Ainda de acordo com Giron e Pozenato (2007), em 1927, o Theatro havia sido destruído por um incêndio e, durante o período de reconstrução do Apollo, a cidade ficara com apenas um cinema, então a cada espetáculo teatral, os filmes eram retirados de cartaz, deixando os cinéfilos sem atividade alguma. No ano seguinte, foi inaugurado³⁶ o novo prédio: “na festa, houve muitos discursos e um recital de canto de trechos de ópera apresentado pela orquestra do teatro. O fato alegrou a cidade que pôde novamente contar com mais uma sala de projeções”, é o que afirmam Giron e Pozenato (2007, p. 58), reforçando nosso ponto de vista, de que o cinema representou um importante lugar de sociabilidade e de vida cultural de Caxias do Sul, no início do século XX.

³⁶ Encontramos uma nota publicada no jornal *Caxias*, em 12 de abril de 1928, em que é relatada a reinauguração do Theatro Apollo, estão anunciados os nomes de algumas personalidades caxienses responsáveis pela reconstrução e também as atrações do evento.(O POPULAR, 1929, p. 3)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto a cidade despe-se em meio às mudanças trazidas pela escalada do capitalismo, os cidadãos interligam-se, em uma tentativa de não sucumbir às pressões do que é viver no meio urbano. Durante o período em que esta pesquisa foi realizada, muitas outras questões, tanto sobre o próprio imaginário em questão, como também sobre a cultura local acharam espaço para emergir do material utilizado e dos paradigmas e paradoxos que permeiam a vida em cidade. Sobre isso, como vimos anteriormente, Raymond Williams (2000) afirma que as oposições entre campo e cidade são também construções históricas que envolvem atitudes emocionais.

Assim como o autor pontua sobre as cidades de forma geral, nas crônicas também notamos a presença de um conflito de ideias e emoções entre a urbanidade e o âmbito rural. O caxiense, e sobretudo os cronistas, representam os elementos da cultura urbana, hora como como inimigos dos bons costumes, tentando compreender por qual motivo os hábitos do campo perdem-se em meio ao ritmo da cidade moderna e hora desenvolvem nos textos um apoio ao crescimento econômico, social, cultural e tecnológico. Para Williams (2000), essas formas de representação que expõem o conflito entre rural e urbano, estão ligadas a um ideal de inocência, além do que, parecido com o que vimos na análise, o ideal do trabalho rural, de certa forma, dissolve-se na paisagem, tornando a exploração rural apenas mais um componente dessa rotina. Em Caxias do Sul, ou pelo menos se lançarmos o olhar para o *corpus* em análise, parece que o trabalho no meio urbano repete o imaginário do trabalho rural. Com isso, inferimos que a cidade em questão é uma comunidade agrícola que vive o desejo da modernidade, pois jamais passou do patamar de cidade do interior para experimentar o cosmopolitismo das metrópoles. O anseio fica claro nas representações porque, mesmo com um olhar crítico e apegado às tradições rurais, os cronistas trouxeram ao centro dos seus textos os lugares de sociabilidade relevantes, quando pensamos no imaginário urbano e onde, de fato, as relações sociais ocorrem em uma cidade.

No segundo capítulo desta dissertação criamos um panorama, do qual pudemos extrair as ideias e emoções que envolvem a experiência da modernidade. Para tal utilizamos, principalmente, as ideias de Hobsbawm, Marshall Berman e Walter Benjamin, com o objetivo de situar a pesquisa temporalmente e também abordar as sensações do período. Depois, percebemos a necessidade de estudar a vivência moderna do latinoamericano, pois entendemos que os países colonizados por europeus têm uma outra experiência, para isso, buscamos as pesquisas de Beatriz Sarlo que, apesar de escrever sobre a cidade de Buenos Aires, expressa problemáticas que se replicam nos outros países do continente, inclusive no Brasil. Em um recorte mais apurado sobre o imaginário, elegemos o pensamento de Cornelius Castoriadis para

abrir a discussão sobre a aura de um determinado contexto. O autor deu-nos a possibilidade de refletir sobre a instituição imaginária da sociedade, pois as próprias instituições, bem como os discursos que as direcionam, podem ser construtores de imaginários, ou seja, como dissemos anteriormente, o plano simbólico age sobre a realidade da sociedade. Com isso em mente, aproximamos a reflexão sobre o imaginário do objeto analisado: as crônicas. Enfim, chegamos ao pensamento de Sandra Pesavento, que abriu debate sobre as representações de Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Por meio das crônicas, a autora concluiu que essas cidades brasileiras também guardavam em si o anseio de alcançar algo parecido com o que a capital francesa viveu, porém, sob a égide de um outro imaginário urbano: justamente o da modernidade tardia.

Encerramos o capítulo 2 percorrendo os caminhos da crônica brasileira e identificamos que, no país, o gênero passou por um processo de ambientação para ser reconhecido. O hibridismo a que nos referimos nesta parte, vem das raízes da crônica, que teve como influência os formatos folhetim, proveniente da França, os relatos de viagem, de Portugal e os ensaios, da Inglaterra. A partir disso, observamos que, sem esses três insumos, a crônica não teria atingido seu mais alto nível de lapidação da linguagem, no Brasil. Mencionamos os estudos de Jorge de Sá, Davi Arrigucci e Afrânio Coutinho em busca da história da crônica e suas transformações, então o estudo culminou nas ideias de Candido sobre o papel social do gênero jornalístico literário e sua penetração na sociedade brasileira como gênero genuinamente nacional. O que interessa para a presente pesquisa, já que o foco foi compreender as experiências dos cronistas em um meio urbano moderno, é que a crônica teve como berço os grandes centros urbanos brasileiros, a exemplo dos relatos de João do Rio e Lima Barreto.

Já no capítulo 3, tratamos brevemente do histórico da imigração no Brasil, para aproximar o leitor cada vez mais do contexto ao qual estávamos investigando. As fontes históricas mostram o percurso de Caxias do Sul, que vislumbrava o cosmopolitismo, porém, o que os relatos revelaram, foi também um grande conservadorismo. Procuramos, nesta parte, evidenciar a história um tanto apagada de Caxias do Sul, tecendo comentários sobre o Campo dos Bugres e as comunidades indígenas, exterminadas pelos agentes do governo, para darem lugar aos imigrantes europeus que estabeleceram-se em determinadas regiões do Brasil. Ressaltamos que, na fase da chegada dos imigrantes, a Colônia Caxias funcionava como pólo de concentração de atividades comerciais, representando a sede da imigração na Serra Gaúcha. Notamos, em seguida, que o recorte temporal desta pesquisa justificou-se por ser um momento de aceleração no desenvolvimento econômico e cultural da cidade, e também no sentido de que foram feitas melhorias na infraestrutura. No subcapítulo 3.2, percebemos a importância e influência da imprensa local, especialmente dos jornais, na história da cidade. Discutimos

também sobre o papel dos cronistas e quem eram os autores que assinam os textos publicados nos periódicos, o que nos fez olhar com mais atenção para as crônicas selecionadas.

No capítulo 4, o que ficou evidente sobre a transmutação urbana representada nas crônicas, em um primeiro momento, foi que os jornais da cidade pouco se diferenciam entre si, sobre as temáticas das crônicas. Com isso, as suspeitas que tínhamos a respeito das mídias locais e sua confluência e influência no imaginário social local e na cultura, só vieram a se confirmar. A cidade imaginária presente nas crônicas de Caxias do Sul, mesmo aquela representada em 1930, continua com aspectos semelhantes aos primeiros relatos noticiosos, de 1897, ano em que iniciava a história da imprensa de Caxias do Sul. Se, como já dissemos, os jornais locais optaram, via repetição de informações, por sustentar esse *ethos*, é possível que o habitante local tenha sentido algo como uma desarticulação ao saber-se em meio a um complexo de cimento, com cada vez mais elementos culturais dividindo o mesmo espaço ao longo dos anos.

A respeito do sistema simbólico vigente em Caxias do Sul, destacamos os quatro eixos que, inevitavelmente convergem para os lugares de sociabilidade da cidade em questão, sendo eles 1. O trem; 2. A rua; 3. A praça; e 4. O cinema. Notamos que, todos os espaços estão localizados na região central da cidade, o que também nos alerta para os fatos que não foram contemplados pelos cronistas, e pelos textos noticiosos, de modo geral. Caxias do Sul, como já comentamos, é um área urbana que constituiu-se a partir do centro e que, na atualidade, mesmo com o crescimento vertiginoso da população e do perímetro urbano também, ainda concentra suas atividades, por exemplo os consultórios médicos, a prefeitura e os cartórios, que estão nos bairros mais centrais, não deixando opção para os moradores que vivem fora desse eixo, em função das dificuldades de deslocamento.

No primeiro eixo de análise observamos a simbologia do trem, com as considerações de Chevalier e Gheerbrant (1999), e o que ele representa para os primeiros cronistas a entrarem em contato com esse novo meio de transporte. O trem, além de simbolizar a chegada do progresso na região, e principalmente em Caxias do Sul, também representou o medo de que, com essa progressão cultural e econômica, a tradição dos imigrantes pudessem de alguma forma enfraquecer e perder sentido. Em meio ao desenvolvimento urbano, o trem também condicionava o desejo da cidade de ser metrópole, que está representado nas crônicas que relatam a viagem e, acima de tudo, a aproximação do observador do destino final: a pérola das colônias, idilizada e transmutada, a nível simbólico, para o lugar paradisíaco.

Sobre as ruas de Caxias do Sul, constatamos que as representações dos cronistas vão ao encontro do que a historiografia mostrou: que a falta de planejamento urbano causou transtornos aos pedestres e motoristas. Os cronistas criticaram as condições das vias públicas e solicitaram

aos representantes do poder público para que investissem em melhorias na infraestrutura da cidade. Apontamos também, o fato dos cronistas utilizarem do recurso da ironia, que é frequente no gênero crônica, para tratar desse tema recorrente nas editoriais dos jornais locais, do início do século XX. Com este eixo de análise e guiados pelo pensamento de Pesavento (1999), percebemos que os autores das crônicas tinham credibilidade em Caxias do Sul, pois, mesmo o leitor não podendo, ou não precisando dirigir-se até os locais indicados nas crônicas, é fato que os cruzamentos das ruas, ainda que reais, vivem também no imaginário dos habitantes leitores do jornal, caso contrário os cronistas estariam situando os problemas nas vias públicas para si mesmos. Sendo assim, é possível que a confiança entre as partes tenha, em algum nível, atuado sobre a materialidade.

No eixo em que tratamos da praça central, a Dante Alighieri, percebemos que era como um ponto de reunião da elite caxiense e que, ao redor dela, houve outros pontos que contribuíram para a popularidade do local. No entorno da praça estavam os cinemas, os bancos e pelas, crônicas, podemos afirmar que foi um local de compartilhamento de uma sensibilidade historicamente experienciada pelos habitantes da cidade, caso contrário a praça já teria deixado de ser palco para a Feira do Livro, das manifestações políticas, das greves, das comemorações futebolísticas, por exemplo. Foram recorrentes também, as representações nas quais a praça é lugar de preservação da memória e da própria estrutura, os cronistas viram a praça como um patrimônio a ser cuidado pelos habitantes da urbe, mesmo que isso custasse a instalação de portões e grades de proteção. Isso revela um modo de conservadorismo em que restringir o acesso é uma forma de controle, em contradição ao princípio de um espaço público: o seu uso.

No quarto eixo, contemplamos os cinemas da cidade que representaram uma quebra de paradigmas no imaginário caxiense. As salas de exibição simbolizaram uma força contrária aos costumes implantados pelos imigrantes, servindo de novo recurso aos namoros e também apresentando ao público consumidor dos filmes novas formas de ver o mundo. Os pontos de vista veiculados nos cinemas foram cruciais para que os habitantes de Caxias do Sul tivessem acesso à outros contextos culturais, sem esquecermos, é claro, que apenas uma parcela mais rica da população podia frequentar esses lugares. Os cinemas da cidade agiram nos dois sentidos compreendidos por esta pesquisa: de dentro para fora das salas e de fora para dentro, movimentando o imaginário urbano em vários níveis e levando os cronistas a questionarem-se a respeito dos hábitos dos cinéfilos (ou apenas dos namorados, como classificaram os autores das crônicas).

A cidade está (e esteve) em constante mudança e, movendo-se ao longo do tempo, através das histórias que a representam, e das ideias presentes em uma rede de relacionamentos

que decide o futuro do local. Foi nessa atmosfera em que estivemos imersos nos últimos anos, na cidade em movimento, e movimentando-nos para criar conexão com um imaginário de outro tempo. Mesmo assim, tendo consciência de que o imaginário analisado é referência de outro contexto histórico, parece que os cronistas jamais propuseram, nesse período, um olhar de oposição, que pudesse transcender o seu próprio lugar, apenas apoiaram-se na experiência particular para criarem suas representações.

Essa constatação poderá ter gerado, para público leitor dos periódicos, uma posição de comodidade e conformidade com seus ideais, uma vez que os jornais ainda seguiam linhas políticas e ideológicas explícitas naquele momento. Não aparecem nas crônicas representações de diversidade, seja ela de classe social ou religião. Sendo o jornal um dos meios responsáveis por completar, povoar e suplementar a subjetividade, reafirmamos que, quando o leitor não encontra olhares críticos sobre um modelo imaginário, ele obtém uma visão editada do lugar que habita.

Nos questionamos, a partir dessa percepção, se algum cronista pensou a respeito de uma identificação com seu leitor e não somente com seu editor, mesmo tendo consciência de que quem acessava os jornais, nesse período, era uma classe elitizada. E se algum leitor fosse completamente resistente aos padrões de comportamento apresentados nas crônicas? O jornal, nesse sentido, foi cúmplice do imaginário vigente, servindo de reforço, de forma de perpetuação. Entendemos que apagar ou reduzir uma representação a um estereótipo não deixa de ser uma forma de agressão, independente de quem foi atingido. O que recorrentemente reparou-se, foi que as crônicas trataram de limpar as representações etnico-raciais e estereotiparam as mulheres, por exemplo.

Afirmamos também que, muitas temáticas frequentes nas crônicas do início do século XX representavam um recorte - e sempre o mesmo - sobre o meio urbano em transformação, como era o caso do centro de Caxias do Sul. A repetição das temáticas e dos assuntos, levou-nos a outro ponto crucial da pesquisa: por qual motivo deveríamos continuar consumindo tais textos sem um aprofundamento crítico? Sem notar que, tanto os cronistas, quanto aos leitores desses textos são, em grande parte, ocupantes de um mesmo nicho social caxiense? Entendemos com isso que, ler uma crônica não significa somente entregar-se ao prazer da leitura, aparentemente descompromissada, mas de mergulharmos em representações que revelam e compõem o imaginário local, como um sistema retroalimentado.

Os códigos comportamentais e a insistência dos cronistas em cobrá-los do habitante local, indica-nos que existe um abismo entre as relações sociais e as representações do caxiense. As crônicas tratam de um imigrante que habita um país colonizado, agindo como colonizadores

e que não percebem que também foram explorados pelo próprio pensamento que os trouxe até aqui. Um exemplo já citado anteriormente sobre essa hipocrisia descrita nas crônicas caxienses, tem relação com as obras de José Clemente Pozenato, especialmente *A Cocanha* (2000), em que falsas promessas são feitas aos imigrantes italianos, numa tentativa de convencê-los a imigrar para o Brasil. O país mitológico está para os italianos como uma esperança de mudar de vida e fugir da miséria. O colono vê na imigração a possibilidade de obter seu pedaço de terra para trabalhar e, quem sabe, de efetivar o que chamamos nesta pesquisa de transplante cultural.

As consequências que essas representações causaram estão dispostas ao longo deste trabalho, quando expusemos notícias da atualidade, as quais interpretamos como materializações do imaginário urbano presente nas crônicas. Os textos em questão, nessa linha de raciocínio, representam e reforçam o que desenvolvemos até o momento: que existiu em Caxias do Sul, um imaginário no qual se pretendeu que a cidade fizesse parte de uma lista de metrópoles brasileiras, embora as práticas sociais do Catolicismo, ou então da zona rural, tenham implantado suas ideologias. De uma forma, ou de outra, o que ficou claro foi que o sistema vigente nas primeiras décadas do século XX conseguiu transpor as barreiras do tempo e as mudanças culturais justamente por via da transmissão dessas informações.

Não podemos esquecer de citar novamente quem detinha o poder para perpetuar este imaginário urbano excludente: homens, brancos, com ascendência europeia, muitas vezes comerciantes, ou representantes da religião católica. Com esses dados, detectamos nas crônicas um tom irônico e de subjugação das mulheres, principalmente. Isso levou-nos a refletir, para além desta investigação, sobre a ausência de mulheres cronistas durante todo o período analisado. Apontamos a total negligência ao olhar das mulheres enquanto cronistas, inclusive nos estudos sobre a crônica brasileira, no capítulo 2.3. Autores como Coutinho (1989), Arrigucci (1987) e Candido (1980), exemplificam com trechos de textos ressaltando os nomes de cronistas homens, o que de fato é relevante, porém, deixa margem para que observemos esse gênero como quase que exclusivamente masculinista, o que leva a pensar também sobre quem tem o direito discursivo sobre a cidade. Essas questões, inclusive, poderiam dar início a um novo problema de pesquisa.

A respeito da imprensa local, chamou à nossa atenção o caso do jornal *Correio do Município*, que declarava-se como órgão republicano e trazia, em meio ao conteúdo político-partidário, uma gama de textos literários. Encontramos neste periódico crônicas em formato folhetim, como trechos de romances de Émile Zola e de Machado de Assis. Suspeitamos que isso deu-se em função de ter sido o primeiro jornal bissemanal da cidade, o que garantia maior

frequência na publicação e consumo das obras. Os textos localizados, trazem representações de Paris, por exemplo, incluindo trajetos percorridos pelo narrador pela cidade e experienciando as sensações de estar em uma metrópole. Isso inclui em nosso horizonte, mais uma possível pesquisa para o futuro, que observaria a recepção dessas representações de grandes centros urbanos, a partir dos jornais locais.

Outro jornal que simbolizou um ponto fora da curva neste trabalho foi o *Stafetta Riograndense*. Este não acompanhava os outros periódicos, pois era o melhor diagramado, com mais imagens e melhor organização das seções. Porém, era quase integralmente editado em italiano, até mesmo os anúncios, com exceção de alguns textos de instrução e, por esta barreira linguística não fez parte do *corpus* deste trabalho. Também vale ressaltar que não encontramos nenhum conteúdo publicado sobre os cinemas neste jornal, isso pode estar ligado ao preconceito por parte da igreja católica relativo aos cinemas, como vimos na pesquisa de Matté (2008).

Ao observarmos os estudos de Durand (2012), entendemos que a metáfora pode ser o veículo do imaginário, portanto interagindo diretamente com os símbolos em evidência. No material encontrado por esta pesquisa não funciona diferente, porque os cronistas, atentos ao seu tempo presente e sendo sujeitos políticos, também imersos no sistema simbólico vigente, foram atores e contribuíram para que determinados símbolos se fizessem presentes em seus textos. Muitas vezes, esses autores trouxeram problemáticas não reconhecidas pelo poder público de Caxias do Sul, mas, em sua grande maioria, não se preocuparam em contemplar outro público que não fosse a elite da cidade, o que pode explicar o conservadorismo que permeia as relações até a atualidade.

Os cronistas de Caxias do Sul eram pessoas relacionadas aos valores do mundo rural, não que eles ainda vivessem esta realidade, porém os seus discursos aproximavam-se da figura de um colono, com aspirações ao moderno. Tendo isso em mente, podemos refletir sobre as múltiplas experiências, tanto de modernidade, como de urbanidade, não nos detendo a valores eurocêntricos. Vemos, nos cronistas caxienses e em seus textos, reflexos de uma modernidade periférica e uma urbanidade pautada na falta de planejamento.

Também notamos, em Caxias do Sul, sobretudo nas crônicas que abordam a cidade, que as contradições da modernidade propostas por Berman (2007) não acontecem. Os elementos físicos representados nas obras, ou seja, a modernização econômica e a urbanização, podem até aparecer, mas, os embates ideológicos elencados pelo autor, referentes à experiência da modernidade em si, não estão presentes nos discursos, o que caracterizou o maior exercício deste trabalho: reconhecer os discursos contraditórios existentes entre pensamento moderno versus o conservadorismo.

Por fim, acreditamos que este trabalho contribui para os estudos sobre a região em destaque e para os estudos da crônica brasileira, com ênfase nas representações da cidade de Caxias do Sul. Diante disso, como já expomos ao longo desta dissertação, entendemos que a crônica é um importante veículo do imaginário urbano, uma vez que surgiu em consonância com o desenvolvimento urbano do Brasil, tendo, portanto, grande relevância para os estudos que abarcam literatura e comunicação neste país.

REFERÊNCIAS

- Academia Caxiense de Letras. Disponível em:
<http://www.academiacaxiensedeletrasrs.com.br/patrono-8.html>. Acesso em: 21 de jun. de 2018.
- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: São Miguel, 1966.
- ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. Edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Contistas e cronistas do Brasil).
- ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Cia, 1987.
- ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*: Machado de Assis. Organização, introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- _____. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, p. 1-1. 23 maio 1888. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_07&pasta=ano%20188&pesq=23%20maio%201888. Acesso em: 10 de abril 2019.. Acesso em: 26 fev. 2019.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. ed. portuguesa, v. 5: Antropos-Homen. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. revista e atualizada. Trad: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARRETO, Lima. *Sátiras e outras subversões: textos inéditos*. Org: Felipe Botelho Corrêa Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.
- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Trad: Gilson Maurity. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*: Walter Benjamin; trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito, Tania Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 108 p.
- _____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. 271 p. (Obras escolhidas).
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. 434 p.
- BOCCHESE, Marcell. *A crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura: uma demonstração através de Quando cai a neve no Brasil, de Paulo Ribeiro*. Dissertação (Mestrado em Letras e Regionalidade) - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2011.
- BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno: dez grandes escritores*. Trad: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAGA, Rubem. *Morro do isolamento*. 7. ed. Rio de Janeiro: Global, 2018. 88 p.

BREITBACH, Áurea Correa de Miranda. *Sobre o desenvolvimento da região de Caxias do Sul*. Ensaios FEE, v. 23, p. 421-442, 2002. Disponível em: <http://cdn.fee.tcche.br/eeg/1/mesa_3_breitbach.pdf>. Acesso em: 13 de nov de 2018.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Lisboa: Leya, 2015.

CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

_____. A crônica ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler*: Carlos Drummond de Andrade et. al. 5. ed. São Paulo: Ática, 1980. p. 5-13.

_____. A Revolução de 1930 e a cultura. In: *Simpósio sobre a Revolução de 1930 no Rio Grande do Sul*, 1., 1980, Porto Alegre. Painele. Porto Alegre: Erus, 1983. p. 27 - 36.

Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4332357/mod_resource/content/1/ANTONIOCAN DIDO_Revolucao30eaCultura.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

CAPRARA, Bernardete S.; LUCHESE, Terciane Ângela; FUNDAÇÃO CASA DAS ARTES; BENTO GONÇALVES (RS). *Bento Gonçalves: história e memória: distrito de Faria Lemos. Bento Gonçalves, RS: Fundação Casa das Artes, 2001. 86 p.*

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2000.

CAXIAS. *O Brazil*. Caxias do Sul, p. 1-1. 30 nov. 1912.

CERQUEIRA, Marcelo Neder. *Relações de força na passagem à modernidade na América Latina: cultura, poder e subjetividade*. 2016. 453 f. Tese (Doutorado) - Ppg História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1804.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 13.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1999.

COSTA, Elmar Bones da; FONSECA, Ricardo; SCHMITT, Ricardo. *História ilustrada do rio grande do sul*. Porto Alegre: Já Editores, 1998.

COSTA, Renato. Em Caxias. *Cidade de Caxias*. Caxias do Sul, p. 1-1. 4 nov. 1911.

_____. Visitar Caxias. *Cidade de Caxias*. Caxias do Sul, p. 1-1. 15 out. 1911.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, pp. 117-143.

_____. *Introdução à literatura no Brasil*. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.321 p. (Coleção Vera Cruz. Literatura brasileira ; 218)

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, [s.l.], v. 20, n. 56, p.237-250, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142006000100016>. Acesso em: 29 mai. 2019.

DURAND, Gilbert. Trad: GODINHO, Helder. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAVARO, Cleci Eulália. *Mulheres, imagens e representações: papéis femininos e imprensa na colônia italiana do Rio Grande do Sul*. In: DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org). *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004.

FERNANDES, Alana. *Encontro das Tradições Italianas começa nesta sexta-feira, em Farroupilha: A festa estende-se até o dia 20, às sextas, aos sábados e aos domingos*. *Jornal Pioneiro*, Caxias do Sul, 14 nov. 2018. Geral, p. 2. Disponível em:
<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2018/05/encontro-das-tradicoes-italianas-comeca-nesta-sexta-feira-em-farroupilha-10336542.html>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. p 193-201.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul: anos 20, 30 e 40: dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmem Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. *Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul*. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52493/32291>>. Acesso em 14 de out. de 2018.

G1 - RBSTV (Brasil) (Ed.). *Bailarino é abordado e colocado em camisa de força durante performance em Caxias do Sul*. G1. Caxias do Sul, p. 1-1. 30 out. 2017. Disponível em:
<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/bailarino-e-abordado-e-colocado-em-camisa-de-forca-durante-performance-em-caxias-do-sul.ghtml>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. *100 anos de imprensa regional: 1897-1997*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

_____. *Cinemas: lembranças*. Porto Alegre: Est, 2007.

_____. *Identidade: região e valores. Imigração e cultura*, Caxias do Sul, EducS, p. 39-60, 2007.

_____. *Igreja e poder na comunicação*. *Métis: história & cultura*, v. 9, n. 17, 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1030/696>>. Acesso em: 20 de nov. de 2018.

GOMES, Eugênio. *Crônicas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

HERÉDIA, Vania M. *A força do comércio na expansão urbana da zona colonial italiana*. Métis: história & cultura, v. 11, n. 21, 2012.

_____. *Processo de industrialização da zona colonial italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HOBBSAWM, Eric John. *A era dos impérios: 1875-1914*. 13.ed. rev. São Paulo, SP: Paz e Terra Ltda, 2011. 583 p.

HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. *A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização*. In: NP de Jornalismo, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, Distrito Federal. 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

Inconcebível. *O estímulo*. Caxias do Sul, p. 1-1. 22 dez. 1916.

JACASSE. Chronica. *O Brazil*. Caxias do Sul, p. 1-1. 14 fev. 1909.

_____. Chronica. *O Brazil*. Caxias do Sul, p. 1-1. 23 abr. 1910.

KIRST, Marcos Fernando. *Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 2017

KOK. Reparos. *Evolucionista*. Caxias do Sul, p. 1-1. 27 set. 1915.

LOPES, Rodrigo. Central: cinema, teatro, quadra de esportes e bingo. *Pioneiro*. Caxias do Sul, p. 1-1. 01 fev. 2015. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/01/02/central-cinema-teatro-quadra-de-esportes-e-bingo/?topo=52>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

_____. Os antigos quiosques da Praça Dante Alighieri. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 06 set. 2016. p. 1-1. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2016/09/os-antigos-quiocques-da-praca-dante-alighieri-7386682.html>>. Acesso em: 14 maio 2019.

_____. Primórdios do abastecimento de água em Caxias do Sul. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 01 jun. 2016. p. 1-1. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2016/01/05/primordios-do-abastecimento-de-agua-em-caxias-do-sul/?topo=35,1,1,,35>> Acesso em: 20 de jun. de 2018.

_____. Rua Andrade Pinto: a atual Os Dezoito do Forte desde 1931. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 08 mar. 2019. p1-1. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2019/03/rua-andrade-pinto-a-atual-os-dezoito-do-forte-desde-1931-10815803.html>>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul, 1875-1950*. Maneco Livraria & Editora, 2001.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p.74-82, 10 abr. 2001. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

MARCHIORO, J; CALCAGNO, N. V. *Crescimento da cidade e legislação urbanística*. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do (Org). Caxias centenária. Caxias do Sul: EDUCS, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2010, p. 69-113.

MARCON, Elvo. In: HENRICHS, Liliana Alberti (Org). *Histórias da imprensa em Caxias do Sul*. Caxias do Sul: Museu Municipal/Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Pioneiro, 1988. Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1994.

MATTÉ, Aline Karen. Prazeres velados e silêncios suspirados: sexualidade e contravenções na região colonial italiana (1920-1950). 2008. 165 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2264>>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

MOCELLIN, Maria Clara. *Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*. Tese - (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280358>>. Acesso em 26 out. de 2018.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Modernismo*. São Paulo: Cultrix 1989.

MORAES, Dênis de. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. *Revista Contracampo*, [s.l.], n. 01, p.93-104, 1997. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v0i01.364>. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17283/10921>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

NÃO é nada. *O Popular*. Caxias do Sul, p. 1-1. 09 fev. 1929.

NOBRE, Marcio. Pela cidade. *O Popular*. Caxias do Sul, p. 2-2. 10 mar. 1927.

PARAÍSO, Maria Hilda B. Os Botocudos e sua trajetória histórica. In: Cunha, Manuela Carneiro (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992, p. 413-430.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul: a trajetória do parlamento gaúcho*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1992.

Disponível em:

<http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/LinkClick.aspx?fileticket=SsgfYCYmpcs%3d&tabid=3101>. Acesso em: 19 Jun. de 2019

_____. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

_____. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. *História das Ideias*, Coimbra, v. 21, p.33-57, jun. 2000. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41745/1/Fronteiras_da_ficcao.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

_____. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. *Estudos Históricos*, vol. 8, nº 16. Rio de Janeiro, 1995. pp. 279-290.

_____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

PINARD, Ernest. O Processo contra as Flores do Mal (1857): sustentação oral do procurador Ernest Pinard. Trad: Letícia de Campos Resende e Yuri Cerqueira dos Anjos.

POLESSO, Natalia Borges. As relações de poder e o espaço urbano como região nos contos de Tania Jamardo Faillace. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/618/Dissertacao%20Natalia%20Borges%20Polessso.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

POLESSO, Natalia Borges. Literatura e cidade: cartografias metafóricas e memória insolúvel de Porto Alegre (1897-2013). 2017. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7427/2/TES_NATALIA_BORGES_POLESSO_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

POSSAMAI, Paulo. Imprensa e italianidade: RS (1875-1937). In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Org.). *Imigração e imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004.

RADIN

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional; Ministério da Cultura; Domínio Público, s/d. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2051>. Acesso em: 03 mar. 2019.

RULHQIEU. Modos de ver: a Praça Dante. *O Popular*. Caxias do Sul, p. 2-2. mar. 1929.

_____. Modos de ver. *O Popular*. Caxias do Sul, p. 1-1. 07 mar. 1929.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2001.

SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica*: Buenos Aires, 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SEPTENÁRIO. Algumas...Por semana. *O Popular*. Caxias do Sul, p. 1-1. 25 set. 1930.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 257 p.

SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

SIN-DI-K. Chroniquêta. *A Encrenca*. Caxias do Sul, p. 1-1. 27 dez. 1914.

_____. Chroniquêta. *A Encrenca*. Caxias do Sul, p. 1-1. abr. 1914.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. João do Rio, Repórter da Pobreza na Cidade. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 1, n. 10, p.81-93, jan a jun 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/84>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. A crônica oitocentista: “Ao correr da pena”, de José de Alencar. XI Congresso Internacional da ABRALIC. 2008; São Paulo, BR. São Paulo: USP; 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/MARCUS_SOARES.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2019.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

STEYER, Fábio Augusto. *O cinema em Porto Alegre – RS (1896 – 1920)*. Porto Alegre: 1999. 2º edição.

WEIMER, Gûnter. *As cidades da colonização italiana no contexto da urbanização do Rio Grande do Sul*. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do (Org). Caxias centenária. Caxias do Sul: EDUCS, 2010, p. 21-48.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANEXO A - Tabela de Jornais

TÍTULO DO JORNAL	INÍCIO DA CIRCULAÇÃO	FIM DA CIRCULAÇÃO
Correio do Município	1909	1917
O Brazil	1909	1924
Cidade de Caxias	1911	1912
A Encrenca	1914	1915
Città di Caxias	1915	1922
Evolucionista	1915	1916
O Estímulo	1916	1918
Stafetta Riograndense	1917	1941*
O Democrata	1922	1923
Caxias	1927	1932
O Popular	1927	1930

*Foram encontradas crônicas em italiano.

ANEXO B - "Chronica"

ANNO II

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - CAXIAS, 22 DE ABRIL DE 1910.

NUM. 64

ASSIGNATURAS

ANNO \$3000
Semestre \$1500
Annuo \$3000
Pagamento adiantado

O BRAZIL

Orgão do partido republicano



DIRECTOR: JACINTHO GODOY

Redacção e officinas: Rua João de Castilhos n. 118

GERENTE: AMERICO MENDES

PUBLICA AOS SABBADOS

Originals enviados á redacção não sendo devolvidos, embora não publicados.

GABINETE DE CIRURGIA

PROTHESE DENTARIA

cirurgião dentista

Francisco Saleiro

Praça Dante n. 9

CONSULTAS:

das 8 ás 11 da manhã e das 2 ás 5 da tarde.

O Advogado

Alfonso Antonio Rodrigues

recebe qualquer trabalho concernente á sua profissão tanto em direito civil como criminal e nas causas cíveis.

Escritório e residência

S. Sebastião do Cury

CLINICA MEDICA

HOMEOPATHICA

Dr. A. V. Fontana Fardes

Das 8 ás 9 da manhã e das 5 horas da tarde em vez de duas á Praça Dante.

CLINICA DOS DOENTES

Gabinete dentário

Chegam a Caxias os dentistas Alfonso Rosler e Jean Rosler, os quaes offerecem os seus serviços ao publico.

PREÇOS MODICOS

Rua J. de Castilhos n. 25

Clinica Cirurgica-Dentaria

DR. A. F. TRINDADE

Da volta de sua renuncia profissional, o Dr. Trindade restitui seu gabinete, radicalmente reformado, equipando, na capital, o que ha de mais moderno e moderno em instrumentos cirurgicos, aparelhos e materiais; podendo, assim, realizar, com maxima precisão, perfecção e modica preco, todos os trabalhos de cirurgia e prothese dentaria.

Das 9 ás 11 da manhã e das 2 ás 5 da tarde - PRAÇA DANTE -

ADVOCADO

FRANCISCO LEITÃO

Encarrega-se de todo serviço inherente á sua profissão, trabalhando em combinação com os Drs. Joaquim A. Ribeiro e Plinio Casado.

ESCRITÓRIOS nesta villa e Bento Gonçalves.

Devastação das matas

Ha mais de meio século, nas columnas dos jornaes e na tribuna da Assembléa, espiritos clarividentes lançaram um brado de alarma, implorando dos poderes publicos medidas severas contra a devastação das matas, que se ia operando de maneira impiedosa.

Demonstrou-se, amplamente, que a destruição das florestas comprometteria a regularidade dos cursos d'agua, altera o regimen das chuvas, modifica as condições climáticas e determina a esterilidade das terras.

Pois bem, em vez de leis espedidas tendentes a assegurar a conservação das matas, os governos promoveram a colonização dos bosques, entregando ao machado feroz da desmatadora o nosso inestimavel patrimonio florestal!

Assim procederam as administrações monarchicas, para as quaes se afigurava inexequível a colonização dos campos.

Os governos republicanos, preocupados patrioticamente com a salvação do problema, que cada vez se vai tornando mais serio, organizaram o código florestal, estabeleceram a fiscalização da lenha e lançaram impostos repressivos.

Não sabem a bem quizes os resultados praticos que se tem obtido de tais medidas. O que podemos constatar é para o caso invocamos a attenção do benemerito Governo — é que os pinheirais da região colonial vão desaparecendo em muita duzia d'annos, não se cogitando absolutamente do replantar a área explorada.

Vimos de percorrer a linha ferrea e sentimo-nos preza de fundas apreensões.

O que se está fazendo, ao longo da estrada, não é o corte racional da madeira da lei; é a derrubada intensiva, vertiginosa, desoladora, do pinho precioso! Só no trecho compreendido entre S. Luiz e Nova Veneza, foram montados nada menos de quize engenhos a vapor, que trabalham dia e noite serrando madeira. Existem alli em deposito, aguardando a abertura da estrada ao trafego, segundas informações (telegraphicas, cerca de 50 mil duzias de taboas destinadas á exportação.

O transporte rapido e facil, veio determinar essa actividade febril. Por toda parte, machinarias cyclopias devoram arvores, extinguem florestas. Desandando-se a terra, sem providencia, preavida, sem previdencia, dir-se-ia que a locomotiva ateou o incendio nos pinheirais da colonia...

São bem conhecidas as consequências calamitosas da devastação das matas. Não ha quem ignore que as queimadas, feitas pelos primitivos exploradores, nos sertões do Norte, tornaram a terra improductiva, arida, deserta, torturada periodicamente pelo flagello da seca. Foram aliadas as derrubadas imprevidentes que tornaram este ruin as encostas e os vales da Serra do Mar, no Estado do Rio, outrora exuberantes de seiva e de fertilidade pamosa.

Quem percorrer o vale do Cuiabá, por esse caminho solitario que é a estrada Rio Branco, verifica desde logo que os colonos alemães, alli domiciliados, tiveram a preocupação de conservar, em cada pequena propriedade, na parte alta da serra, uma caballeira d'arvores. E a fecundidade daquellas terras é ainda hoje prodigiosa!

O Brazil invoca, para o momento assumpto, a attenção dos poderes publicos.

Regressaram de P. Alegre, sábado ultimo, os nossos amigos capitão Antonio Ribeiro Mendes e Jacintho Godoy, director desta folha.

Os artistas carpinteiros festejaram segunda-feira o santo protector da classe, effectuando concorrido convésio, no salão de S. Pellegrino.

Para a capital do Estado, em permanencia alguma tempo, seguiu, ha dias, o procecto de cirurgião Dr. Luiz Cardelli.

Sabemos que a Companhia Telephonica Rio-Grandense (empresza Ganto) enviara braveamente um seu representante a esta villa, fim de obter subscriptores para a projectada linha de Caxias a P. Alegre.

Seria caso de darmos parabéns á população, especialmente ao commercio local, por tão importante melhoramento, si não fora o descalento em que caíram as ligações telephonicas da referida empresa nos vizinhos municipios de Montenegro e S. Sebastião.

Cogite a Companhia Telephonica de instalar um bom serviço, e estamos certos que não será difficil obter assignaturas.

O publico, que vai contribuindo para a instalação, tem o direito de exigir, autenticamente, que lhe assegurem a necessaria regularidade nas communicações para que não succeda aqui o que está occorrendo nas duas localidades citadas, onde o serviço é moroso e intermitente, de maneira a provocar geracoes e successivos clamores.

Do Montenegro regressou sabado o nosso prezado amigo e integro delegado de policia Francisco Nicolau Salerno, que alli fora em objecto de serviço.

Club Alliança—Commemora hoje o seu 1.º anniversario esta distincta associação local.

A's 10 horas da manhã effectuar-se-á o baptismo solenne do novo estandarte. Terminada a sollemnidade, os socios do Alliança dirigirão-se á incorporação ao Huel de Glória, onde será servido luto banquete.

A tarde, uma banda musical dará retreta defronte á sede social, realizando-se em seguida uma passeata pelas principaes ruas.

A noite, haverá sessão commemorativa, exercicios gymnasticos e baile de gala.

O edificio do club foi copiosamente ornamental, exterior e internamente, devendo produzir bello effecto a sua profusa illuminação a gas.

Gratas pela curvita com que fomos distinguidos.

O Brazil—A alteração por que passaram de passar o 2.º e 3.º officio e officinas typographicas desta folha — impediu-nos de dar á publicação a edição de subido.

Reiteremos os lamentos, ainda uma vez, essa falta involuntaria.

A exposição de Caxias

da fidelegre do exmo. sr. de Presidente do Estado o milhonos memorial, publicado por esta folha, no qual a luctuosa solicitação ao governo o auxilio indispensavel á realisação da projectada exposição regional.

O programma e regulamento da exposição, elaborados pela respectiva commissão, foram em vias de reparação de Obras Publicas, onde estão sendo devidamente estudados.

Aguardamos, confiantes, o despacho de benemerito Dr. Carlos Barbosa, que será deferido em vista da informação de pessoal tecnico da directoria de obras.

o nosso distincto collega O Republicano, de S. Sebastião, apenas teve conhecimento da nossa iniciativa, amparou-nos com entusiasmo, em suas brilhantes columnas, hypodocendo ao certamen a sua adhesão patriótica.

No adeantado Almoim Rio Grandeense, de propriedade do operoso industrial, nosso amigo Avelino Gernini, foi instalada a illuminação electrica, em todas as dependencias como ha tempos noticiaramos.

A inauguração teve lugar domingo findo, dando excellento resultado a distribuição da luz das lampadas electricas.

O monito, que apresentava magnifico aspecto, foi visitado por numerosos pessoas, que apresentaram felicitações ao esforçado industrialista.

21 de abril—Em homenagem ao grande dia da Patria, consagrado á commemoração dos martyres da fidelegre, foram montados em Tíndentes, todas as repartições publicas huestaram o pavilhão nacional.

A tarde, a banda S. Cecilia deu retreta á praça Dante.

CHRONICA

Venho de fazer, pela segunda vez, o trajeto ferroviario de Porto Alegre a Caxias.

Saio da capital ás 7, 30 da manhã, mal a soneira, triste, entrecruzada de aguaceiros.

En Neustadt somos forçados a mudar de comboio. Os passageiros, que são em grande numero, e na maior parte italianos, transferem-se de wagon, em armas e bagagens, numa precipitação de fuga.

Os carros são mais bellos, amplos e confortaveis, ligados a uma poderosa locomotiva italiana.

O trem percorre, com uma lentidão irritante, as camadas extensas que se desdobram, monotonas, entre o Rio dos Sinos e o Cuiabá.

Ovencos commoventes.

—Per Diem 15 kilometros por hora, em estrada de ferro, é uma velocidade irrisoria...

Porém, esta não será a velocidade normal, quando estiver aberto a linha, em toda a linha, os 195 kilometros que separam Caxias de P. Alegre, serão vencidos em 6 horas de viagem.

O primeiro, que reclama contra a marcha do trem, mette a cabeça á janela, e amancia, apressadamente, que está a vista o mouro de S. João.

Ha um alvoroço no wagon: todas as phisnomias se tensam, á porta specifico alarce proximo.

O trem volta com estrito ao r. e vizinhos terrenos pantanosos, charcos, depois uma planura arenosa, e os seguintes olmeiros—veste de rodular, e entra por fim na pure de Montenegro.

Maldade para a refeição, e eis-aos torcemente em marcha.

As margens do Cuiabá, de que nos vamos afastando, estão collocadas a 35 m., apenas, sobre o nivel do mar.

Da estação Cafundó em diante, começamos sensivelmente a subir. A paisagem muda de aspecto.

Distintos horizontes mais vastos e mais desolados, nítidos, o perfil analisa da serra.

Espanham, Victoria, Marcé... D'aqui por diante a viagem é exaltadora, indescritivel. O comboio serpenteia pela encosta dos montes, boiando abismos.

São surpreendentes os panoramas que se desdobram, de um e outro lado da linha. Vales ridentes, com hvores symmetricas, aguas suaves, riuvis, aldeias, torres goticas, pequenos bosques de pinheiros, pomares, casinhas que surgem, aqui e ali, por entre tolas as tonalidades do verde...

Sabido, o comboio precipita-se na treva: na tunnel! Depois uma forte rampa, contornando o presépio e elegre, no alto, a escadã da linha Bonita.

Olho pela janela do wagon: um desdobramento daquella altitude (500 m. aproximadamente), divisa-se e mais grandioso, pinhais e empolgante panorama do Rio Grande do Sul.

Outros trechos bellissimos se nos apresentam á vista: S. Salvador, S. Pedro, o Burdo. Pouco além, numa curva da linha, patentiza-se, de chofre, um extenso vale, que deitamos a ver so longe, a dezenas de kilometros, S. Sebastião do Cuiabá.

Conçucam a surgir os primeiros pinheiros e envergaduras casinholas de madeira... Vãos penetrar nos domínios italianos.

Chegamos a Carlos Barbosa ás 4 horas e 30 minutos da tarde.

ANEXO D - "Em Caxias"

ANNO I	RIO GRANDE DO SUL - BRAZIL -	NUMERO 20
Cidade de Caxias		
ASSIGNATURAS: Annuo 82000 Semestre 52000 Numero avulso 8200	ORGAN REPUBLICANO APARECE AOS SABBADOS.	Anuncios e publicações a preços con- vencionaes. Não se restituem originaes.
DIRECTOR - FRANCISCO SALERNO	CAXIAS, 4 DE NOVEMBRO DE 1911	GERENTE - ARTHUR DE LAVRA PINTO

A mensagem

Levamos finalmente a cabo o minucioso resumo que fizemos da mensagem Presidencial, apresentada à Assembleia dos Representantes, no dia 20 de Setembro ultimo.

Os leitores do modesto "Cidade de Caxias", que nos acompanharam no succinto apanhado desse documento verdadeiramente importante, altamente patriótico, estão agora a par do que se passou, administrativamente no Rio Grande, no ultimo exercicio, sob a gestão fecunda do Exceleso Dr. Carlos Barbosa Gonçalves.

De cada linha da mensagem resulta a moralidade da nossa administração, com a aplicação sumamente escrupulosa dos dinheiros publicos; resulta o progresso do Rio Grande, em todos os ramos em que se divide a acção governamental; resulta, sorridente e promettedor de eras prosperas e felizes, o futuro do nosso caro Estado, pois que, pelo passado e pelo presente, pode-se antever o que ha de vir.

Quem acompanhou o evoluir da vida administrativa, desde o saudoso patriarcha Dr. Julio de Castilhos, desde o filho impetuoso e predilecto dos pampas que é o Exceleso Dr. Borges de Medeiros, até a actual gestão do abnegado patriota Dr. Carlos Barbosa, não pode deixar de se convencer que o Rio Grande do Sul marcha a marcha, a passos gigantes, sem hesitação alguma, sem parar sequer um instante, na senda do engrandecimento.

Este facto é verdadeiramente auspicioso, e, si vamos analisar as suas causas, ellas se reduzem a duas.

Primeiro, no estado actual do Rio Grande, um partido republicano, perfeitamente bem organizado, modelar no Brasil inteiro, podendo servir de exemplo a todos os partidos das republicas americanas e mesmo dos paises da velha Europa. Fundado pelo consolidador das nossas instituições, o impercível Dr. Julio, este partido se manteve, sempre coheso, cada vez mais pujante e forte, sob a sabia direcção do Exceleso Dr. Borges de Medeiros. Esta agremiação politica, que tem em suas fileiras os prohomens do Rio Grande, dentre os quaes foram escolhidos os nossos Presidentes, sempre e unicamente zela pelo progresso desta terra, pelo engrandecimento do membro importante, o primeiro inter pares da Republica Brasileira. Attento o patriotismo, attenta a abnegação do bravo republicano rio-grandense, que tem como mentor dirigente o cerebro de um Dr. Borges de Medeiros e do qual só irradia luz para o bem, é que o nosso amado Estado continuava, emquelle combecido, saudando os Castilhos, vencendo todas as difficuldades para galgar, dentro da lei e da moral, os píncaros

da nossa felicidade, para alcançar a perfectibilidade maxima da nossa administração.

Por outro lado a nossa imprensa publica, profundamente harmonica com a nossa politica, desenvolveu a sua acção patriótica, mostrando ao povo, annualmente, o estado em que nos achamos em todos os departamentos em que se divide a função administrativa dos nossos primeiros magistrados. E este estado prospero, promettedor sempre de melhores dias, os nossos leitores o conhecem. Ao encerrar, pois, a resenha feita na gestão administrativa do exercicio findo, uma vez conhecido o seu valor e as suas causas remotas e proximas, illudidos entre si sem solução de continuidade, não podemos deixar de nos regozijar como rio-grandenses, e, como republicanos, relembando a memoria do Patriarcha saudoso, qualitecendos os meritos dos Excelesos Dr. Borges de Medeiros e Carlos Barbosa, não podemos deixar tambem, como preito de homenagem a estes estadistas supremos, de erguer um entusiastico salve de applausos à politica dos pampas, a administração modelar rio-grandense.

hossos olhos curiosos indagamos de tudo e de todos, té que um baluarte, gordo como o renome, apontamos, de longe, e, principal, cheio de bellos dias, em cujas vitraes o sol dardava furiosamente raios de vida e de luz...

Enquanto o carro subia lentamente a rua, rostos rispidos espargiam notas alegres, crebando-se as janelas, e olhos irrequietos, deixavam transparecer um encanto harmonioso e um mysticismo adoravel... A musica saudava-nos, desferindo pela rua e se esparia documentando as ruas, movimentando Caxias e assustando os passaros nos ninhos...

Foi assim, entre a poesia da alma humana e a soberana graça da natureza verde, que vos vi Caxias e vos saudai, oh bonos caxienses, carinhosos filhos desta terra, onde palpita eloquentemente e febril todo o valor de tanto e se esparia documentando as ruas, movimentando Caxias e assustando os passaros nos ninhos...

Bento Gonçalves, 31 - 10 - 1911
Renato Costa

Sophia

Foi na sala branca de leveos listros d'ouro, que eu a vi interpretar um dia ao piano Mendelssohn, Schumann, as fugas de Bach, as symphonias de Beethoven.

Tinha um nome biblico, lembrando palmeiras e cinternas: chamava-se Sophia.

Era alta, de uma brancura de hostia, como certas aves esguizas que os aviarios conservam e que ali vivem num grande ardor de nostalgia de selvas, de matas cerradas, de sombrios bosques.

Nervosa, de um desdenhalgo de fria flor dos gelos polares, e triste, trahia a Arte aquelle altivo aspecto, a orgulhosa cabeça erecta em frente das partituras, que os seus olhos garços liam e que os seus dedos rosados e aristocraticos executavam com perfeição, com claro entendimento nas teclas.

E de todo esse nobre perfil de imagem de jaspes, irradiava uma harmonia vaga, melancolica, uma aureola de pungitiva amargura, mais desolada que as symphonias de Beethoven, como se todas aquellas musicas excedas tivessem sido inspiradas n'ellas.

O aromas, subtilissimas

essencias dos finos frascos facetados do luxoso boudoir d'essa musical Magnolia; aromas vaporesos, maravilhosos perfumes que incensavam, á noite, de volupia, a sua alcova, como as purpuras bocas das rosas, falai a linguagem alada que as vozes humanas não podem fallar e dei os murmúrios estranhos dos sentimentos imperceptíveis, immaculados, que alvoreçam a alma ansiosa d'essa sonhadora Sophia.

Só os aromas, só os fluidos luars de expressão, o rythmo ineffavel para contar que latentes palpitacoes traz Ella no sangue, que chamam d'astro, lhe inflamma o peito, quando volta triste dos concertos egreios e se enclausurase na alcova - muda, muda, talvez sob a névoa das lagrimas, na emovente concentração dos que morrem amando.

Cruz e Sousa

As cooperativas em Minas

O Estado de Minas acha-se seriamente preocupado com o seu desenvolvimento agricola.

Assim, cada zona vai, dia a dia, aperfeiçoando os productos de sua especialidade, introduzindo os processos modernos da sua cultura, bem como os methodos adoptados nos paizes cultos, criando os auxilios mutuos, os syndicatos e que todos sabem o que devem as industrias de hoje.

As cooperativas agricolas tem, naquella Estado, recebido um grande impulso, notadamente nos ultimos governos do dr. João Pinheiro, do dr. Wenceslau Braz e do coronel Bueno Brandão.

A 27 do mez passado, foi fundada a Cooperativa Agricola de Guanabara, com sede em Patrocínio de Guanabara, na comarca do mesmo nome, e destinada especialmente, a promover a cultura do fumo n'aquelle uberri-mo municipio mineiro.

A primeira reunião da cooperativa, esteve presente o representante do governo do Estado, dr. Teixeira Duarte, havendo assignado acta 75 socios, foram logo tomadas 200 ações de 508 cada uma, sendo eleita a primeira directoria.

Outros melhoramentos que muito concorrerão para o desenvolvimento do Patrocínio de Guanabara vão ser ali brevemente inaugurados. Entre elles destacam-se a luz electrica e uma estrada de ferro, concebida pelo governo de Minas, a qual, partindo da estação da Piedra Corrida, na Estrada de Ferro Victoria a Diamantina, passará por S. Miguel de Guanabara

subindo o rio Correntes até Patrocínio.

Todos esses melhoramentos são devidos, em grande parte, aos organizadores da Cooperativa Agricola do Patrocínio, que muito se tem esforçado pelo desenvolvimento de toda a zona compreendida pelo municipio de Guanabara, um dos mais ricos e adelantados do Estado.

(Do Correio da Manhã).

O eyanureto de potassio como inseticida

Poucos dias, antes do seu fallecimento, o illustrado dr. Graciano de Arambujá remetteu-nos a seguinte nota de grande utilidade pratica para os agricultores:

"Sobre esse efficacissimo inseticida, actualmente empregado pelos fideiros e mais praticos em pomicultura escrevi a pouco tempo o sr. J. R. Monteiro da Silva no Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro. A seguinte carta, cuja leitura muito recomendaríamos aos interessados:

Este emprego foi indicado pelo sr. Th. Maubili, em uma noticia que o sr. Honnequy apresentou á Academia de Sciencias na sessão de 3 de Janeiro de 1910.

Actualmente destroem-se os insectos phytophages de vida subterranea, injectando-se no solo insecticidas volatiles ou productos que pela decomposição espalham gases toxicos.

O mais empregado desses insecticidas é o sulfureto de carboma, que actua energeticamente, apresentando, porem, os inconvenientes seguintes:

O seu cheiro espanta os animaes, facilitando a fuga dos que vêm á superficie do solo. É muito toxico para os vegetaes e destrui muitas vezes a planta que se quer proteger.

Intorrompe as fermentações do solo e por isso retarda a sua fertilização ou suprime os effectos calvarificos que se dão n'estas fermentações.

O eyanureto de potassio utilizado da mesma maneira tem acção muito energica e não apresenta os inconvenientes do sulfureto de carboma.

Quando injectado no solo em solução aquosa, sofre uma decomposição proveniente da acção do anhydrido carbonico ou do bi-carbonato calcico, que pelas reacções de equilibrio deixa desprender pouco a pouco, acido cyanhydrico de sua combinação.

O gaz, assim posto em liberdade diffundindo-se no solo, destrui todos os animaes que ali se acham.

A applicação do eyanureto de potassio é feita por meio de um injector de modelo commum, empregado em agricultura.

O solo deve receber algumas aberturas de enxada ou pá, d'ahi pelo governo de Minas, a 6-15, por metro quadrado, conforme a sua permeabilidade, injectando-se em cada fenda 8-10 grs. de eyanureto de potassio a 200 grs. por litro

EM CAXIAS

A locomotiva deslizaia velozmente pelos trilhos como uma serpente monstro, encanfundando-se horrivel e magestosa, pelas montanhas de dentro, devorando os pampas rivosos e a mão olympica de Deus bordando sobre a terra, imprimindo sobre tudo a feição archaica dos velhos recontos da Europa...

E a Sineza rissonha dos vellos e dos lucros sacos no coração de Caxias, alegre como um sorriso de creança, a despertar lendas de amor e castellos enfeitados de sonhos e poesia.

O céu se turva e pouco a pouco, lentamente, as nuvens partem, desenhando no infinito, figuras bizarras de monstros e imagines grotescas de heróis!

Aproximam-se as primeiras casinhas de operarios, estendidas no leito da estrada, agrupadas, vendo-se as portas, creanças multapiplas desfilando canções saudosas e cheias de um ritmo monotono...

As laranjas, como bolas de ouro, riem á curiosidade do viajante, balançando-se espreguiçadas diante á sombra das folhas irrequietas, imprimindo em tudo uma nota de vida e de alegria...

E a machina infernal, rompendo as colinas, saudando a toda, grita e montanhas de fumo revolam-se no espaço e Caxias apparece ao longe, toda branca e suave, como um mytho divino...

A locomotiva pára rapida e uma multidão de bons caxienses, invade-a, abraçando este ou aquelle combecido, saudando os estranhos com um riso alegre e delicado.

Tomamos de um carro, e os

ANEXO E - "Inconcebível"

ANNO 1

O ESTÍMULO

NÚM. 7

O Estimulo

No empenho de corresponder ao generoso acolhimento que lhe ha dispensado a digna população desta bella terra, o «O Estimulo» num tour de force fez aquisição, de uma excellente «marionni», habilitando-se assim, não somente a augmentar o seu formato, mas tambem a attender com presen- teza e perfeição á affluencia de trabalhos avulsos.

Terão, pois, os nossos favorecedores, de Janeiro proximo em diante, sem alteração de preço, o pequenino «O Estimulo» com sua estatura desenvolvida, quasi «adulto», graças á aura tonificante do meio em que nasceu.

Será um milagre de precocidade que poderia ser perigoso se não fôra o proverbial cavalheirismo dos Caxienses.

E, si por uma anomalia, lhe faltasse o amparo de que carece, restar-lhe-ia a satisfação de haver dado uma prova material do seu reconhecimento pelo apoio que até aqui lhe tem sido dispensado.



Triolet

E' tão modesta e mimosa
Adelina Stangherlin!
Tem as faces cor de rosa
E' tão modesta e formosa
Como a açucena mimosa.
Nunca vi rostinho assim!
E' tão modesta e mimosa
Adelina Stangherlin!

Ozy

Inconcebível

E' verdadeiramente inconcebível o que se está passando com a viação ferrea!

O clamor do commercio, da industria é unanime, de todos os lados! Os prejuizos deccorrentes da falta de vagões, que a incuria e... porque não dizel-o, da desconsideração da companhia, avolumam-se de uma maneira imprecionante... Os dias succedem-se, passam as semanas, esgotam-se mezes e... o commercio continua, paciente e resignado a esperar pelos vagões «mythologicos» da companhia auxiliaire.

Mas, não é o descaso da companhia estrangeira que nos impreciona, é sim o (pelo menos apparente) desinteresse dos poderes publicos do Paiz... Já não ha mais para quem appellar! Resta tão somente ao commercio, á industria, o «recurso» de... deixar-se de finhar e... morrer.

Edeificante!...

Secção para os escolares

Qual é o verbo de uma só syllaba, que lido de traz para diante, fica sempre com o mesmo sentido?

O amor da patria é comum a todos os homens; esse amor é tão natural e poderoso que domina todos os outros amores.

Esteve deveras bom o baile do Tiro!

Muita moça, franca alegria, muitos «barbantes», alguns «arrufos», etc. etc. etc.

O moço Astrolabio sahio fora do sério, alugando «canto» com uma gentil forasteira; o «professor» Mariante dançou todo a noite de par effectivo com a sua galante «diva»; o Aristides «meio absolutamente» comovido ante as demonstrações de apreço que lhe foram feitas por uma mlle., sua ex-namorada, decidiu-se a manter uma «permuta barbantifera» para com a mesma; o Chagas «grelou a lo grande» uma forasteira; mas, de tudo isso o que mais nos admirou foi ver o Dr. Dias, o Dr. Dias por quem eramos capazes de metter a mão no fogo, de forte conquista com uma interessante «loira»...

Galeria Gentil

Eil-a: modesta e meiga como as açucenas. Tez clara, de nm rosado esmaecido.

Dos seus olhos, de um castanho encantador, desprendem-se torrentes de infinitas doçuras.

Ilumina-lhe os rosados labios, um sorriso constante, acariciador.

Tem nos cabellos a negrura das noites de procella. Reside em Bento Gonçalves onde é geralmente estimada.

Ha quem a chame desdenhosa, eu, porém acho-a — simplesmente bella.

Caxias, 22—12—1916.

Magnus

ANEXO G - "Reparos"

EVOLUCIONISTA

Director: João Garibaldi Rolim

Orgão Independente

Gerente: Francisco de Paula Leitão

Anno P.

(Estado do Rio Grande do Sul — Brasil)

Caxias, 27 de Setembro de 1915

N.º 4

Senador Pinheiro Machado

Guarda afinal a terra Gau-
cha o corpo de seu dilecto
filho!

O Estado inteiro prestou-
lho as últimas homenagens,
ajouilhando ante o cadá-
ver do heróico representante
de uma raça que sabe morrer
com valor, defendendo com
altivez os seus ideais.

E n'esse momento angus-
tioso para os herdeiros dos
legendários Farrapos, tiveram
os Rio-Grandenses o reconfor-
tante consolo de ver — que
tudo o Brasil — por inter-
médio dos Governos Federal
e de todos os Estados da
União, — prestário ao gran-
de filho destas plagas, os mais
significativos protestos de admiração e respeito, nas carinhosas
manifestações de pesar pelo trágico fim do Senador
Rio-Grandense.

A unanimidade do sentir,
manifestado pela condenação
positiva, mesmo dos mais
intransigentes dos seus adver-
sários, prova a grandeza moral
de l'ustador, que cabia
com todas as honras, no seu
posto de combate.

Para o homem publico, o
respeito de seus inimigos, é a
maxima gloria conquistavel.

E esta teve-a, completa, o
illustre Senador Galício.

Guardemo-lhe a memoria!

VISCONDE DO RIO BRANCO

A justiça da historia póde
já sagrar benemerito da Pa-
tria o grande brasileiro, a
quem devemos as primeiras
leis, que destravaram a estrada,
para as conquistas da com-
pleta liberdade do nosso po-
vo, pela extinção da moncha
negra, que nodava a nossa
vida de povo civilizado.

A lei de 28 de Setembro de
1870, foi o primeiro e o mais
forte golpe desferido contra
a instituição da escravidão
no Brazil, e o seu signatario,
se outros e muitos e grandes
meritos não o recommendas-
sem a gratidão dos brasilei-
ros, teria, só n'esse facto, um
inestimavel titulo a nossa
admiração e respeito.

Homenagens á memoria do
grande estadista brasileiro,
que foi o benemerito Viscon-
de do Rio Branco.

Notas á margem

Pertencem ao multi-milhão-
rio Carnegie, que allia nos
seus dollars as qualidades de
philosopho e escriptor, as se-
guintes palavras: «Vive com
o que ganhares, por pouco
que seja».

Este preceito, que devia ser
religiosamente observado por
todos, também é applicavel

aos nossos governantes a
quem compete o emprego dos
dinheiros publicos.

Infelizmente entre nós essa
theoria não tem sido posta
em pratica. Temos gosto sem
conta nem medida. Cada pre-
sidente que ascende ao posto
culminante da Republica, de-
seja deixar assignalada a sua
passagem pelo governo com
grandes melhoramentos cujo
custo excede muito de nossas
rendas. E dahi os deficits,
as moratorias e não muito
longe a bancarrota.

Entretanto o remedio heróico
para tantos males alli está,
á mão.

O Dr. Alvaro Baptista des-
istando da metade de seu sub-
sidio pôz em pratica um
meio capaz de nos salvar do
alvimo que nos ameaça.

Aquelles 508000 dinheiros que
o illustre deputado pelo Rio
Grande do Sul deixou de re-
ceber, são, não ha duvida,
uma gota d'agua no oceano;
mas o exemplo, que diz mais
do que mil discursos, ali fica,
como uma lição edifican-
te.

Si todos o imitassem, callos-
ando os interesses da Patria
em dos interesses pessoais;
si acabassemos com esse in-
finito de pensionistas e reforma-
dos, si extitassemos esses mil
debarbatores de nossas rendas;
uma nova era surgiria, esplên-
dida, magnifica!

Intentemos o Dr. Alvaro Ba-
ptista, applicar aos publi-
cos dinheiros o consilio de
Andrew Carnegie, e o Brazil
terá mais de soffrer a
vergonha de deixar de atten-
der aos seus compromissos.

Do patriotismo de todos os
brasileiros depende a salvação
da Patria estremeçada!

Jacil.

Palestra Medica

Alguns estudos therapeuticos
sobre o chlorel, (aldehydo
ethylno trichlorado)

Essa medicação foi intro-
duzida na therapeutica em o
anno de 1893, pelo Dr. Lie-
breich, medico allemão. Elle
com todos os productos de
laboratorio que surgem, teve
a sua applicação, calhino logo
após, sem no entanto ter a
medicina uma succedaneo que
o substitua legalmente.

A sua accção medicamentosa
é nos, são directores: hypno-
tico, sedativo, calmante,
e catot-convulsivo. Tem tam-
bem o seu papel importante,
empregado externamente co-
mo antiseptico, quer na lava-
gem de feridas, quer nas mo-
lestias secretas da mulher.

Os grandes medicos — ali-
correa fortes da medicina
Francesa — Chopard, Belliere,
Mortineau, Garriquet, e muitos
outros, proclamaram-no como
medicamento radical em mul-
tos casos clinicos. Mas, a

therapeutica moderna, que na
faina de «evoluir», anda mais
tem feito do que descobrir
medicamentos derivativos ou
associações, esquecendo-se do
alto valor da «base medica-
mentosa», creia complexos que
a tem suplantado na elegancia
do appellido, porém, como nos
tem provado a pratica, jámais
em o seu effeito therapeutico.

E essa grande multidão de
medicamentos novos — como
se diz nada mais vem fa-
zer do que, lidos nas Revistas
de reclamo, abusar da «sino-
cencia» daquelles que se de-
ixam levar pelos elogios de
quem quer vender. (1)

Já estavamos nos escapando
do que nos faz assumpto,
— parecendo que, como fazem
os descobridores das «indica-
ções» quando as tem que in-
gerir, queremos fugir do que
diziamos sobre um dos nos-
sos sympathicos, o chlorel.

Elle, como todos os outros
que tem cabido, parece que
vão victoriosamente alevan-
tar-se, no vasto campo da cli-
nica medica. A sua applica-
ção no tratamento da coque-
luche, é certamente um dos
modos mais simples — sem ba-
julção — de ajudarmolo a
relaxar o seu lugar impor-
tante dado á elle, não pelo
seu nome «germinal», mas, pelo
que dissimula aquellas co-
lebridades medicas, ás quaes
ouvimos religiosamente, e pe-
lo que temos observado em
a nossa pratica medica.

Numa familia, moradora
em Porto Alegre, fomos cha-
mados para tratar a uma me-
nina que soffria ha um anno
de coqueluche, tendo ainda
um numero extraordinario de
crises; o chlorel, administrado
em um vehiculo doce e aro-
matizado, na dose de 2%
exerceu uma accção notavel,
e o numero de accessos, no mes-
mo dia em que foi absorvido
pela doentia, diminuiu es-
pantosamente, 50% mais ou
menos, ficando completa-
mente curada no pequeno espaco
de 10 dias! Em casos tam-
bem de tosse de origem
grippal, o chlorel dá optimo
resultado, desde que não
haja necessidade de um ex-
pectorante e sim de um sedati-
vo.

Creemos portanto, com esta
tão solidaria de o chlorel,
para empregar a sua
efficacia e conseguindo apro-
prio aos seus irmãos de 1893.

Dr. Diniz.

SECÇÃO RELIGIOSA

Fé, Esperança e Caridade

A fé é a chama sagrada
que nos abraza o coração; a
luz radiante, pura e sublime
que nos illumina o entendimen-
to; o fogo divino, que nos
purifica, que nos salva — é a
maior força!

A esperança é o mensagei-

ro carinhoso que nos faz ca-
minhar sem assombros, sem
temores, sem recessos; guian-
do-nos a esperança, somos ca-
pazes de afrontar horrores,
procurar o impossivel, dese-
jar o sobrenatural: — é a mão
dos grandes feitos!

A caridade é filha meiga
do puro amor. É ella que
instilla no coração do soffri-
dor, do misero, do atribulado,
o bálsamo allivador de suas
penas — é o caminho florido
que nos conduz ao Céu!

C. P.

CRUZ VERMELHA

Em beneficio da Cruz ver-
melha, de Italia, teve lugar
na noite de 20 de Setembro,
com extraordinaria concen-
dencia, no Theatro do Club
Jureuil, uma festa que muito
agradou pelo optimo desem-
penho do seu variado pro-
gramma.

Foi levada a scena o velho
drama «Cornelia», que teve
na Sra. Corina Stangherlin,
uma interpretação digna de ap-
lausos, no difficilissimo pa-
pel de protagonista, uma Cega.

Sendo a primeira vez que
canta as taboas de um paleo,
a intelligente joven annuñda
revelou acentuada vocação
para a arte de Moipponne,
recolendo, do 1.º ao ultimo
acto, farta messe de antihis-
tórias palmas.

Os demais amadores: Sra.
Aurelia Falabrini, Sra. An-
tonio Mottola, Eudora Monta-
guti, Ernesto Biffignandi e
Adelmir Louardi, tanto no
drama como na comedia, por-
taram-se bisarramente, com
muita correção, em os papéis
que lhes foram confiados.

Os Srs. Henrique Lorenzoni
e José Bellini, apesar do es-
treantes, portaram-se muito
bem, merecendo, justos victo-
rias.

Após o drama e comedia,
fecharam com muita graça, as
interessantes meninas, os se-
guintes monologos:

Cruz vermelha — a galante
e intelligente Ione Roma.

Chinchichirri a entusiasta
lha preciosa, Maria Artico.

Os ariadores, — interessan-
te duo lyrico, por Maria Ar-
tico e Biaggio Rossi, esteve
maravilhoso.

Vestido a caracter, com um
typico fardamento da bersa-
glieri, o pequeno indiabrado
Sylvio Mottola, com graça o
pôz incomparavel, recitou os
monologos: «Amor de Patria»
e «La nostra bandiera» que
foram bisados.

Muito concorreu para o
brilhantismo da bella noite, a
bem affinda orquestra que,
com maestria, atacou lindis-
simas musicas, dirigida pela
eximia pianista, Exma. Sra.
Dna. Miloca Rosa.

Os hymanos Brasileiros e
Italianos foram ouvidos de pé,
pelos espectadores.

A commissão de recepção,

composta das senhoritas Cle-
lia Spinato, Jaconi, Buratto,
Paternoster Sylvia Brazy-
rolli, com suas *follees* de apa-
rado gosto, e simpatia, realça-
ndo a belleza de que
são dotadas, deram a nota
chic da elegancia, que ali
representavam, dignamente.

Reparos

Apresicior de tudo o que
se relaciona com o progresso
desta terra, venho hoje offe-
recer uns pequenos reparos,
alías indispensaveis, sobre o
pessimo estado, de algumas
ruas desta cidade, as quaes,
representam o papel de *estada-
das* da nossa municipalidade.

Principiamos pela rua An-
drade Pinto, especialmente
na quadra entre as ruas Vis-
conde de Pelotas e Garibaldi,
a qual, faz em estado quasi
intransitavel as pessoas a pé;
sendo que, cavalleiros, carros
e carretas, não têm a *honra*
de por ali passar. No entre-
tanto os moradores da men-
cionada quadra, pagam, como
os felizes moradores de ou-
tras ruas, os impostos de de-
cima urbana, etc. etc.

Tambem a quadra da refe-
rida rua, entre as do Mar-
quez do Herval e «Chachá
Pereira» proximo ao «Café
Nora» está quasi em identicas
condições. Não conseguimos
saber qual o motivo de ta-
manha antipathia, dos poderes
competentes, pela despesada
rua «Andrade Pinto». A rua
Simimbi, tambem é digna de
reparos, especialmente na qua-
dra entre as ruas «Alfredo
Chaves» e «Sabão», onde exis-
te um grande declive, o qual,
causa difficil accesso as carro-
tas carregadas, que conduzem
taboado dos eugenhos para a
Estação, assim como outras
cargas.

Ora, sendo prohibido
passarem carrotas carregadas
pela rua «Julio de Castilhos»
os poltres carreiros, são
obrigados a transitarom pela
rua Simimbi, principalmente
aqueles que carregam vinhos
das casas dos Srs. Antonio
Pieruccini, Adolpho Silva e
Cia, e outros.

Sendo os reparos a
que nos vimos referindo, pou-
co dispendiosos, é mais do
que justo que, a municipali-
dade os mande effectuar o
quanto antes.

Dentro em breve, estaremos
na estação calmosa, tempo es-
se em que teremos, como nos
outros annos, grande numero
de veraneantes, que naturalmen-
te nos ereticarão, dizendo: —
Caxias, tem dinheiro para
fazer «Avenidas», mas não
tem para concertar as suas
ruas.

E, isso, é uma pura verda-
de.

Caxias, 21-9-1915

Kok

ANEXO H - "Pela cidade"

O POPULAR

Escola S. de Commercio

Foi installada, quarta feira ultima, a Escola Superior de Commercio, organizada nesta cidade por iniciativa do advogado Demetrio Niederauer, director desta folha.

A nova instituição destina-se a ministrar á mocidade caxiense grande copia de conhecimentos uteis e indispensaveis á vida commercial e industrial, que constitue o principal meio de vida do povo desta cidade.

Por ora funcionará somente o curso theorico e pratico de guarda livros, que conta já com boa matricula.

O corpo docente está assim constituído:

Cadeira de portuguez : lentes effectivos — Dr. Cyro Passos e Demetrio Niederauer; substituto, dr. Olmiro de Azevedo.

Arithmetica : lente effectivo — (vaga provisoriamente); substituto — D. Niederauer; Cadeiras de escripturação mercantil e contabilidade — effectivo — Hugo Argenta; substitutos — João Chrysostomo Gonçalves e Adauto Cruz.

Algebra : dr. Augusto Cattergiani.

Francez : dr. Luiz Esquier.

Inglez : H. I. Lehman.

As demais cadeiras serão provisoriamente attendidas pelo director da escola.

FORO

João Mendelsky, auctor da morte do inditoso Angelo Prezzi, constituiu seu defensor o dr. Olmiro de Azevedo.

João Sambaquy

Dentista

Um dos mais antigos gabinetes de Caxias
TRABALHOS A CAPRICHIO
RUA GARIBALDI

ARGEU DE BEM

Diplomado em cirurgia dentaria

Offerece seus prestimos com tratamento rapido, indolor, garantido e a preços modicos.

Rua Julio de Castilhos, 68

VIDA SOCIAL

Viajantes

De sua viagem de recreio á praia de Torres regressaram os nossos distinctos amigos dr. Celeste Gobatto e Orestes Manfro, respectivamente intendente municipal e presidente do Conselho.

— Para Porto Alegre, onde vão continuar seus estudos, seguiram as gentis senhorinhas Alda Muratore, Zaira Eberle, Adelia Eberle, Genny Bertini e Ida Bertini.

Seu embarque esteve muito concorrido, tendo-se feito representar por um grupo de ex-colombinas o Cordão Juventudista.

— Está nesta cidade a exma. sra. d. Egide Cartier.

— Está na cidade o sr. José Sassi, do commercio de P Alegre.

— Encontra-se novamente nesta cidade o nosso amigo dr. Aureliano Gomes da Costa, proecto advogado residente em S. Maria.

Enfermos

Está gravemente enferma a veneranda senhora d. Maximilia Paim, tia dos srs. general dr. Firmino Paim e coronel Elisario Paim.

Esponsaes

Com a exma. senhorita Amelinha Rocha, filha do sr. dr. Octavio Rocha, contractou casamento, em P. Alegre, o nosso distincto amigo dr. Jorge Mello Guimarães, ex-juiz districtal de Caxias.

— O nosso apreciado amigo Gaspar Antunes de Oliveira, de Bento Gonçalves, contractou casamento com a gentil senhorita Stella Canini, de Garibaldi.

PELA ARTE

Acompanhado de seu representante sr. José Rodrigues Pinto, está nesta cidade o notavel pintor patricio sr. Araujo Lima, a cujos trabalhos a critica tem feito os melhores elogios.

Esse artista fez uma exposição de seus trabalhos no salão de exposições do atelier photographico do sr. Giacomo Geremia.

PELA CIDADE

Quanta chuva . . . Caxias dorme e accorda, vae para uma semana, ao embalo monotono de uma chuvinha meada e friorenta. Dir-se-ia que o inverno chegou. E chegou carrancudo, fazendo vêr á gente que elle é bem o inverno — o inverno do pinhão quente e do amendoim torrado, á lareira, na meia luz dos brazeiros crepitantes. Mal anoitece ha como que uma paralyção de tudo. Nas ruas desertas, uma que outra sombra desliza á luz morticia das vidraças fechadas. E assim se escôa a semana lacrimosa deste meado de Março.

E ahí ficam as consequencias dolorosas de tanta agua : caminhos barrentos, estradas intransitaveis, ruas... ruas, ai, Senhor, tambem intransitaveis como as estradas do Raposo... Não custa muito uma olhadela para a rua Sinimbú, trecho que vae da Alfredo Chaves á rua Saboia. Em materia de lama e buracos será difficil encontrar coisa melhor. Ademais, não ha alli uma calçada, um trilho de pedra, uma carrada de cascalho, nada. Afunda o auto. O carregão afunda. Atoam-se homens e animaes. Inda hontem deu-nos pena ver aquella empregadinha do sr. Abramo Eberle deixar no lodaçal insidioso e vil seu sapatinho burguez. Claro que nisso tudo não vae culpa ao poder publico. Quem mandou a moça andar de sapato ?

O dr. Celeste Gobatto, que se tem revelado um administrador na altura das exigencias do municipio, de tudo cuidando afanoso e solcito, poderá muito bem mandar que alguém olhe para a rua Sinimbú... Alli ha transito, ha movimento. Ella está a pedir uma turma de trabalhadores munidos de alviões, pás e galeota.

E cascalho, muito cascalho.

Não fica bem para Caxias, que é moça e bella, ter a enlameal-a, num flanco, um atoleiro que se diz rua. E aqui estamos para auxiliar a administração municipal, elogiando-a nos emprehendimentos louvaveis o apontando-lhe as falhas na interenção do bem publico.

Marcio NOBRE

ANEXO I - "Modos de ver"

O POPULAR

Director: DEMETRIO NIEDERAUER

ANNO I

Estado do Rio Grande do Sul—Brasil

Caxias, 7 de Março de 1929.

NUM. 14

Banco Nacional do Commercio

Recebemos um exemplar do folheto em que este acreditado estabelecimento bancario publica o relatório apresentado pela sua directoria à assembléa geral de accionistas, em sua reunião ordinaria do corrente anno relativo aos negocios de 1928.

É um documento que vem pontuar, a qualquer um que se interesse pelo progresso do nosso Estado, quanto valioso é o concurso que esse progresso tem trazido o Banco Nacional do Commercio, servindo como tem sido, por uma direcção esclarecida e inspirada patrioticamente. A filial desse estabelecimento, nesta cidade, de cuja actividade estampamos hoje um cliché, destructa, ha annos, a preferéncia de uma distincta clientela, além de um conceito digno de nota, pela correcção do pessoal que nelam trabalha.

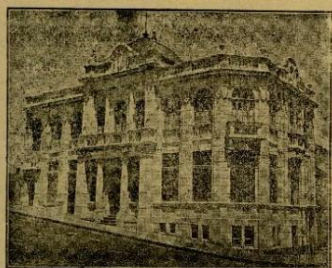
É seu actual gerente o sr. Bolívar Perez, já bem conhecido e vastamente relacionado na sociedade caxiense.

Sobre o relatório de que acima tratamos, os nossos prezados collegas d'A Federação, de Porto Alegre, publicaram as linhas abaixo, que com a devida venia transcrevemos.

«Vê-se, por este documento, a maneira notável por que vão se desenvolvendo os negocios deste estabelecimento que, sem favor algum, pôde ser equiparado ás melhores instituições "congeneres" do nosso país, quer quanto á sua organização modelar, quer sobre o seu ratio de acção que

Rs. 211.644:187\$500

ou seja, um excesso, de Rs...



se vão desdobrando cada vez mais, promissora e efficientemente.

De anno a anno resalta brilhantemente a actuação do Banco do Commercio em nosso meio financeiro, demonstrando-se, assim, a bella orientação que lhe têm imprimido os seus directores.

A agricultura, a industria, o commercio têm encontrado sempre nesse estabelecimento férre apoio ao seu desenvolvimento, tornando-se, deste arte, o Banco Nacional do Commercio um dos melhores pioneiros na luta travada pelo Rio Grande do Sul em prol de sua emancipação economica.

Os algarismos constantes do balanço encerrado em 31 de dezembro do anno findo são a confirmação de que acima dissemos, pois elles nos demonstram o prodigioso desenvolvimento das operações realizadas pelo Banco Nacional do Commercio no referido exercicio.

Confrontando-se os resultados de seus trabalhos e o saldo do balanço encerrado em 31 de dezembro do anno findo com os resultados dos períodos financeiros de 1927 e 1928, resultam em favor desta somma de grande vulto a attestação e conceito inquestionavelmente brilhante, resultante da preferéncia que o Banco tem sabido granjear.

Aos seus accionistas distribuiu dividendos no montante

de Rs. 2.250.000\$000, no anno passado; dotou a conta «Fundação de Integração de Capitais» com importância de Rs. 250.000\$000 e a denominada «Auxílio aos Empregados» com a quantia de Rs. 144.776\$120. Elevou o seu Fundo de Reserva a...

21.750.000\$000, havendo, por outro lado, aquinhoados a consolidação do seu activo com a bella cifra de Rs. 1.298.131\$803, destinada a amortizações ou depreciações que eventualmente se possam dar.

Os depósitos do Banco Nacional do Commercio, que em 1927 não excediam de Rs. 177.447.870\$700, em 31 de dezembro proterito atingiram a Rs. 219.690.699\$150, accusando, consequentemente, o ponderavel augmento de Rs. 42.242.828\$150, o que por si só é o sufficiente para pôr em notavel destaque de que goza este estabelecimento.

Esta manifestação de indiscutivel confiança vem amparada por outros elementos de credito, a saber: o registro, a attestation, como bem diz a sua directoria, «a desvanecedora preferéncia que destruda a nossa instituição, e a confiança que lhe inspira a colaboração que prestamos ao commercio, ás industrias, á agricultura e á pecuaria, cujos emprestimos, tomados aos nossos estabelecimentos atingiram no exercicio a que se refere o presente relatório importante somma de

Rs. 211.644:187\$500

ou seja, um excesso, de Rs...

Intendencia Municipal de Caxias

Balanço geral em 28 de Fevereiro de 1929.

ACTIVO		PASSIVO	
PATRIMONIO MUNICIPAL		DIVIDA EXTERNA	
Passivo descoberto.....	1.933.492\$086	Empréstimo Americano 1927 (J. G. White & Cia. U's. \$354.735\$00 a \$8430).....	2.987.381\$340
BENS DE DOMINIO PRIVADO		DIVIDA INTERNA CONSOLIDADA	
Valor dos bens pertencentes á Municipalidade.....	2.955.906\$583	Empréstimo Interno 1928 (Banco do Rio Grande do Sul) 375 Apolices 8% de 500\$000 c/u.....	1.500.000\$000
DIVERSAS CONTAS			1.685.500\$000
Município de Nova Trento.....	60.000\$000	DIVIDA FLUCTUANTE	
Depósitos Judiciais.....	924\$170	Juros de Apolices a Pagar.....	2.060\$000
Títulos de Renda.....	200\$000	Cações em Dinheiro.....	1.050\$000
Letras a Receber.....	500\$000	Credores por Depósitos.....	900\$000
Diversos Diversos.....	33.008\$300	Cações em Dinheiro.....	22.800\$000
Obras por conta de terceiros.....	4.949\$300	Veicimentos a Pagar.....	25.147\$500
DESPESAS EMISSÃO DO EMPRÉSTIMO AMERICANO		Contas a Pagar.....	201.389\$680
Saldo desta conta.....	198.930\$000	Obrigações a Pagar.....	131.149\$100
VARIAÇÕES DO PATRIMONIO		Credores por Contrato.....	159.366\$300
NÃO		DIVERSAS CONTAS	
Saldo desta conta.....	7.074\$400	Governo do Estado e Comodatário.....	700\$000
DESPESA ORDINARIA		RECEITA ORDINARIA	
CAIXA		Saldo desta conta.....	152.067\$920
Saldo em cofre.....	7.719\$916	CONTAS DE COMPENSAÇÃO	
Saldo em poder de Bancos.....	61.884\$630	Restituição de Direitos.....	108.491\$210
CONTAS DE COMPENSAÇÃO			5.478.002\$750
Governo da União c/Restituição de Direitos.....	108.491\$210		
	5.478.002\$750		

Arthur Rech
1.º EscripturnárioCONTADORIA DA INTENDENCIA MUNICIPAL
Caxias, 2 de Março de 1929Marcos Ribeiro
Contador

Pela instrucção. Modos de ver

Caxias é lugar praticamente indicado para ter uma Escola Complementar

Reflectindo o desejo profundamente justificado das famílias caxienses, de ver esta cidade dotada de uma Escola Complementar, conforme nos indicamos em nossa passada edição, os poderes publicos locais estão empenhados em obter que o governo do Estado attenda a justa aspiração.

Não se deve esquecer que uma Escola Complementar aqui viria facilitar a sua frequência á população de um grande numero de localidades, cujos habitantes, não podendo frequentar escolas de Porto Alegre, devido a diferença de clima, com a maior facilidade transportar-se-iam para Caxias, onde o clima é bom e os recursos para a saúde são numerosos e de primeira ordem.

Para o governo, a oportunidade para resolver o assumpto é magnifica. Já que terá de construir um edificio para o Collegio Elemental, com pouco mais poderá fazê-lo de maneira a servir para o curso complementar também.

O apelo que já na edição passada fizemos hoje se renovamos, certos de que pedimos o que é justo e que de direito nos cabe pedir.

Nomeações na Intendencia

O sr. Intendente Municipal nomeou o sr. Armando de Azevedo para o cargo de fiscal urbano, em substituição ao sr. Antonio de Mello Tino, que pediu demissão e para a vaga daquelle, como amannense da sub-intendencia do 1.º districto, o sr. Alberto Sartori.

Impronuncia

O gosto do paletstar com o povo e a impossibilidade de o fazer de viva voz, levamos a recorrer ás columnas do PORTAL, cujo director, generosamente, ás devanecadoras acolhiu ás nossas palavras despretensiosas.

O municipal mais fecundo, abundante, inesgotável para o jornalista ou para o conversador é sem duvida a politica. Mas, é elle tambem farto em espinhos acedados e seria prudente a gente reverter-se, encorajar-se de paciência e... espirito philosophico para, sem grande risco, aborlar.

Preferimos, pois, tratar de assumpto menos arido e mais util. Não alimentamos a pretensão, que seria ingenua, de impressionar os responsaveis pelos destinos da communa; queremos tão sómente falar ao povo a linguagem do povo, e dequillo que ao povo interessa.

Assim, escolhemos, para a palestra de hoje, um problema de interesse geral, cuja solução tanto aproveita ao individuo como á collectividade.

Queremos nos referir á viação rodoviaria. Disponhamos a demonstração do que está no conhecimento de todos: a influencia da viação no desenvolvimento, no progresso, na civilização dos povos.

Ora, sendo Caxias um município de população relativamente densa, diffundida por toda a sua superficie, necessário é que seja dotado de um systema, rodoviario capaz de dar facil e rapido esbamento a sua variada e abundante produção.

Do entantio o que se vê é a viação de pés, e a despeito da boa vontade demonstrada pela administração actual, as rodovias do

município deixam muito a desejar.

Ora, si é assim na estação calmosa que atravessamos, o que será quando da invernia que já se aproxima?

Que o digam os conductores de vehiculos rodoviarios, cuja capacidade de trabalho de esforço e sacrificio, foi posta á prova no inverno passado.

E certo que a acidentada topographia do município diffulta sobre modo a construção da boas estradas, mais igualmente certo é que, por seu proprio interesse, a municipalidade deve facilitar quanto possível a circulação e exportação dos productos agricolas e industrias dos diversos nucleos districtaes, onde existem importantes serrarias, cantinas, fabricas, etc.

Estas fontes de riqueza e renda publicas soffrão longo colapso, si não forem em tempo melhoradas as estradas.

Seria, pois, aconselhavel que a municipalidade, mesmo com sacrificio, empenhe-se na solução desse problema antes que a estação chuvosa o impossibilite.

E é o que pede e espera da boa vontade do governo municipal o povo, que tão efficientemente contribue para o progresso de Caxias.

Rethiques

Melhoramentos locais

Como se tem visto, a Municipalidade está procedendo os reparos de que tanto necessitam as nossas ruas.

Para completar o serviço de conservação da macadamisação, entretanto, faz-nos completa falta um rolo compressor, que o sr. Beirão de Queiroz está empenhado em adquirir.

Para isso a já escreveu para diversas casas da capital do Estado, pedindo preços e condições para o fornecimento de um rolo compressor.

Impronuncia

O julz de comarca de Cachoeira, a quem coube julgar, por se haver dado suspeito o da comarca de Santa Maria, impromissou o advogado Mariano Niederauer, redactor do «Sul-Brasil», em Santa Maria, e irmão do director d'O Popular.

O advogado Mariano Niederauer fôra processado como autor da morte de seu cunhado Argem Teixeira de Oliveira, irmão do sr. José Teixeira de Oliveira, este aqui muito relacionado e conhecido, por ter-se envolvido em um conflicto com o sr. Dante Marcucci, de que resultou aahir este ferido.

Segundo ficou apurado no processo, o advogado Mariano Niederauer seguiu desprocuradamente para a sua casa, ás 10 horas da noite, quando, meia quadra distante de sua residencia, foi agredido a socos pelo jovem Argem, então praça sargento do Exército e instructor de gymnastica no quartel.

O agredido, quando já quasi subjugado pelo aggressor, puchou do revolver e atirou, ferindo gravemente seu contendor, que momentos depois falleceu.

O sr. Mariano Niederauer chamou em seguida os vizinhos para socorrerem o ferido e apresentaram-se ás autoridades, tendo sido cercado por inequívocas provas de solidariadade moral.

O sr. Evaristo Teixeira de Oliveira, pai da victima, reconhecendo que seu indolito filho agira com imprudencia, tanto mais que conhecia os antecedentes do facto, esteve sempre ao lado de seu genro, o agredido, a quem a justiça acaba de reconhecer ter agido em legitima defesa.

Auxiliou os trabalhos de Repartição de Estatística. Elles nos dizem o que somos e o que valamos.

ANEXO J - "Caxias"

ASSIGNATURAS
Anno \$2000
Semestre \$5000
No. Avulso . . . \$200
Apparece de quartas-feiras

ANNO IV

O BRAZIL

Orgão do partido republicano

ANUNCIOS

Preço convenção

Escritório, Rua Julio de Castilhos n. 118.

N. 110

Director-gerente — A. Mendes

Caxias, (Rio Grande do Sul) 30 de Novembro de 1912

Collaboradores diversos

Caxias

A cidade de Caxias vive em plena prosperidade. O desenvolvimento que se vai operando entre nós é notável e digno de elogios. Si antes os fazendeiros que visitavam Caxias no anno passado aqui voltassem, haviam de notar a admirável metamorphose por que está passando a «terra das Colônias».

As construções modernas superam-se todas as dias, havendo extraordinária falta de operários. Na rua Julio de Castilhos estão em construção 9 bellos predios do material, todos obedeendo a estetica moderna e que serão a nossa principal arteria uma nota chic.

A praça Dantas, outra por dizer-se e cheia de encantos, apresentase-nos agora transformada num jardim ameno, artisticamente arborizada, arvelada e limpa, destinada a ser um centro de atracção das familias caxienses. Este importante melhoramento foi um dos primeiros cuidados da digna administração actual, tendo-o executado com grande dispendio para os cofres do municipio.

Outro importante melhoramento, cuja necessidade impunha-se todos os dias — o melhoramento da Rua Julio de Castilhos, que na epocha de nossa terra difficil de transito, devido ao muito tráfego que produz a natureza do nosso solo.

Este melhoramento, graças a actividade da digna administração, tambem vai sendo realisado, estando muito adiantados os trabalhos.

Outras muitas obras administrativas vão se operando em diversas pontas da cidade sem se contar os innumerables melhoramentos realisados no interior do municipio, onde foram construidas novas estradas, pontes, pontilhões etc. etc. como consta da memoria apresentada ao conselho no dia 15 de novembro pelo illustre intendente municipal, sr. major Penna de Moraes.

Depreendendo d'isso tudo o extraordinario interesse do digno administrador em desenvolver uma gestão honrosa para si e fecunda para Caxias, embora fivesse que lutar muito com o mau estado das finanças municipaes e escassez da verba destinada a melhoramentos.

Caxias, pois, tem hoje o que ha muito precisava, de um chefe que desenvolvesse o seu governo na verdadeira intelligencia administrativa, para ver completado o elemento que elevava Caxias a uma nova epocha de progresso.

É justamente em uma forma desta administração effizaz que o illustre major Penna de Moraes vai attribuindo cada vez mais a sympathia e estima do povo de todo o municipio,

MUNICIPIO DE CAXIAS

Resultado da eleição para o Presidente do Estado realisada em 25 de Novembro de 1912

Districto	Mesa	Localização	Total de cada mesa	Total por districto	Total geral
1º	1ª	Cidade	593	Cidade—771	1.189
»	2ª	»	115		
»	3ª	»	340		
»	4ª	»	216		
»	5ª	»	357		
»	6ª	Lorco	175	1º districto—1.189	1.189
»	7ª	Conceição	93		
2º	8ª	Anna Rech	228	2º districto—511	511
»	9ª	N. Trento	217		
»	10ª	Trav. Alfredo	96		
3º	11ª	Nova Viena	172	3º districto—425	425
»	12ª	Nova Milano	253		
4º	13ª	Nova Padua	248	4º districto—208	208

que o acata como verdadeiro chefe e lhe presta toda a obediência.

Não prova a eleição presidenciai.

Os nossos colonos até honram a eleição, mas não os attendem no convite do major Penna de Moraes em numero de 33 por cento do eleitorado, o que nunca se deu em eleição alguma, neste municipio. Este brilhante resultado põe em destaque o alto prestigio do digno administrador.

É que o eleitorado de Caxias é dos que pensam que a melhor politica é a que melhora governa.

A actividade despendida pelo major Penna de Moraes neste ultimo anno, desportando entusiasmo e sympathia sem distincção de classe; todos vêm a frente dos publicos trabalhos de Caxias um homem que faz causa commun com o povo, supprindo as necessidades urbanas e rurais com o maximo desvelo, fazendo da pasta administrativa uma promissão em cuja base, todos os clientes, ricos e pobres, são ouvidos com o maior interesse e imparcialidade.

Por isso uma nova vida se evidencia entre nós onde todos labutam com um só ideal, com o mesmo programma, com a mesma intelligencia.

A metamorphose por que vai passando Caxias é a resultante de uma administração recta e laboriosa.

Cooperativa

Agrícola

Assembleia Geral dos Soci

Uma pagina bellissima ha escrito Domènica nel suo svolgimento la Cooperativa Agrícola, ed n'altra, sublinea ha segnalato la storia civica di questo municipio: un popolo che sapia amministrativa e la spemazione arida di poezia, avevano ridotto alla indifferenza, alla inazione, ri-

destatosi quasi per incanto, accorre spontanea, desiderosa di manifestare il proprio plauso, di esprimere i propri sentimenti di gratitudine, di testimoniare i propri sensi alla idealità le più nobili, le più elevate.

Com a presença dell'Ocervole nostro Intendente Major Penna de Moraes, e presidente dall'illustre Dr. Destefano Paternò, leato, i Soci della «Cooperativa» Agrícola Domènica scorsa, negli edifici sociali l'Assemblea Generale, prescientemente annunciata.

Dal loro arrivo le due distinte Personalità, furono oggetto, da parte della numerosissima concorrenza, delle più sincere dimostrazioni di devotone e di affetto.

Dichiarata costituita l'Assemblea, il Dr. Destefano Paternò con parola elevata, e con l'animo vibrato di gratitudine, informò dell'opera altamente patriottica e civile compiuta in pro dei propri amministrati e degli agricoltori in generale, dall'Onor. Maggiore Penna de Moraes, che dopo uno studio accurato ed amorevole delle condizioni delle Cooperative, e della loro esigenza, ha portato la sua voce eloquente ed autoritaria, in seno del Eterna. Assemblea Statale, imponendosi all'attenzione ed all'azione di quell'alto consesso, in vantaggio del Cooperativismo.

Propose quindi l'Assemblea del Maggiore Penna de Moraes a Socio Onorario della Società: la proposta venne salutata con fragoreo applauso, vittorendo l'Assemblea, all'illustre Uomo con la rivelazione affascinante dell'anima popolare che riconosce, che sente, che ama: in nome del Cooperativismo Rio-grandense il Dr. Destefano Paternò dichiarò l'illmo. Signor Intendente Socio Onorario e benemerito di tutte le Cooperative consorziate.

Passò quindi il Presidente dell'Assemblea, allo svolgimento dell'ordine del giorno, enunciando il primo punto con la comunicazione del nuovo elenco delle cariche sociali, che

venne confermato all'unanimità.

Una idea gentilissima, degna della vasta mente dell'Uomo che presiede al movimento cooperativista, formò l'oggetto del secondo numero dell'ordine del giorno.

Il Dr. Dr. Stefano Paternò, inascoltando dal rilevare l'appoggio validissimo che la Cooperativa dà all'agricoltore quando egli nella sua piena vigoria produce una ricchezza, pagatagli ieri un misero prezzo, la Cooperativa va valorizzando, ottenendogli un equo compenso alle sue fatiche, promuovendo la sua indipendenza economica, base di elevamento morale; eppoi la Cooperativa, quale madre amorosa, non può abbandonare i propri componenti nell'ora triste della disgrazia, quando la famiglia vedesi stronca, in tal proprio caso, ed quando spesso piange e l'affetto perduto e la deficienza economica.

Propone pertanto all'Assemblea la costituzione di una cassa di soccorso alle vedove, la cui organizzazione sarà oggetto di suo studio particolare, e nel concetto dovrà funzionare colla concorrenza di una quota fissa di ogni socio, da corrisponderli al decesso di uno degli associati per poter offrire alla di lui famiglia un aiuto di vita. L'Assemblea intuiva rapidamente la larghezza del vantaggio proporzionato ad innalzare delle loro famiglie, proruppe nel più caldo applauso.

Aggiunse il Dr. Paternò che intendesi completare la nuova istituzione con una cassa per assistere la invalidità temporanea e duratura al lavoro, affinché ogni socio trovi nella Associazione cooperativa, la protezione e l'aiuto incondizionato e costante.

Passò quindi il Presidente alla informazione sulle vendite, le quali vanno oggiora aumentando, per quanto si è istituito alle sole promosse di compra che non si scostano dai prezzi di vendita determinati, e mantenuti fermi nella fondata certezza che il mercato si dispone inarancito

agli stessi prezzi ed a prezzi più elevati.

Informa in seguito l'Assemblea delle risultanze amministrative, le quali sono la testimonianza della maggior correttezza dell'Amministrazione sociale: basti ad informare, in misura minima di spesa di acquisto della proprietà e della costruzione degli edifici sociali, ascendente a soli 12 conto per terreno, 60 conti per il fabbricato: sul movimento importantissimo che raggiungerà la Società fin da questo primo anno, dice la cifra di 35.000 quintali di vino, dei quali 30000 ritirati, gli altri nelle cantine dei Soci; le vendite ascendero a 9000 quintos.

Il Bilancio verrà passato ai giornali, e pubblicato con allegati dilucidativi da distribuirsi ai soci ed agli interessati.

Chiuso il Dr. Paternò rilevando l'alto significato della attuali elezioni politiche, esortando tutti i cittadini caxienses a partecipare numerosissimi alla elezione, sia per le correttezze civili e cittadine dell'illustre Uomo di Stato, Dr. Borges de Medeiros, sia per una manifestazione di affettuosa devotone e di viva gratitudine che li lega al loro decissimo Capo, Maggiore Penna de Moraes.

Pressa la parola l'illmo. Maggiore Penna de Moraes, visibilmente commosso, ringraziò delle care testimonianze di affetto e di gratitudine di questa popolazione.

Rilevò quindi l'Onorevole, l'importanza delle risultanze del bilancio presentato, le quali dicono che dal periodo di aspettativa, le Società 3 padroni ad una realtà prospera e promettevole dei migliori risultati, esponendo parole di plauso alle egregie persone componenti l'Amministrazione Sociale.

Esposo in seguito, sulla importanza delle elezioni politiche, esprimendo il desiderio risultassero l'affermazione dei maggiori sentimenti di solidarietà di questa colonia, affinché potessero ed alla azione feconda dell'illmo. Rio-grandense Dr. Borges de Medeiros, la cui proclamazione a Presidente di Stato garantirà per queste zone la continuità della maggior costituzione e della maggior assistenza, da parte delle alte sfere governative; rivolse quindi al Collegio elettorale, l'invito a concorrere numeroso alla votazione; esortazione che fu accolta con ovvia allusione Uomo di Governo ed al decissimo nostro Intendente.

L'Assemblea si sciolse al grido entusiastico di viva il Dr. Borges de Medeiros, viva il Maggiore Penna de Moraes, viva il Dr. Destefano Paternò.

O «Elixir de Nogueira» è o miglior deputato do município.

ANEXO K - "Chroniquêta"

ANCRENCA

ANO I.º Estado do Rio Grande do Sul - Caxias, 27 de Dezembro de 1914 N. 12

Redactores diversos

Critico, Humorístico e Noticioso

Orgão das Zonas

NATAL

O pequeno Carlos permanece pensativo na cama; perto d'elle, á mão, uma pilha de brinquedos, livros, imagens; entretanto não brinca, não lê; conserva os olhos pertinhantemente fixos sobre um quadro, que está em frente ao leito: é o nascimento do menino Jesus; S. José e a Santa Virgem contemplando o caro Filho e as duas cabeças aproximadas parecem confundir-se ao longe.

Carlos suspira tão ruidosamente que faz sobresaltar-se a irmãzinha que, á força de acalentar a boneca, acabou por adormecer.

—Dize, Nini, mamãe te chama seu anjinho; o que dirias si fosses um anjo de verdade?

—Não posso ser um anjo de verdade por que não tenho asas, e depois não quero deixar mamãe.

—Não se trata de partires, nem de teres asas; não sabes isso, no catechismo nos explicaram que os anjos eram os mensageiros do bom Deus, são elles que cumprem as ordens divinas, e então, como tenho de escrever uma carta para entregar ao bom Deus e não posso me levantar, é preciso que tu m'a leves; somente as meninas falam muito e eu quero fazer uma supreza a mamãe.

—Eu te prometto que nada direi a ninguém, nem mesmo á minha boneca, e irei directamente levar a tua carta.

Carlos fita a irmã com ar desconfiado, mas os 4 annos da pequenina a animam um pouco; ella não poderá fazer indiscrições, pois não sabe ler.

—Vae á minha mesa, acharás uma pilha de papel pautado, um envelope e um lapis, traze-me e prevenirás si ouvires alguém entrar.

Nini, orgulhosa de uma missão de confiança, traz bem depressa os objectos pedidos e olha com admiração para o irmão, que vae escrever ao bom Deus.

—E' bonito ter sete annos, suspirou ella.

—Tu os terás também, si fores gentil e não fores tagarela como uma pégua.

Nini senta-se com ar pensativo, reflectindo que o silencio d'ella uma grande

tenho coragem de brincar, é melhor mandal-os aos pobres-zinhos. Mas, ha dois mezes, papae se zangou com mamãe. Ficou muito triste, viu-o enxugar uma grande lagrima; então se voltou contra mim, dizendo: «Sempre esses peccadinhos nas pernas, nunca se está tranquillo aqui».

Desde essa época, mamãe chora sempre, está pallida, em nada mais pensa; assim o cenario ficou 3 dias sem ter hervas frescas.

Vêde, meu bom Jesus! isso não pôde continuar assim; estou muito doente, não posso deixar a cama e ir buscar papae.

Olhando vosso retrato vi que S. José e a Santa Virgem cuidavam de vós bem gentilmente, então pensei que quando uma criança está de cama, doente, os paes devem estar unidos perto d'ella.

Fazei, ó meu Jesuszinho, que mamãe e papae venham perto de meu leito de mãos dadas.

Pensarei no vosso berço, ó meu querido Senhorzinho, e não recusarei.

Vosso filhinho
Carlos.

CHRONIQUÊTA

Finalmente a nossa municipalidade, já mandou collocar uns portões na Praça Dante, a bem de franqueal-a ao publico.

Está pois, a nossa população de parabens, especialmente as nossas gentis leitoras, de quem fomos gostosamente aduogados, pelas columnas do nosso modesto periodico, o qual está sempre inteiramente, ao dispor do bello sexo.

Pois bem está aberta a Praca vejamos agora como corresponderá o nosso publico, o trabalho, dispendio e gosto, da nossa municipalidade.

Sim, porque, a dificuldade não está somente na organização de um jardim para recreio publico, e sim na conservação do mesmo.

Esperamos que os seus leitores, saibam

conservar-o não arrancando as flôres nem pisando sobre a grama dos canteiros.

Quanto a criançada, permitta-nos que tenhamos a franqueza de dizer: que a de Caxias, é impossivel, possui o instinto bem caracterizado da destruição.

Portanto urge que, a municipalidade a cuide e ensinando-a ser respeitadora, isso se quizer possuir o jardim da Praça Dante.

Esperamos que a Praca no verão esteja aberta até as 10 horas da noite e no inverno até as 9 devidamente policiada, e depois feixada, a bem de evitar a pratica de certos actos e abusos, que redundaria na desmoralisação de tão util e proveitoso local.

Sin-di-K.

JANELISCES

Visinha, a senhora já vio povinho mais assanhado, do que este de Caxias?

Olhe d. Procopia, que eu tambem moro aqui, e a senhora está me offendendo.

Cruz visinha, eu não me refiro a senhora. Então com quem é?

Ora com quem é, com aquelles que não tem dinheiro para pagar as dividas, mais vão todas as noites aos cavallinhos.

A senhora ainda não foi, dizem que a companhia é muito boa?

Sim, eu fui com o meu velho e as meninas no domingo.

E gostou? Para fallar a verdade, só gostei do trabalho das Japonezas e dos saltos do Toni, quando dos taes elephantos, não gostei nada, porque são dois bichos nojentos.

Mas, quem éra os taes, que não pagam as dividas e que estavam lá?

Chegue aqui que eu lhe digo no ouvido: éra... Mas o tio Nato, Lino, Viale, Mariante, padeiros e açougueiros é que estão gemendo.

Olha visinha, aquelle ultimo que a senhora me disse, não paga a leiteira a tres mezes.

Ah, aqui tem muita gente assim, que vive no luxo, com a barriga apertada e cheias de dividas.

Mais visinha, como é que todo o mundo falla em crise, e no entretanto todas as noites o circo está cheio, onde é que vão buscar dinheiro? Eu não sei como é isso, o que eu sei, é que o dinheiro que não dá cria, é o da

Procopia.

ANEDOTAS

(Cazienses)

Pergunta o Carlos Balem, fiscal da intendencia, ao Adaucto: deve-se cobrar o imposto dos cavallinhos?

Responde o Adaucto: Os cachorinhos não pagam imposto, eu tenho ordem de cobrar dos grandes, para se botar o numero na colleira.

Entra o Octaviano, na Estação Telegraphica, encontrando lá o amigo Sebrão, diz-lhe: O que é isto Sebrão, você cada vez ingrossa mais.

Responde o Sebrão: Você está enganado, maragato não ingrossa ninguém, isto é bom para vocês.

Ao que o Octaviano retruca: Eu fallo sobre a tua gordura.

Ah! isto é o responde o Se

ANEXO L - "Modos de ver: a praça Dante"

«O POPULAR»

Caxias precisa de uma Escola Complementar

Os poderes públicos de Caxias estão empenhados em conseguir a criação, aqui, de uma Escola Complementar.

A procedência dessa aspiração de Caxias dispensa demonstração.

Basta atentar-se para a enorme zona que viria beneficiada por uma instituição dessa ordem, que abrange quasi uma dezena de Municípios.

Domais, é necessário levar-se em consideração que as famílias caxienses, na sua totalidade, não dispõem de recursos para pagar pensionato em Porto Alegre para seus filhos.

O Popular deixa nestas linhas um ardente apelo ao patetico governo do Estado, para que tome quanto antes em realidade essa justa aspiração de Caxias.

Resultado do pleito de Bagé

O conselho municipal de Bagé terminou a apuração do pleito intencional dali, reconhecendo eleitos cinco conselheiros republicanos e quatro libertadores e eleitos também os candidatos republicanos a intendente e vice-intendente.

Os candidatos libertadores considerados derrotados pelo conselho vão usar de recurso legal para o Superior Tribunal do Estado.

O conselho considerou nulas as eleições de varias mesas, nas quais a opposição obteve maioria.

Não temos elementos para discutir a procedência dessa decisão do conselho bagense, mas o poder competente, que é o Superior Tribunal, dirá oportunamente sobre ella.

Distribuição de Reprodutores

Pelo Governo Federal, ficou o Governo do Estado autorizado a fazer a distribuição de reprodutores por quelle importados.

Assim, deverão chegar ao porto do Rio Grande os seguintes animais dos palcos de origem: 5 touros Hereford, 5 Schult, 5 Polled Angus, 30 carneiros Romney, 10 porcos Polland Chinos e 10 Duroc Jerseys.

São todos animais puros de pedigree, os bovinos licenciados contra a triesteza; sendo de 14 meses os bovinos, 6 meses os ovinos e 10 meses os suínos.

Só poderão concorrer à aquisição de tais reprodutores os criadores inscritos no Registro de Criadores do Ministério do Agricultura, ou os que o fizerem na Diretoria de Agricultura do Estado.

Escola de Aviação Militar

Sonhe-se, por carta particular, foram sido aprovados em exame de admissão a que foram submetidos na Escola de Aviação Militar, no Rio de Janeiro, os senhores: Hugo Cantagiani, Darry Magat, Hernes Cruz, sargento ajudante Antonio Ricardo Viana e o 3º sargento Adalberto Carvalha da Silva, que da qui seguiram afim de effectuar matrícula no Curso de Piloto Aviação na referida Escola.

Auxilia os trabalhos da Reparação do Estado. Ellos não dizem o que somos e o que vamos ser.

Festa numa canfina

Os sr. Angelo Antonello e C. estabelecidos em Nova Vianna com uma grande cantina, inauguraram ali, depois de um tempo, um novo, previsto para a sua estabulação.

Em respeito desse melhoramento, os proprietários oferecem a pessoas amigas um excelente churrasco.

Desta cidade seguiram para tomar parte na festa varias pessoas.

MODOS DE VER
A praça Dante

A administração passada, volu do pavilhão central, ocupada por cavalheiros, seculares e senhores, em cantadora sociabilidade.

E os veranistas? Ah! Como elles lamentam a ausência dos platanos e sinomomios!

Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,

— largo do centenário — aconselhou (ou sugeriu) a divisão da praça em dois planos: um ao nível da rua Julio de Castilhos, outro ao da Simbú.

O primeiro, escriptamente ordinado, monumento da liberdade ao centro, seria um digno largo da independência.

O segundo, conservando o chalet, os platanos e sinomomios continuaria a ser o templo preferido para os reveses das tardes osivas.

O sr. Tenna teria respondido não lhe ser possível adoptar a sugestão, que aliás applau-

— O prolongamento da esca-

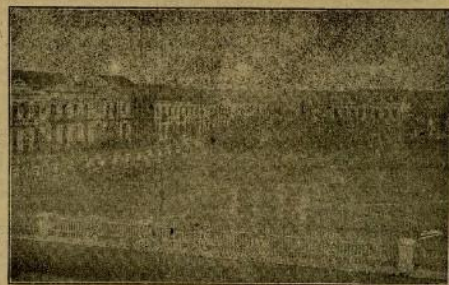
— Ah! Como elles lamentam a ausência dos platanos e sinomomios!

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,



Aspecto antigo da praça Dante ao norte

Caxias terá uma das mais bellas praças do Estado! em que deverá ficar a praça, atravessará a rua Simbú, em quasi toda a largura, tirando-lhe a esthetica, sectionando e seccionando, exigindo um verdadeiro sacrificio dos fies, principalmente das matronas e anções. Escadadas lateraes não poderão dar facil vazão á habitual e grande affluencia de das suas sotiras, ás tardes domingueiras, quando uma banda de musica impregnava o ambiente de sons maravilhosos em dezo harmonia com o cântico alegre das bellas caxienses. Era um gozo, ás meslitas postas em

daria existente, até o nivel da praça, e a praça, atravessará a rua Simbú, em quasi toda a largura, tirando-lhe a esthetica, sectionando e seccionando, exigindo um verdadeiro sacrificio dos fies, principalmente das matronas e anções. Escadadas lateraes não poderão dar facil vazão á habitual e grande affluencia de das suas sotiras, ás tardes domingueiras, quando uma banda de musica impregnava o ambiente de sons maravilhosos em dezo harmonia com o cântico alegre das bellas caxienses. Era um gozo, ás meslitas postas em

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

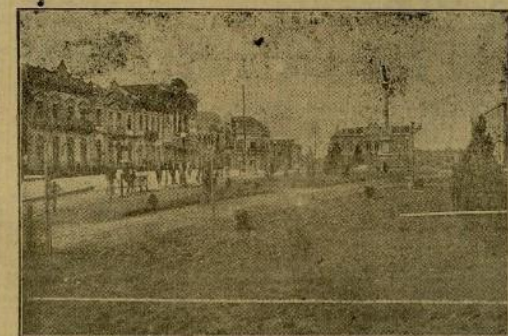
— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,

— Ainda se nos fosse dada a esperança de vermos o dito lindo projecto aldimado nestes 4 annos.

— Que o digam os contribuintes do rrario municipal.

— A hydrotaica tem dado agua pela barba á actual administração e a praça Dante tem do posto pedra no sapato.

— Ouvimos que o projecto em comego de execução é lindo e, uma vez levado a termo,



Aspecto novo da praça Dante, ao norte

SPORT

Realizou-se domingo, 24 do corrente, polo S. C. Americano, a abertura da temporada sportiva do corrente anno. Essa festa consistiu de uma partida de foot ball e de um suculento churrasco, regado a vinho.

Na da 11 do corrente foi capitaneada a nova Direcção do S. C. Americano que deverá reger os destinos da sociedade durante o corrente anno, tendo ficado assim constituída:

Presidente: Olympio Dante Diniz, vice-presidente: José Moeslin, secretario geral: Zulmar Bacelli, secretario adjunto: An-

tonio Panaretto, thesoureiro: Natal Rosatto, instructor geral: Larreano dos Santos, capitão geral: Hugo Seldi, director do campo: Silvestre. Donzatti, guarda sport: Placido Dal Zotto, porta estandarte: Americo Marzotto.

Será aberto no dia 3 de março proximo, polo Sport Club Juvenil, a temporada sportiva do corrente anno.

Hoje, 3 de março, haverá uma reunião da directoria do S. C. Juvenil para discutir sobre a abertura da temporada do corrente anno, tendo ficado assim constituída:

Presidente: Olympio Dante Diniz, vice-presidente: José Moeslin, secretario geral: Zulmar Bacelli, secretario adjunto: An-

tonio Panaretto, thesoureiro: Natal Rosatto, instructor geral: Larreano dos Santos, capitão geral: Hugo Seldi, director do campo: Silvestre. Donzatti, guarda sport: Placido Dal Zotto, porta estandarte: Americo Marzotto.

Será aberto no dia 3 de março proximo, polo Sport Club Juvenil, a temporada sportiva do corrente anno.

Hoje, 3 de março, haverá uma reunião da directoria do S. C. Juvenil para discutir sobre a abertura da temporada do corrente anno, tendo ficado assim constituída:

Presidente: Olympio Dante Diniz, vice-presidente: José Moeslin, secretario geral: Zulmar Bacelli, secretario adjunto: An-

tonio Panaretto, thesoureiro: Natal Rosatto, instructor geral: Larreano dos Santos, capitão geral: Hugo Seldi, director do campo: Silvestre. Donzatti, guarda sport: Placido Dal Zotto, porta estandarte: Americo Marzotto.

Será aberto no dia 3 de março proximo, polo Sport Club Juvenil, a temporada sportiva do corrente anno.

Hoje, 3 de março, haverá uma reunião da directoria do S. C. Juvenil para discutir sobre a abertura da temporada do corrente anno, tendo ficado assim constituída:

que desejarem ser classificados para a temporada do corrente anno deverão comparecer a reunião de hoje á noite, em sede de Recreio.

Circo Holêem

Extremou com grande successo no dia 23 do corrente, nesta cidade o Circo Holêem, tendo sido muito applaudidos os trabalhos executados pelo mesmo, mormente um conjunto de cavallos amestrados que bastaram agraçar á assistência.

O Circo desamouzou hontem seu pavilhão, proseguindo viagem pelo

Theatro Central

CONFORTO E DISTINCCÃO

A MELHOR ORCHESTRA DE CINEMA

Exclusividade para exhibição de films de reportagem nacional.
Funcções diarias de 21 horas, com films sempre escolhidos, das mais acreditadas fabricas

Domingo, 3 de Março

A obra celebre do genial escriptor brasileiro José de Alencar.

O GUARANY

Produção de Victor Ceppellaro apresenta da pela afamada

PARAMOUNT

com Tacito Souza, Armanda Mancoery e Margarida Collaro.

E' um film de assumpto classico nacional, que todos devem ver.

SUL AMERICA

A maior companhia de seguros de vida da America do Sul.

Oswaldo Dias

AGENTE

CAXIAS

Caxias Social

Exposaes

Contractou casamento, no dia 6 do corrente, o sr. Waldemar Pellini, viajante da firma Mostardeiro Irmãos & Cia, com a senhorita Bernardina dos Santos, filha do capitalista sr. José Antonio dos Santos, de Soledade.

Viajantes

Está nesta cidade o dr. Helio Carlos de Azevedo, alto funcionario da secretaria da Fazenda.

Achava-se nesta cidade o sr. Job Borges, escrivão do Superior Tribunal do Estado.

— Representou de Torres o dr. Olinto de Azevedo, advogado e conselheiro municipal aqui residente.

Enferma

Acha-se enferma, guardando o leito, a exma. sr. Domestica Pacatotto, esposa de sr. Octavio Pacatotto.

Missas

Por alma de d. Virginia Pezzi, recentemente fallecida, foi hoje rezada uma missa, na matriz local, tendo sido numerosa a assistência.

Fallecimento

Falleceu, ante-hontem, em S. Marcos, a jovem esposa do sr. Waldemiro P. Ramos, filha do sr. Joaquim Biazzi, deixando uma filhinha de poucos meses de idade.

Retreta

A garbosa batida de musica do S.º Batalhão de Caçadores executou, domingo passado, mais uma retreta na praça Dante, sob a direcção do maestro 1.º sargento Brasilino Pinheiro Machado, tendo sido escolhido exvelente repertorio.

Pugilato

Ante-hontem, no armazem do sr. José Rodrigues Bernardes, á rua Garibaldi, esquina da Simbú, houve um pugilato entre o proprietario do armazem e o sr. Domingos Rozendo, industrialista aqui residente, sendo ambos os contendores de nacionalidade portuguesa.

O sr. Rozendo chegou a fazer uso de seu revólver, não tendo todavia atingido o alvo. As autoridades policíacas tornaram conhecimento do facto.

Acompanha o presente numero do O POPULAR

o numero 138 do SUPPLEMENTO SEMANAL

ILLUSTRADO

Julgo do Casamento

Edital n. 10

Carlos Dutra Vianna, official do Registro Civil do Casamento da cidade de Caxias.

Fago publico para os devidos fins que por esta nota autorizo habilitarem-se para casar Dario Porto e Esther Gonçalves, labradores doze. Estada d'aula e real, nesta cidade, el le vivo, dila solteiro. Quem conhecer impedimento a casar, compareça ao Casamento á rua Moreira Cesar n. 104.

Em 30/3/29 O official — Carlos Dutra Vianna.

Julgo do Casamento

Edital n. 19

Carlos Dutra Vianna, official do Registro Civil do Casamento da cidade de Caxias.

Fago publico para os devidos fins que por esta nota autorizo habilitarem-se para casar Augusto José F. e Maria da Silva, solteiros, nesta cidade, el le vivo, dila solteiro. Quem conhecer impedimento a casar, compareça ao Casamento á rua Moreira Cesar n. 104.

Caxias, 23/3/29. O official — Carlos Dutra Vianna.

ANEXO M - "Chroniquêta"

A ENCRENCA

todo cheio de nove horas. Riquinha, é o nome da namorada, uma menina de 18 annos, de nariz arrebitado, tez morena, anda sempre a sorrir, seus olhos despede fagulhas.

Começa o namoro, passa o Constante, vê a moça na janella e diz-lhe: *Jesus! que teteia.* Ella finge que não ouve. Elle vae até a esquina, onde fica parado meia hora, depois volta, e lhe diz: Não seja ingrata, tenha pena de um coração que lhe ama.

Ella dá um muxôxo e responde: O senhor não se enxerga?

O elegante não desespere e volta na tarde seguinte, e vendo na janella e comprimenta, sorrindo, com a seguinte phrase: *Adieu anjinho do céu.*

Ella responde: Boa tarde. Está fígado o peixe.

Principiam as trocas de flores, os cochichos de noite na janella, os suspiros a cada momento.

Ora é a velha que grita lá de dentro. Riquinha o que é que estás fazendo? Sahe dessa maldita janella.

Outras vezes é a menina quem diz, *fure* que ali vem o papai.

O elegante namorado tem o seu confidente, quasi sempre é um barbeiro, que lhe escreve as cartas e faz versos para a menina.

Aos sabbados é *serenata* na certa.

Tal classe de namorados, onde costuma *dar sorie*, é nos leilões do Espirito Santo.

Esses namoros, quando não acabam em casamento, terminam em pau, chamados a policia, ou fuga do namorado, e nestes dois ultimos casos, não sei porque, ninguem quer mais namorar a Riquinha.

Cuquill

PERFIL

Indiscutivelmente a nossa perfilada de hoje, é uma das flôres mais lindas que ornam este tão bello jardim; — Caxias. —

A nossa estereotypada,

é uma senhorita gentil, linda flôr dos tropicos, e tem caprichos de uma ingleza.

Vendo-a, diz-se logo, ser todo bondade e todo carinho.... Tão meigo e docemente vellados o seu olhar castanhos, que recorda a visão dulcissima de um sonho.

Estatura mediana, mas, de uma elegancia e um attractivo que deslumbra. Tez alva, cabellos castanhos e finos como a seda; palestra agradável demonstrando cultivo esmeradissimo.

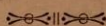
Traja com simplicidade, notando-se principalmente seu vestidinho creme e debrado de azul, que tão bem vem se adequar as formas tão perfeitas de seu corpo escultural.

Usa penteados lisos, deixando as vezes prender-se em um laço de fita.

Eis o anjo celestial que Caxias, esta grande terra, sonhe crear e guardar em seu seio.

Reside n'uma rua, que tem o nome de um engenheiro residente em Porto Alegre.

J.



Palpites administrativos

J. de Comarca, Fm. da Costa
P. Publico, Leite de Castro
Fiscal dos Açougues, Guedes
1.º Notario, Cavalcanti
Carcereiro, Fonini
F. dos Vehiculos, Apollinario
2.º Notario, Kröff
Dir. do Elementar, Mattana
F. da Iluminação, Curtolo
Agente do Correio, Candinho
Carteiro, Olympio
Porteiro da Intendencia, Bello
Amanuense, Mottola
G. da Collectoria, Buffardi
Official de Justicia, A. Sartori
Ese. do Casamento, Josephino
Sub-delegado, Rovea
Escrivão do Civil, Valdivino
Cob. da Exportação, Prezzi
Officil de Justicia, F. Balem
Ese. de Orphãos, Paternoster
Official do Gabinete, Aducto
Chefe. das Coop., Paternó
Consul de Caxias, Penna



CHRONIQUÊTA

A arte cynematographica, veio de facto prestar um grande serviço ao publico, o recreando e instruindo, tornando-se util passatempo.

Atravez da tela dos cinemas, vamos conhecendo de *visu* o que nos era desconhecido. Assim sen-

do, tornou-se o cinema, uma verdadeira *Escola Pratica*. Pois bem, sendo como dissemos uma escola, porque, que uma parte do nosso publico, não tem a noção de civilidade, de se portar decentemente quando frequenta os cinemas.

E' triste, é vergonhoso, assistir-mos seguidamente, o modo porque se porta *certa gente*, na occasião da projecção das *films*. Si é um drama amoroso, em que o artista tenha que beijar uma mulher, ouve-se de parte dos mal educados assistentes, um côro de beijos; si a scena é da prisão ou morte de um bandido, re-soa uma pateada ensurdecadora; si é um artista que faz um papel sympathico, que obtem uma victoria, eccoam palmas.

Ora tal procedimento alem de vergonhosa é um immoralidade, que depri-me muito os fôros de habitantes de uma cidade civilisada.

O forasteiro que assiste a tal espectaculo, forma em mau juizo a nosso respeito.

Perguntamos si em P. Alegre, ou qualquer outra cidade alguem, assistio por parte do publico dos cinemas, procedimento identicos?

Si o cinema é uma escola, devemos nos portar com discripeção e como gente de boa educação.

E' o que pedimos em nome da moral e dos bons costumes, tendo a certeza que não *pregamos no deserto*.

Sin-di-K



Ao distincto charadista Adão

Neste caminho soffrem os transeuntos 2—2

A tormenta, atormentam, atormentadores 2—2

O carneiro soa carneiro 2—2

Corre no cerebro, ligeiro 2—2

O peixe da mulher é molle 2—2

Não é boa, no Archipelago esta protuberancia 1—2

Ena

Cartes d'un Franciú

Mosiú redacteur de la *Encrenquê*, le votre journal tien fête bonas cagoades e brincaderes com le rapasiade e madamoiselles de Caxie, le vostre journalsinhe, considerro una bele cavacione, même per que, le travaille, fu faite pour les burrees, diz les brazilières.

Presentemente, la attancione publiquê, este virêde unicamante, pèr les acontecimientos de la guerre, de Allemagne contra la France.

U Kaiser, ten la pretencion, de se tournê an segunde Napoléon.

Má, pour enquete, non è pa possi, e terrà que ser estrondozamênte derroté.

Le Brézil, non precise temê le chamê perigue allemon, perque, la gloriose France actuale, come puis affirmer, non é meis la France de 70.

Anfan, la gente no se be u qui este pour acontecer.

Alcunes communicades telegraphiques, même dizem que la France e la Allemagne eston apagnande juntas.

Na qualité de franquá, ge figue contante, que la Italia se conserve neutre, per le triumpho de la France.

Jean d'Règue



JANELISCES

D. Anninha, a senhora ja soube o que aconteceu com a Clarinha, filha do velho Tiririca?

Bem pelo miudo ainda não, mas a Cambusia minha lavadeira, contou-me hontem muita coisinha boa e fallou-me nisso muito por alto, si a senhora d. Procopia, sabe tudo, me conte? Pois eu lhe conto visinha, ja indagueie sei de tudo, não é que eu me importe com a *vida alheia*, como você bem sabe.

Nem eu visinha, apelo para o seu testemunho, o que nos importa a nós o que vae pela casa dos outros?

Perfeitamente d. Procopia, parece que somos gemeas, no nosso modo de

ANEXO O - "Não é nada..."

O POPULAR

VIDA SOCIAL

Hospedes

Esteve nesta cidade o sr. dr. João Pio de Almeida, digno director da secretaria do Interior em P. Alegre.

Em sua passagem por aqui s. s. visitou o forum local, sendo ahi recebido pelos srs. dr. Leonardo Ferreira da Silva, juiz de comarca, dr. Mariano de Siqueira Rocha, juiz districtal, dr. Cyro Passos, promotor publico, e srs. Authur de Lavra Pinto, Luiz Rosa e Carlos Vianna, escrivões, Adauto Cruz e Alfredo Tinoco, notarios.

Estiveram tambem presentes os srs. drs. Celeste Gobbato, desembargador Florencio de Abreu e dr. Carlos Penafiel, varios advogados e pessoas gradas.

— Está nesta cidade o nosso distincto amigo sr. Auto Muratore, do alto commercio de Porto Alegre.

— Acompanhado de sua exma. esposa e de um casal de filhos, regressou hoje para a capital do Estado, onde reside, o nosso illustre amigo sr. general dr. João Mariot, que aqui esteve a passeio.

— Esteve neste cidade o nosso illustre patricio dr. Plinio Casado, que na legislatura recem finda representou opposição riograndense na camara dos deputados. Homem de grande cultura e orador fluente, o dr. Plinio é justamente admirado por todos os riograndenses.

Quinta feira. á noite, foi-lhe feita uma manifestação de apreço de caracter politico, promovida pela Alliança Libertadora local

Falaram os srs. drs. Adolpho Peña e Olmiro Azevedo, que receberam muitos applausos.

O homenageado respondeu, interrompido constantemente por palmas e « apoiados ».

No hotel em que se hospedou recebeu elle muitas visitas.

Enfermos

Está francamente restabelecido de sua saude, o distincto cavalheiro o sr. Laurentino Muratore, que se havia recolhido ao hospital do dr. Romulo Carbone, onde foi operado.

Secção da Mocidade

(Mantida por 50 reporters)

Silhueta

A. M.

Um botão de roso. afluando, silencioso, no seio da folhagem verde, não supera, em graça e encanto, a nossa homenagem de hoje, que, na mais linda quadra da vida, surge, tambem, rodeada de verdes esperanças e illusões.

Minuscula ainda, como aquellos recipientes em que se guardam as finas essencias, ella encerra nos limites da sua linda silhueta *mignon* um mundo de graça e de belleza.

O seu rosto, tambem pequeno, faz-nos lembrar os versos do poeta:

Medir cousas infinitas
Vae além da natureza...
Com teu palminho de cara
Mede-se toda a belleza.

Proclamada rainha do Juventude, juntou à magestade do porte a magestade da soberania.

A seus pés depõe suas homenagens o —

Paulo Azul

— Estão enfermos: o sr. Mario Leonardelli e a exma. senhorita Norma Casara.

— O sr. Thomaz Beltrão de Queiroz, digno capitalista desta praça, que estava enfermo, tem obtido melhoras, tendo já deixado o leito.

Consortio

Consortiam-se hoje, nesta cidade, o distincto moço sr. Angelo Costamilan, thesoureiro do Banco Pelotense, e a exma. senhorita Elydia Raabe.

No Cine Theatro Central realisa-se amanhã um espetáculo em beneficio do club do Commercio, sendo representadas duas comedias, por amadores desta cidade.

O espectáculo será dedicado ás rainhas dos cordões carnavalescos e respectivas aias.

Escuta

A Snta. D. C.

Si permittir a tua bondade immensa,
Que eu vá cantando nos meus pobres
(versos.)
A sympathia que te consagro, intensa,
Nelles meus sonhos viverão immersos...

Terei na musa um lenitivo santo,
Risos alad s, de dulçor ungidos,
Para em minh'alma resiquir o pranto,
Varrer as dores e estancar gemidos...

E, se em amar-te, despresado sou,
Terei no verso inspiração a flux,
Para cantar-te o que meu ser sonhou
Mesmo «sem échos de esperança» e luz.

E assim meus sonhos, velejando ao léo,
Livres da estyge, poderão, ufanos,
Galgar os frisos dos humbraes do céu
Para beijar-te em commoções e arcanos...

Cyro Lavra Pinto

NÃO É NADA...

O theatro Apollo é, como se sabe, um theatro amplo e confortavel. Raramente se sente calor, ali. Mas si, por acaso, a temperatura começa a se alterar... *te-lé-que*, o machinista torce uma chave e desanda um vendaval medonho, causa, até, de resfriados e pneumonias. Quem não tem curiosidade pela astronomia, custa, às vezes, a descobrir a origem do phenomeno. Com um pouco de attenção, porem, consegue-se divisar, no *zenith* do grande theatro, um microscopico ponto escuro, em que tremulam azas, e que é a causa de toda a tempestade.

Ainda no domingo passado, estando o Apollo repleto, causou panico esse phenomeno metereologico. Muita gente pensava que era um areoplano que se approximava; houve até quem fallasse em furacão. Outros, porém, de cima dos camarotes, conseguiram distinguir bem o *planeta* e nos affirmam que effectivamente não é *bezouro* nem nada, mas, sim, um authentic ventilador electrico, que ali existe, pendurado num fio de arame.

Valha-nos isso.